

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA



THARA WELLS CORRÊA

# OS SENTIDOS DO ENVELHECIMENTO:

MULHERES TRANSEXUAIS  
E TRAVESTIS NA CIDADE  
DE SOROCABA-SP

SOROCABA - SP  
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

**THARA WELLS CORRÊA**

**OS SENTIDOS DO ENVELHECIMENTO: MULHERES TRANSEXUAIS E  
TRAVESTIS NA CIDADE DESOROCABA-SP**

Sorocaba

2024

**THARA WELLS CORRÊA**

**OS SENTIDOS DO ENVELHECIMENTO: MULHERES TRANSEXUAIS E  
TRAVESTIS NA CIDADE DE SOROCABA-SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana, do Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, para obtenção do título de mestra em Estudos da Condição Humana.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelen Christina Leite  
Financiamento: CAPES

Sorocaba

2024

Revisão e diagramação: Pâmela Baena  
Design da capa e contracapa: Tiago Rodrigues

Corrêa, Thara Wells

Os Sentidos do Envelhecimento: Mulheres Transexuais e  
Travestis na cidade de Sorocaba-SP / Thara Wells Corrêa  
-- 2024.  
100f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São  
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba  
Orientador (a): Kelen Christina Leite  
Banca Examinadora: Fina Tranquilin, Megg Rayara  
Gomes de Oliveira  
Bibliografia

1. Envelhecimento. 2. Mulheres transexuais. 3.  
Estratégias de Sobrevivência. I. Corrêa, Thara Wells. II.  
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

#### DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Ciências Humanas e Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Thara Wells Corrêa, realizada em 20/02/2024.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Kelen Christina Leite (UFSCar)

Profa. Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira (UFPR)

Profa. Dra. Josefina de Fatima Tranquilin Silva (ARDPEAAC)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

## DEDICATÓRIA

### Ontem encontrei meu passado

Ontem encontrei meu passado, e confesso que de pronto não o reconheci. Ele estava tão diferente...

Todo coberto, assustado e muito maltratado pelo tempo.

Senti seu medo quando toquei suas mãos ainda lisas, frias e trêmulas.

**Lisas**, por ainda possuírem a inocência, a insegurança, a desproteção animal, e por não terem—ainda — meus calos do presente. Hoje amontoados e cansados, após tantas batalhas... tantas cicatrizes.

**Frias**, por ainda não terem vencido uma guerra que parecia hercúlea, e por ainda não imaginarem quantas outras estão por vir...

**Trêmulas**, por não ter tocado o sol da resistência. Por não ter a coragem de jogar tudo para o alto, e virar a mesa, só para ter o direito de ser quem realmente é. Por não tocar seu coração e sentir pulsar a vida. O Dom de estar vivo.

Este passado, ainda tão jovem, não conhecera o amor, o calor de um abraço, o acolhimento, nem a alegria em ter esperanças. Acreditar! E, a certeza de que tudo dará certo no final.

Falei de amor-próprio e seus olhos marejaram.

Falei da família (que nós escolhemos), e seus joelhos desmoronaram.

Falei dos nossos antigos sonhos, agora realizados. Os mesmos que, enquanto nos escondíamos para chorar e olhar as estrelas, acreditávamos ser impossíveis de realizar.

Falei que nossos monstros hoje não assustam mais. Testemunhei que eram menos poderosos e assustadores do que pareciam, e que o poder deles só se alimentava do nosso medo da escuridão.

Disse que não seria fácil — como nada na vida é. Para ninguém! Mas que também não seria tão difícil quanto imaginávamos. Que bastaria ter muitos amigos (verdadeiros), sorrir e amar intensamente, sem cobrar; sem esquecer-se de se amar em primeira pessoa.

Que precisamos saber recuar às vezes, sim. Mas, depois, saber recalcular a rota e recomeçar, quantas vezes for preciso. Ah, se ele soubesse quantas vezes recomecei...

Olhamo-nos pouco, mas eternamente em toda a sua profundidade.

O presente e passado, juntos. Finalmente, em paz. O futuro e o sucesso, ainda que se atrasem, chegarão a tempo de aplaudir nossa vitória.

Ao me despedir, sorri, abracei-o forte, e pedi insistentemente que se mantivesse firme e forte. Porque se eu estava ali, na sua frente, era porque ele tinha resistido muito, lutado muito, muito, e tinha sobrevivido.

Continue... Por mim, por você, por nós.

*Dedico este texto e esta pesquisa a todas as pessoas trans crianças, adolescentes, adultas e, principalmente, as que não viraram estatística e ousaram envelhecer no Brasil, e que, assim como eu, dedicam-se diariamente a recalcular suas rotas em busca da sobrevivência.*

## AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo à vida pela oportunidade de retomar um sonho, deixado lá no passado, há mais de trinta anos. Durante esse tempo, nunca parei de caminhar, NUNCA! Nem sempre os caminhos foram iluminados pela razão ou pela moral— que a sociedade heteronormativa dizia ser o correto—, mas sempre foram pautados na premissa da sobrevivência com dignidade, sem machucar ninguém (a não ser a mim mesma), em uma realidade em que eu nunca, nem em sonho, pensei em viver; mas que, de repente, se abriu à minha frente como a única alternativa de vida. Olhando para a pessoa que sou hoje, me orgulho tanto, mas tanto, de mim, de toda minha trajetória até aqui, e da forma como eu nunca desisti de juntar meus cacos, levantar a minha cabeça e continuar. Sobrevivi aos inúmeros desafios hercúleos que a vida me deu. E olhem que não foram poucos!

Muitas vezes dilacerada pelas consequências de algumas escolhas erradas, nunca deixei de refletir e agradecer a oportunidade de aprender, recomeçar, rir, chorar, me decepcionar, acreditar, amar e, no final, cativar o amor e o respeito das muitas pessoas que já cruzaram o meu caminho.

Agradeço à Associação de Transgêneros de Sorocaba/ATS e todas/es/os envolvidas/es/os na construção do “Cursinho Prepara Trans Enem/Concurso Público”, pela oportunidade, pelo aprendizado e pelo resgate da minha credibilidade na educação como um caminho possível de salvação. Às/aos Professoras/es, orientadoras/es e mestras/es que acreditaram em mim, muito antes que eu mesma acreditasse.

Agradeço a cada “não” recebido, a cada porta fechada, a cada olhar de discriminação e preconceito. A cada olhar de “desdém” nesta caminhada; a cada pedra atirada nas minhas costas e a todos os obstáculos que se ergueram diante dos meus olhos; tudo isso contribuiu para que eu me tornasse cada vez mais forte.

Provei para mim que sou resistência da cabeça aos pés! Mesmo que, às vezes, meu coração transbordasse de sombras, de ira pela vida que era obrigada a levar, de medos e muitas indecisões... Sempre permiti que a luz entrasse e iluminasse todo o rancor, me teletransportando para muito longe dali.

De todas as pessoas que tocaram meu corpo enquanto profissional do sexo, nunca permiti que estas mãos me alcançassem em essência, e nem que conhecessem a minha verdade. Blindei-me, dentro do possível, com a esperança de um dia conseguir mudar meu destino. Premeditei, com sonhos e atitudes, cada passo para a saída dessa caverna sombria e

sem oportunidades que a sociedade me aprisionou durante tanto tempo. E aqui estou! Crescendo, cada vez mais, e mais!

Hoje, a partir deste trabalho, concluo com êxito e muito orgulho de mim (agora acadêmica), o segundo passo deste caminho... O meu Mestrado!

Agradeço, de modo especial, muito emocionada e agradecida minha orientadora, à doutora e professora Kelen Christina Leite pela confiança na relevância do tema do meu trabalho quando o escolheu. Pela paciência, quando ouvia atentamente minhas inexperientes inquietações acadêmicas, sendo sempre presente, delicada. Com maestria ímpar, soube me direcionar para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada pela parceria! Será sempre uma grande referência para mim. Gratidão!

Agradeço imensamente à doutora e professora Viviane Mendonça por ser sempre tão solar, inteligente, sensível, presente, atenciosa e acolhedora. Suas aulas eram como um “*fiato*” para mim. Gratidão sempre!

Agradeço a toda equipe acadêmica da UFSCar, a todas as pessoas dos grupos de estudos, pessoas incríveis e potentes da minha turma III por todo acolhimento e pela amizade que espero levar pelo resto da vida. Sucesso para vocês!

Agradeço à doutora e professora Fina Tranquilin por ter acreditado no meu potencial desde sempre, me incentivado durante toda minha graduação e, próximo do final dela, me incentivando a tentar o processo seletivo do Mestrado, na UFSCar; e por ser essa pessoa incrível que acredita, torce por cada conquista e luta por uma sociedade menos LGBTfóbica. Gratidão!

Agradeço às Mulheres Trans que fazem parte desse trabalho, dispondo do seu tempo e abrindo sua vida, revivendo suas memórias para que esse trabalho ficasse tão verdadeiro, emocionante e vertendo resistências, além de político e representativo.

Quero agradecer ao meu querido amigo Tiago Rodrigues pela capa e contracapa do meu trabalho. Confesso que não esperava por este presente tão certo e sensível, que retrata o lugar onde passei mais de 30 anos da minha vida.

Agradeço com profunda gratidão à CAPES pelo financiamento dessa pesquisa. Sem ele eu não estaria aqui. Foi a partir desse financiamento que consegui continuar minha pesquisa, e não precisar retroceder nos meus sonhos, voltando à prostituição para sobreviver. Ressalto a importância de se investir nas Ciências Humanas, nas pesquisas com pessoas LGBTs, produzidas por LGBTs.

Hoje sou testemunha da importância em ocuparmos esses espaços, produzindo conhecimentos acadêmicos com a intenção de construirmos uma sociedade diversa, onde

todas/todos/todes possam ter acesso a uma vida digna, menos violenta e com maiores possibilidades de sobrevivência.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financiou essa pesquisa por meio de uma bolsa.

Obrigada!

## RESUMO

CORRÊA, Sarah Pedro. Nome Social: Corrêa, Thara Wells. **Os Sentidos do Envelhecimento:** Mulheres Transexuais e Travestis na cidade de Sorocaba-SP.2024. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024.

A dissertação que ora se apresenta teve por objetivo analisar o sentido do envelhecimento nas narrativas de histórias de vida de mulheres transexuais e travestis residentes na cidade de Sorocaba, interior do estado de São Paulo. Especificamente, buscou-se compreender como essas mulheres constroem a imagem de si tomando como ponto de inflexão do processo do envelhecimento, identificando e compreendendo, em suas narrativas, as sistemáticas estratégias de superação das condições de violência e de exclusão social e institucional a que foram/são submetidas. A pesquisa adotou a História Oral como abordagem teórico-metodológica, proporcionando um enfoque nas memórias e vivências das mulheres transexuais e travestis. Foram entrevistadas quatro mulheres transexuais e travestis acima de 35 anos de idade, residentes na cidade de Sorocaba-SP. Como conclusão, destaca-se a presença de adversidades e desafios enfrentados por essas mulheres, enfatizando, ao mesmo tempo, a importância de políticas públicas e medidas que garantam o pleno exercício de seus direitos ao longo de suas vidas, especificamente na velhice.

**Palavras-chave:** Identidade de Gênero; Envelhecimento; Mulheres transexuais; Travesti; Estratégias de Sobrevivência.

## ABSTRACT

CORRÊA, Sarah Pedro. Social Name: Corrêa, Thara Wells. **The Meanings of Aging: Transsexual and Transvestite Women in the city of Sorocaba-SP.** 2024. 100 p. Dissertation (Master's in Studies of the Human Condition) - Center for Human and Biological Sciences, Federal University of São Carlos, Sorocaba, 2024.

The presented dissertation aimed to analyze the meaning of aging in the life story narratives of transsexual and transvestite women residing in the city of Sorocaba, in the interior of the state of São Paulo. Specifically, the study sought to understand how these women construct their self-image, taking the aging process as a turning point, identifying and understanding, in their narratives, the systematic strategies for overcoming the conditions of violence and social and institutional exclusion to which they have been/are subjected. The research adopted Oral History as a theoretical-methodological approach, focusing on the memories and experiences of transsexual and transvestite women. Four transsexual and transvestite women over 35 years old, residing in the city of Sorocaba-SP, were interviewed. In conclusion, the study highlights the presence of adversities and challenges faced by these women, emphasizing, at the same time, the importance of public policies and measures that ensure the full exercise of their rights throughout their lives, specifically in old age.

**Keywords:** Gender Identity; Aging; Transsexual Women; Trans Women; Survival Strategies.

## GLOSSÁRIO

ABHT	Associação Brasileira de Homens Trans
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
ATS	Associação de Transgênero de Sorocaba
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
GLBTT	Gays lésbicas Bissexuais, Travestis e Transexuais
LGBT	Lesbicas, Gays, Bissexuais e Travestis
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual
ONG	Organização Não-Governamental
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

<b>1 MEMORIAL: A VIDA TAMBÉM É FEITA DE ESCOLHAS.....</b>	<b>12</b>
1.1 HÁ MOMENTOS EM QUE PRECISAMOS RECALCULAR A ROTA.....	14
<b>2 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>3 DISCUSSÃO, POR MEIO DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, SOBRE O ENVELHECER DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO: BREVES APONTAMENTOS.....</b>	<b>28</b>
<b>5 FERNANDA: UMA CRIANÇA “VIADA”.....</b>	<b>33</b>
<b>6 DEISY: EU SEMPRE ME MANTIVE NO LUGAR CERTINHO .....</b>	<b>45</b>
<b>7 ANA: O NOVO SEMPRE VEM.....</b>	<b>53</b>
<b>8 CARLA: ENCONTRAR AMOR VERDADEIRO NA PROSTITUIÇÃO, É POSSÍVEL? .....</b>	<b>58</b>
<b>9 ATRAVESSAMENTOS: O ENVELHECER DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS .....</b>	<b>68</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO A – (MODELO) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>95</b>

## 1 MEMORIAL: A VIDA TAMBÉM É FEITA DE ESCOLHAS

Sou nascida na Zona Leste da cidade de Sorocaba e, desde muito cedo, tive que entender o que é ser uma pessoa fora do padrão. Aos poucos, me dei conta de que o sentimento do “**não**” pertencimento sempre me perseguiria. Não era negra demais para ser negra, mas não tinha a pele clara demais para ser branca; era delicada como uma menina, mas não era uma menina, nem mesmo um menino. Com o passar do tempo, não estar “nem lá, nem cá” e não corresponder a todas essas regras de comportamento me levava a pensar que o problema era eu. Eu não me enquadrava, eu não correspondia, eu... eu...

Aos seis anos de idade, por ser considerada uma criança afeminada, sofri meu primeiro abuso sexual debaixo dos olhos da minha família. Ao olhar do abusador e de seus cúmplices: a culpa era minha, claro! Somado ao abuso sexual, nessa idade eu já apanhava dos mais velhos por não falar e nem andar “igual homem”. Já era motivo de “chacota” na escola por ter a letra “redonda, igual à de menina”. Sofria, me negando ao direito fisiológico básico para que eu não tivesse que usar o banheiro dos meninos e, mesmo clamando por apoio, era ignorada pela escola, pelos professores, pela minha família.

Depois de uma infância de silêncios, na adolescência os abusos se somaram a tantas outras violências que, hoje em dia, nem consigo mensurar. Por conseguinte, aos 17 anos, após o falecimento da minha mãe, fui expulsa de casa por ser considerada a vergonha da família. A partir daí, a prostituição veio forte como um meio de sobrevivência, algo que, infelizmente, acontece a grande porcentagem das mulheres trans e travestis.

Já enquanto profissional do sexo, no ano de 1998, em Sorocaba, vivíamos em um cenário de profunda violência e exclusão. Fosse dentro do meio GLS (sigla vigente na época para Gays, Lésbicas e Simpatizantes), fosse no meio cisheteronormativo. Essas situações me estimularam a reagir e me engajar na militância (que por aqui ainda engatinhava), por meio da ONG Girassol (organização não governamental).

Entramos nos anos 2000 reivindicando “RESPEITO”; e, de certa forma, seguimos reivindicando até os dias de hoje. O movimento trans, pelo menos por aqui, nunca foi unísono. As travestis consideradas não femininas sempre estiveram à frente das lutas, carregando bandeiras e reivindicando direitos e dignidade. “As bonitas”, por conta da passabilidade, acreditando serem inatingíveis pela transfobia, se furtavam da luta. O sentimento de sermos só um “puxadinho” dentro da sigla LGBT nos fez pensar na necessidade de termos um movimento só nosso, que se debruçasse sobre nossas reais

questões, sem romantizá-las, entendendo toda a especificidade que tangenciava nossas vidas, nossas sobrevivências.

Em 2016, o tema da Parada LGBTQ+ foi “Por mais ativismos Trans” e, nessa esteira, surgiu, em 2017, a Associação de Transgênero de Sorocaba (ATS), da qual eu sou uma das cofundadoras. As primeiras ações da ATS giraram em torno de três eixos: educação, como meio de mudarmos nossos destinos de exclusão; acesso à saúde humanizada que, mesmo em 2023, ainda não era uma realidade; e a empregabilidade, direito que, ainda, é acessado por poucas de nós.

O cursinho Prepara Trans/Enem<sup>1</sup> nasceu a partir de uma publicação que fiz nas minhas redes sociais e se tornou inédito em Sorocaba, mudando a vida das vinte e oito pessoas trans inscritas naquele ano (inclusive a mim). Eu, enquanto idealizadora e coordenadora, participei das revisões e, meses depois, estava prestando o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Por consequência, em 2018 estava acessando o ensino superior. Ainda aprisionada à prostituição, paguei (com a ajuda financeira de uma amiga cisgênero) as mensalidades do curso de graduação à distância em Serviço Social na Unopar (Universidade Norte do Paraná), já como parte da minha estratégia para a saída das ruas.

Gostaria de enfatizar que é extremamente importante desromantizar que estar na prostituição é meio de sobrevivência, pois garanto a vocês que não é. Vivi na prostituição por mais de 30 anos da minha vida, sendo refém de toda a depreciação física e psicológica que este meio pode causar. Usei de todas as armas que meu corpo poderia oferecer, tendo como regra principal sobreviver com dignidade, pagar meu aluguel, me alimentar, pagar minhas contas e ajudar a minha família que, mesmo tendo me expulsado, me preocupava, pois sempre teve pouquíssimo para viver.

Diante dessa realidade a qual corpos trans são socialmente sentenciados – da qual não pude fugir das estatísticas –, um corpo travesti, com todos os signos femininos e viris, são os anúncios perfeitos para a sociedade ultraconservadora, que alimenta esse mercado, seja pela procura noturna ou pela violência que nos mata em plena luz do dia. A cultura transfóbica soma-se ao mais sórdido da hipocrisia: Quanto mais viril e feminino é o corpo trans, mas ele é vendável; conseqüentemente e de forma dilacerante, para nós, isso é garantia de termos o pão na mesa.

---

<sup>1</sup>ATS. Cursinho preparatório para o Enem e concursos públicos, exclusivo para pessoas trans. Disponível em: <https://www.associacaotransgenerosdesorocaba.com/blog/programa-trans-enem-concurso-publico/>. Acesso em: out.2023.

Estar na universidade como requisito para melhores oportunidades de emprego, para uma mulher trans negra, é um sonho quase inatingível. Dentro da nossa realidade, a cada vez que faltar o trabalho formal e os boletos chegarem, o aluguel atrasar, e a barriga ameaçar a doer de fome, a prostituição sempre se materializará como opção. Mas que vida é essa? E que tipo de sociedade corrompida é essa que se deleita ao nos marginalizar e tentar a todo custo fazer-nos fazer crer que nosso lugar é onde “eles” querem? Sociedade essa que se consolida já no núcleo escolar e que deveria, por regra, garantir nossa capacitação para acessarmos o mercado formal de trabalho. Mas é, infelizmente, um espaço de violência e não acesso às pessoas trans. Somos muitas na prostituição, reféns de um Estado que ignora, aprisiona e discrimina, além de não oferecer oportunidades de mudança dessa realidade.

Ainda em 2023, por mais ridículo que possa parecer, e é, pessoas trans lutam pelo “direito” de usar o banheiro de acordo com sua identidade de gênero, sem ter que se defender da acusação de sermos “potenciais estupradores”.

Não tenho a intenção de me vitimizar. Pelo contrário, tenho milhões de motivos para me orgulhar da minha trajetória até aqui, além de todos os obstáculos que venci, e continuo vencendo cada dia, mais e mais. Os desafios lançados a esta criatura que escreve, pesquisa, e que se atreve a reivindicar o direito de viver à luz do dia são hercúleos, porém, não são mais fortes que meus sonhos.

### 1.1 HÁ MOMENTOS EM QUE PRECISAMOS RECALCULAR A ROTA

Parecia ser uma noite de trabalho como qualquer outra. Eu estava em pé na esquina, toda produzida, cheirosa, exalando fetiche, salto altíssimo, com um lado do fone de ouvido ouvindo músicas; o outro lado, livre e atento.

O movimento estava ótimo, com muitos carros rodando na rua. A minha bolsa já estava bem contente, e estava vindo mais dinheiro. Já tinha saído muitas vezes e meu corpo cada vez mais viciado naquilo. Naquele ano, eu estava comemorando bodas de prata de prostituição. Muitas histórias na bagagem. Eu era respeitada entre as mais velhas, temida pelas mais novas e desejada pelos meus clientes. Era o auge! Meu corpo já havia se transformado em uma máquina sexual. Eu não sentia mais nada.

No nosso meio, ecoavam os bordões: “travesti não sente fome, frio nem dor”. Era isso! Anestesiada para não se dar conta de que o tempo passa, e você vai ficando para trás.

Madrugada a dentro, sentei-me em uma muretinha para descansar. Não queria ir embora, queria mais. A adrenalina de ser desejada é ótima. É revigorante. Dá tesão ver alguns

perfis de homens se humilhando para pagar por um programa, mesmo sabendo que é algo efêmero, e que, se o mesmo perfil nos encontrar à luz do dia, ninguém vai imaginar quem ele é, ou do que ele gosta de fazer no sigilo, entre quatro paredes. Mas, no meu caso, sempre ficaria estampado na minha cara, no meu corpo, a minha profissão e meu modo de vida marginalizado. Num momento de reflexão, me vi envelhecendo ali, naquela esquina, não sendo mais desejada, e me lembrei da fala de uma amiga que tinha o desejo de morrer antes de envelhecer. Ela dizia que envelhecer sendo prostituta, não ganhar dinheiro, não ser mais desejada, seria a maior humilhação, e que ela não queria passar por isso. E não passou mesmo, fez de tudo para morrer próximo de completar quarenta anos...

Ela dizia: “Corpos pagos, são corpos desejados. Corpos não pagos são apenas corpos”. Eu sempre ria (de nervoso) ouvindo isso. A reflexão sobre isso era bem profunda e realista. Em um momento pensei em tudo que vivi, sobrevivi, e, num lapso de consciência, percebi que era chegada a hora de recalculiar (novamente) a rota de saída.

Comecei a me perguntar o que eu gostaria de fazer como profissão, quais eram meus dons, minhas aptidões, meus talentos e as minhas possibilidades de dar certo, mesmo aos quarenta e poucos anos. Permaneci no momento “Icê”: “I se isso, I se aquilo...”

Os anos passaram muito rápido desde o primeiro dia ali, mas a imagem de profissional do sexo era a que sempre me incomodava. Não queria morrer e ser lembrada só como prostituta. Fui essa profissional a minha vida toda. Nunca tinha trabalhado em outra coisa. Não tinha *Curriculum Vitae*, nunca tive férias, salários, abonos, 13º, muito menos FGTS, INSS e, conseqüentemente, com certeza não me aposentaria. Minha carteira profissional tirei aos quatorze anos e, desde então, restava toda despedaçada, jogada no fundo do armário. Ainda pensando sobre o meu futuro, eis que me lembrei de outra fala de uma militante trans que conheci em um evento, e quando perguntei se ela ainda fazia rua, ela me respondeu: **“Enquanto as rugas do meu rosto forem menores do que os clientes que me procuram, estarei em pé na esquina”**.

Aquilo veio tão forte, e me deu um nó na garganta, Pensei: CHEGA! Eu quero ser mais que isso. Eu posso ser muito mais que isso... E vou tentar ser.

Ainda nas ruas, reduzi a compra de perfumes, saltos, bolsas, maquiagens, e comecei a pensar nas mensalidades da faculdade. Agora, ao invés de ouvir músicas na esquina, assistia/ouvia as vídeo aulas das disciplinas. Me dediquei a cada texto, a cada trabalho, a cada prova, mesmo com todos os obstáculos que vieram.

O desrespeito ao meu nome social era constantemente ecoado nos documentos oficiais, nos boletos, nas listas de presença, no portal do aluno e nas mensagens emitidas pelos

funcionários, mas nunca me deixei abater. Briguei, reivindiquei, ameacei processar, chamar a TV, ficar pelada e etc. Estava determinada a fazer qualquer coisa que tivesse algum impacto para exigir o meu direito ao respeito à minha identidade de gênero.

Nos meus quatro anos de graduação, infelizmente eu fui a única pessoa trans que acessou, permaneceu, e se graduou.

Aos poucos, fui provando para mim que eu era capaz de ser e estar.

Está sendo um caminho do qual me orgulho muito e confesso que, com certeza, em cada espaço que ocupei enquanto graduada, tentei deixar o meu melhor, além de ser cuidadosa ao entrar no mundo de cada um/uma, mesmo que esse cuidado não fosse recíproco.

Algumas pessoas me relataram que sou “Um Furação”. Talvez, quem sabe, eu seja mesmo... Falei exaustivamente sobre o respeito, as lutas e de todas as dificuldades de ser trans no Brasil.

Mesmo não indo mais para a rua, enfrentei um período bem difícil de desintoxicação e abstinência daquela rotina. A prostituta acabou perdendo espaço para a estagiária, a assistente social, a pesquisadora e acadêmica. Meu corpo demorou mais de dois anos para entender que eu não precisava mais ser uma máquina sexual. Que eu não precisaria mais exalar fetiche em troca de dinheiro e que o sexo poderia ser prazeroso sim; e que eu poderia fazer o que, como, do jeito que eu queria fazer e sentir prazer de verdade.

É uma readequação de vida quando se entra na prostituição, e outra, quando se sai dela. Ambas as readequações são avassaladoras.

Hoje, sou Assistente Social, Conselheira Tutelar, Palestrante, Militante pelos Direitos de humanos de pessoas Transgênero. Fui bolsista Capes, Mestranda em Estudos da Condição Humana e, muito em breve, logo ali, serei Doutora!

Sigo no desafio diário de me manter viva, com a mente sã, produzindo e socialmente presente. Estas, enquanto depender de mim, sempre serão as minhas respostas a todas as formas de opressão, discriminação, preconceito e falta de oportunidades das quais, ainda, somos tão reféns.

Chegar até aqui é uma vitória? Sem sombra de dúvidas é. Me sentir capaz, trazer meu olhar sobre o mundo em que vivo, minhas dúvidas, perguntas e percepções, agora enquanto (trans) pesquisadora, nem nos meus melhores sonhos poderia imaginar. É mais um degrau para a saída da caverna a qual fui lançada ainda na juventude (fazendo uma analogia ao mito da caverna, do filósofo grego Platão, 428 aC-348 aC). A mesma caverna onde fui esquecida, aprisionada, silenciada e depois de muito tempo me senti confortável, aceitando a sentença de que morreria ali. SQN!

A caverna é o mundo das aparências, as sombras equivalem àquilo que percebemos, já os grilhões são nossos preconceitos e opiniões. Portanto o prisioneiro que se liberta representa o filósofo e a luz do sol a realidade. O instrumento que quebra os grilhões representa a filosofia. (Antunes, 2013, p. 20)

O meu despertar aconteceu a partir do não sentir. Não sentir mais os impactos daquela realidade me incomodou, e percebi que teria uma única chance de sair. A educação era a minha última chance, a minha única saída. Produzir conhecimento enquanto pesquisadora, e não mais como um objeto a ser estudado, mudou tudo. Mudou minha realidade. Mudou minha história. Mudou meu lugar no mundo. “Eu não poderia escolher tema mais representativo e, ao mesmo tempo, impactante do que a questão das ‘Estratégias de Sobrevivências’ e ‘os Sentidos do Envelhecimento’ de Mulheres Trans e Travestis.

Como sobrevivem, como enfrentam as situações de exclusão, as depreciações físicas e psicológicas, a solidão, a falta de afeto e a sentença de estarem sempre à margem de uma sociedade conservadora, que se alimenta dos nossos medos e rejeições, e se esbalda nas nossas vulnerabilidades, nos matando a luz do dia, mas usufruindo dos nossos carinhos a noite. A mesma sociedade que mata, quando nos expulsa do ambiente familiar, do acolhimento, dos espaços educacionais, de um atendimento na saúde de forma humanizada, do mercado de trabalho e do respeito a nossa cidadania. Mata, quando fetichiza nossa infância, arrancando nossa inocência, mutilando nossas identidades e violando para sempre nossos corpos. Desse modo, esta pesquisa surge com um modo de escancarar essa realidade cruel, e que ainda muitos romantizam. Nossa verdadeira história, para além do “lacre acadêmico”, traz muita dor, asco, sonhos, lágrimas, a busca pelo amor-próprio, morte e vida.

Hoje sei que a pesquisadora e a observadora já moravam em mim, antes mesmo que eu me desse conta disso. Portanto, o interesse por esta temática, como relatei acima, surgiu dos meus questionamentos e pensamentos; do meu modo de olhar a minha vida, a minha sobrevivência; da observação do mundo em que fui lançada; das inúmeras situações de privações de direitos; de tantos aprisionamentos enquanto pessoa humana, além de todas as estratégias que precisei desenvolver enquanto profissional do sexo acima da idade do que se convencionou chamar de “expectativa de vida” de uma pessoa trans no Brasil.

Ter 40+, 50+, 60+<sup>2</sup>, sendo mulher trans, por mais “lacrador” que aparente ser—e deveríamos celebrar diariamente essas vidas — traz consigo, na verdade, um conjunto de inseguranças, medos, solidão afetiva, violências institucionais e um grande desafio em conseguir garantir diariamente seu sustento.

---

<sup>2</sup> O símbolo “+” (mais) usado na pesquisa após a idade indica a faixa etária, ou seja, 40+ (leia-se “quarenta mais”) refere-se à idade entre 40 e 49 anos, sem revelar a idade precisa.

## 2 INTRODUÇÃO

O crescente interesse nas pesquisas sobre as trajetórias de vida de travestis e mulheres transexuais brasileiras ganhou destaque a partir da década de 1990. Contudo, como apontado por Marília dos Santos Amaral, Talita Caetano Silva, Karla de Oliveira Cruz e Maria Juracy Filgueiras Toneli (2014), a visibilidade dessa temática intensificou-se dos anos 2000 em diante, coincidindo com o aumento dos estudos de gênero e sexualidade. Enquanto o enfoque de estudos sobre mulheres travestis e transexuais se consolidava nesse período, a abordagem específica do envelhecimento dessa população emergiu apenas mais recentemente.

A pesquisa pioneira de Mônica Soares Siqueira (2004), intitulada "Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice", destaca-se como uma das primeiras incursões nesse campo. O estudo, conduzido através de pesquisa etnográfica no Rio de Janeiro, explorou os significados do envelhecimento para cinco travestis entre 59 e 79 anos, revelando a dualidade de perceber esse estágio da vida de maneira positiva, ao mesmo tempo em que ressaltava as dificuldades associadas à longevidade.

É relevante notar, desde o início, que a concepção de velhice adotada nesta pesquisa difere das definições convencionais, como as estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) e o Estatuto do Idoso no Brasil, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Neste contexto, a velhice é abordada a partir da perspectiva das pessoas trans e travestis, alinhando-se a pesquisas anteriores que situam esse estágio da vida em torno dos 35/40 anos.

Com base nessa concepção de velhice, a presente dissertação se propõe a analisar os sentidos do envelhecimento nas narrativas de mulheres transexuais e travestis com mais de 35 anos em Sorocaba, interior de São Paulo. Distanciando-se da maioria dos estudos que se concentraram em capitais, a pesquisa visa compreender como essas mulheres constroem sua imagem na sociedade diante do processo de envelhecimento, identificando estratégias de superação das condições de violência e exclusão social e institucional presentes nesse contexto.

Para alcançar tal objetivo, a dissertação estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, são discutidos alguns estudos relevantes sobre o envelhecimento de pessoas trans e travestis. A seguir, alguns apontamentos sobre o percurso metodológico, descrevendo os procedimentos de acesso às narrativas e memórias de quatro mulheres travestis e transexuais. São apresentadas as histórias dessas quatro mulheres para, em capítulo posterior, compreender o processo de envelhecimento, a construção de uma imagem de si e das estratégias de (re)existência dessas mulheres. A dissertação se encerra com algumas considerações finais.

### **3 DISCUSSÃO, POR MEIO DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, SOBRE O ENVELHECER DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS**

Uma revisão crítica da literatura sobre travestilidades foi conduzida por Marília dos Santos Amaral, Talita Caetano Silva, Karla de Oliveira Cruz e Maria Juracy Filgueiras Toneli (2014). As autoras delinearão o panorama das publicações científicas brasileiras no período de 2001 a 2010, destacando a predominância de estudos centrados em tópicos como o HIV/AIDS, transformações corporais e a prostituição entre as travestis. Observaram, no entanto, uma escassez de trabalhos abordando questões relacionadas ao envelhecimento, adolescência, educação e violências enfrentadas por essa comunidade. Ressaltaram, ainda, a urgência e a necessidade de pesquisas nessas áreas específicas, enfatizando sua relevância para a formulação de políticas públicas mais abrangentes e inclusivas.

Ao refletir sobre os resultados citados acima, Sara Wagner York, Megg Rayara Gomes Oliveira e Bruna Benevides (2020) destacaram que os primeiros estudos sobre travestis foram conduzidos predominantemente por pesquisadores cisgêneros que, em suas palavras, "invadiram os não lugares designados àqueles destinados à existência possível dos travestis" (York; Oliveira; Benevides, 2020, p. 5). Inicialmente, esses pesquisadores buscaram analisar a dinâmica dos corpos de travestis, investigando como esses corpos se organizavam e como as pessoas viviam em situações concretas de exclusão social.

Os desdobramentos desses estudos possibilitaram a elaboração das primeiras categorias que delineavam a existência do corpo travesti. Nesse contexto, foi construído um espaço em que travestis e transexuais militantes puderam assumir o protagonismo na narração de suas próprias histórias, frequentemente negadas e silenciadas por uma sociedade que as relegam à condição de corpos abjetos (Butler, 2015), corpos estes que são entendidos/lidos como entidades que supostamente não deveriam existir e que são menosprezados dentro de determinadas construções culturais.

Assim, ao apropriarem-se e tornarem-se protagonistas de suas próprias histórias e narrativas, as travestis e mulheres transexuais militantes assumiram, nas últimas décadas, papéis diversos, como estudantes, educadoras, doutoras e pesquisadoras. Nesse processo, construíram uma perspectiva única de conhecimento sobre si mesmas, suas experiências e desafios. Elas não apenas abordaram seus próprios problemas de pesquisa, mas também conquistaram espaço no ambiente acadêmico. De acordo com York, Oliveira e Benevides (2020), a presença crescente de pesquisadoras travestis e mulheres transexuais nesse espaço

tem possibilitado a redefinição e reformulação das questões de pesquisa, resultando na produção de um conhecimento autêntico sobre a experiência de vida desses grupos.

O embasamento teórico desta pesquisa apoia-se nos estudos de gênero e sexualidade, com particular atenção voltada para a investigação sobre pessoas trans e travestis. O enfoque concentra-se na compreensão da formação da imagem de si na sociedade, especialmente durante o processo de envelhecimento, além das estratégias de sobrevivência desenvolvidas por essas mulheres ao longo de suas vidas em meio a um contexto caracterizado pela exclusão social, institucional e familiar. A pesquisa busca, ainda, compreender a construção das lutas e resistências dessas mulheres pela sobrevivência em uma sociedade permeada por estruturas patriarcais.

No contexto da compreensão da interseção entre travestilidade e envelhecimento, Siqueira (2004) conduziu um estudo antropológico sobre travestis e velhice, com o objetivo de entender os significados e implicações do processo de envelhecimento para esses indivíduos. Por meio de uma pesquisa etnográfica na cidade do Rio de Janeiro, a autora investigou a experiência de pessoas com idades entre 59 e 79 anos, destacando a atenção dada por essas mulheres à dificuldade em atingir essa faixa etária.

Já no âmbito da gerontologia, Antunes (2010) conduziu um estudo baseado nas histórias de vida de três pessoas transexuais, com o objetivo de identificar suas demandas e necessidades no processo de envelhecimento. O autor destaca a preocupação com o contexto de violência e a baixa expectativa de vida dessas pessoas, embora ressalte a ausência de dados específicos que possam nos fornecer, de fato, a expectativa de vida de pessoas trans. Ao atingirem a velhice, passam a ser reconhecidas e se autodenominam como sobreviventes, destacando a resiliência necessária para enfrentar os desafios ao longo de suas vidas.

Com o intuito de investigar como as travestis enfrentam o envelhecimento e a velhice, Francisco Jander de Sousa Nogueira (2013) conduziu uma pesquisa com travestis em Fortaleza e Lisboa, utilizando narrativas biográficas que enfocaram, principalmente, nos significados e sentidos atribuídos aos seus corpos. O autor concluiu que seus corpos permanecem como uma forma de contestação às normas de gênero e sexualidade, ressaltando que as travestis constantemente constroem e reconstroem suas identidades por meio de suas experiências.

A partir de uma abordagem qualitativa, Ilana Mountian (2015) produziu uma pesquisa com travestis que eram consideradas idosas, com idade superior a 46 anos, e que residiam em diversas cidades do Brasil, desempenhando diferentes ocupações, como cabeleireiras, cantoras, prostitutas e ativistas dos direitos humanos e cidadania. Partindo de uma perspectiva

feminista, *queer* e pós-colonial, e utilizando a metodologia de análise do discurso, os resultados de sua pesquisa revelaram que as travestis entrevistadas frequentemente se viam obrigadas a mudar de local, cidade ou país, principalmente devido às manifestações de transfobia locais. Considerando os processos migratórios compulsórios como efeitos do racismo, das questões de classe social, idade, entre outros, a pesquisa ressalta que a população travesti parece buscar, incessantemente, por lugares menos transfóbicos para uma maior mobilidade social e segurança.

Especificamente nesse contexto, a autora concluiu que a transfobia desempenha um papel central na análise da relação das travestis com o envelhecimento. Ela identificou uma maneira peculiar pela qual as travestis se percebem como idosas, especialmente quando atingem mais de 40 anos, e como experimentam as transformações corporais do envelhecimento, relacionadas ao uso de próteses, cirurgias plásticas e silicones que podem compor seus corpos, trazendo preocupações como as dificuldades para o acesso à saúde. Os resultados apontaram para a necessidade de aprofundamento em estudos sobre o modo como o envelhecimento é percebido por travestis e mulheres transexuais no sentido de compreender a predisposição particular em experienciar os desafios da velhice e, por outro lado, contribui para fornecer subsídios para formulações de políticas públicas específicas para essa população.

Segundo Guita Grin Debert (1999; 2000), Alda Britto Da Motta (1999) e Myriam Moraes Lins de Barros (2006), a compreensão da velhice está intrinsecamente ligada a contingências históricas e culturais em nossas sociedades. Os autores propõem que a análise da velhice deve considerar outros marcadores sociais da diferença, como gênero, raça, sexualidade e classe, a fim de evidenciar a heterogeneidade na vivência da passagem do tempo.

Nesse contexto, Vanessa Sander e Lorena Hellen de Oliveira (2016) realizaram uma pesquisa em Belo Horizonte - MG utilizando uma perspectiva interseccional. O estudo destacou a combinação de processos históricos, sociais e políticos que contribuíram para a formação de identidades coletivas e sentimentos de pertencimento geracional entre as travestis. A pesquisa explorou a dimensão pessoal de suas experiências na velhice, enfatizando como as experiências ganham forma por meio das (re)apropriações e recriações do(s) mundo(s), das micropolíticas cotidianas e das capacidades de resistência das travestis. Esses elementos não apenas possibilitam o envelhecimento, como também favorecem uma vivência envelhecida que é marcada pela felicidade, apesar dos diversos constrangimentos sociais que enfrentam para garantir sua sobrevivência.

O envelhecimento de travestis no Brasil também foi tema do estudo de Lovison, Santos e Klein (2019). Tratou-se de revisão bibliográfica utilizando como base a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), artigos do Google Acadêmico, teses e dissertações indexadas na Medline e Scielo, empregando os descritores: travestis; gênero; envelhecimento e corpo, no período de 2000 a 2015. Foram encontrados 19 trabalhos na revisão bibliográfica realizada durante o período. Concluíram que estudos sobre o envelhecimento de pessoas que se definem como travestis são escassos e ressaltam temas como a exclusão social, familiar e profissional, e a prostituição. Um dado que é ressaltado nos resultados dos estudos analisados é que o percentual de travestis que vivenciam o envelhecimento é baixo e o acesso à saúde é um dos desafios mais importantes enfrentados por elas, indicando carência na efetivação de políticas públicas de saúde voltadas a essa população.

Ao aprofundar a investigação no contexto argentino, Soich (2018) destaca a importância de evitar abordagens patologizantes e essencialistas ao lidar com os direitos humanos de pessoas transexuais e travestis. O autor analisou textos orais autobiográficos de indivíduos trans na cidade de Buenos Aires entre 2012 e 2016, concluindo que a representação de si que eles desenvolvem está centrada na ideia de mobilidade temporária e ação dinâmica constante. O resultado corrobora a proposta da acadêmica e ativista trans-peruana-argentina Cláudia Vásquez Haro, que advoga pelo uso do termo "identidade de processos" em vez de "identidade de gênero". A pesquisa sugere, portanto, que a escuta atenta das representações próprias de si produzidas por travestis e mulheres transexuais é uma agenda de pesquisa necessária, promovendo uma compreensão mais rica e contextualizada das suas experiências vividas.

Os resultados das pesquisas mencionadas destacam a crucial importância de uma escuta sensível das representações e experiências singulares do envelhecimento elaboradas por travestis e mulheres transexuais. De acordo com Butler (2015, p. 17), existem sujeitos que "não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há vidas que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas". Nesse contexto, analisar a realidade vivenciada pelas mulheres transexuais e travestis com um olhar atento às categorias de classe, raça/etnia e gênero/identidade de gênero torna-se fundamental, uma vez que tais realidades se entrecruzam nessas experiências, permitindo compreender, conforme Berenice Bento (2017, p. 49), "o lugar reservado socialmente aos corpos sem inteligibilidade social". Dessa forma, ouvir as histórias de vida daquelas que experimentam o processo de envelhecimento, apesar dos inúmeros obstáculos destacados nos estudos aqui apresentados, torna-se uma tarefa ainda mais crucial.

Considerando as estatísticas alarmantes de violências físicas, emocionais e institucionais que as pessoas transgênero enfrentam em nosso país, desde a infância até a idade laboral e, em alguns casos, até alcançarem a velhice, torna-se importante destacar que os desafios diários para a sobrevivência se somam aos inúmeros silenciamentos sociais. Asmulheres trans e travestis vivenciam descobertas solitárias de si mesmas e de sua identidade de gênero, diante de uma realidade difícil marcada pelo abandono, frequentemente negligenciado por uma sociedade patriarcal firmemente enraizada na cisnormatividade<sup>3</sup>.

Estudos recentes conduzidos por Bruna Benevides (2022) em colaboração com a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA) revelam que, em média, mulheres transexuais e travestis são expulsas do convívio familiar aos 13 anos de idade. O precoce afastamento as coloca em um contexto de múltiplas formas de violência, resultando em uma realidade em que se encontram socialmente aprisionadas, marginalizadas e excluídas. A falta de acesso à educação, a ausência de apoio familiar e a escassez de oportunidades de emprego formal, seja devido à falta de formação ou à presença de transfobia, tornam-se desafios significativos em suas trajetórias de vida e conduzem as mulheres trans e travestis à prostituição.

Ainda segundo o levantamento da ANTRA apresentado ao Ministério dos Direitos Humanos<sup>4</sup>, no ano de 2022, 151 pessoas trans morreram, sendo 130 travestis e mulheres transexuais assassinadas, 1 homem trans/pessoa transmasculina, e 20 delas cometeram suicídio. Nesse contexto, diante da ausência de estatísticas oficiais, mas utilizando-se de dados aproximativos, o Brasil lamentavelmente mantém sua posição como o país que mais registra assassinatos de pessoas trans pelo 14º ano consecutivo, conforme dados compilados pela ONG Transgender Europe, divulgados em novembro de 2022. É importante ressaltar que, segundo a ANTRA (2022), houve uma diminuição no número de assassinatos em relação ao ano anterior. Ainda assim, esse triste cenário evidencia a persistência de desafios significativos, indicando que, embora tenha havido uma redução, o Brasil continua liderando em homicídios de pessoas trans.

Essa constatação levanta questionamentos sobre a eficácia das políticas públicas voltadas para a comunidade. Em consonância com os dados apresentados, podemos inferir

---

<sup>3</sup> Partindo dos estudos de Beatriz Pagliarini Bagagli, Viviani Vergueiro Simakawa define cisnormatividade como “(...) um conjunto de dispositivos de poder institucionais e não institucionais que produzem, ou ao menos são projetados para produzir, a cisgeneridade enquanto a identidade de gênero ‘esperada’, ‘natural’, saudável, ‘biológica’, ‘congruente’” (Simakawa, 2020, p. 455). O termo ‘cisgênero’ é um conceito que abarca as pessoas que se identificam como gênero que lhes foi designado quando de seu nascimento (Jesus, 2012).

<sup>4</sup> Carta Capital. 151 Pessoas trans morreram em 2022 no Brasil. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/151-pessoas-trans-morreram-em-2022-no-brasil-131-delas-assassinadas-aponta-estudo/>. Acesso em: 17 maio 2023.

que são poucas as políticas públicas implementadas, e aquelas existentes foram moldadas como resposta às incansáveis lutas dos movimentos sociais que defendem a vida das pessoas trans. Quando nos referimos a políticas públicas para pessoas trans, estamos abordando qualquer iniciativa ou programa criado pelo poder público que trate especificamente das dificuldades inerentes às vivências dessa população, com o potencial de mitigá-las ou resolvê-las. A persistência desses desafios ressalta a necessidade urgente de uma abordagem mais abrangente e efetiva por parte do Estado para garantir a segurança e o bem-estar das pessoas trans no país.

Alguns exemplos dessas políticas públicas voltadas para a população trans no Brasil ocorrem no âmbito nacional, estadual ou municipal. As iniciativas variam em termos de abrangência geográfica e podem incluir:

- as políticas que garantem o direito à retificação do prenome e gênero nos documentos oficiais, sem a necessidade de realizar cirurgia de redesignação sexual ou obter decisão judicial. Além disso, muitas dessas políticas também contemplam o direito à utilização do nome social;
- o acolhimento em abrigos. Há, em alguns lugares, políticas públicas que mantêm abrigos específicos, parcial ou exclusivamente destinados ao acolhimento de pessoas trans em situação de vulnerabilidade. Os abrigos visam proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para aqueles que enfrentam dificuldades decorrentes da discriminação e marginalização;
- ambulatórios de Saúde Integral para Travestis e Transexuais. Em alguns locais, ainda poucos, são mantidos ambulatórios de Saúde Integral voltados especificamente para travestis e transexuais. Os ambulatórios buscam oferecer serviços de saúde adequados e sensíveis às necessidades dessa população, considerando suas particularidades e demandas específicas.

A realidade em Sorocaba, interior do estado de São Paulo, onde esta pesquisa foi conduzida, revela a ausência de políticas públicas específicas formuladas para atender às necessidades da população transgênero. Sorocaba, como é comum em muitas cidades do interior paulista, caracteriza-se por sua natureza conservadora. Este cenário reflete-se, por exemplo, na Câmara Municipal, onde projetos muitas vezes contrários à constituição de garantia de direitos são propostos, e alguns vereadores atuam de modo a reforçar preconceitos (Mendonça, 2017).

A postura conservadora da Câmara Municipal de Sorocaba é evidenciada em projetos que frequentemente são aprovados. Alguns dos projetos, além de não promoverem a garantia de direitos, vão de encontro aos princípios constitucionais e perpetuam preconceitos. Exemplos das proposições incluem condenações, tanto em discursos quanto em projetos de lei, ao uso do banheiro feminino por mulheres trans e travestis, argumentando que elas "não são mulheres no sentido completo".

Além disso, há participação em cerimônias que celebram o funcionamento do ensino cívico-militar, a instituição do Dia Municipal em Defesa da Vida e Contra o Aborto, a proibição da instalação de banheiros neutros, públicos e/ou comerciais, bem como a proibição de instituições de ensino e bancas examinadoras utilizarem novas formas de flexão de gênero das palavras da língua portuguesa. Outras propostas incluem tentativas de proibir a participação de atletas identificados(as) como transexuais nos esportes, a implementação do projeto Escola Sem Partido e a retirada de livros paradidáticos que abordam a educação sexual das escolas.

Esses elementos apontam para um contexto desafiador em Sorocaba, onde as políticas municipais frequentemente se desviam do compromisso com a promoção da inclusão e da igualdade, representando uma barreira significativa para a construção de uma sociedade mais justa e respeitosa com a diversidade de identidades de gênero.

É relevante destacar ainda que, paradoxalmente, o Brasil, sendo o país que mais registra casos de violência letal contra pessoas trans no mundo, é também um dos maiores consumidores de pornografia envolvendo pessoas trans. Conforme apontado por Benevides (2020) em um artigo na revista digital *Híbrida*<sup>5</sup>, a constatação se baseia em dados do relatório sobre o consumo de pornografia em 20 países, divulgado pelo site REDtube:

[...] o Brasil, que nunca fica de fora dessa lista, demonstrou mais uma vez em 2019 o paradoxo de viver entre o desejo e o ódio em relação às travestis e transexuais”, uma vez que desde 2016, o Brasil é “o país que mais consome pornografia com pessoas trans” (...) (Benevides, 2020)<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup>BENEVIDES, B. Brasil lidera consumo de pornografia trans no mundo [e de assassinatos]. *Híbrida*, 2020. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans>. Acesso em: 30 maio 2022.

<sup>6</sup>A título de atualização dos dados, conforme publicado no Dossiê de Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2022, o Brasil segue no topo do ranking como o país que mais consome pornografia Trans. Relatório anual demonstra que o Brasil foi o que mais procurou pornografia trans em 2022. Disponível em: <https://gay.blog.br/noticias/brasil-foi-o-pais-que-mais-procurou-pornografia-trans-em-2022-segundopornhub/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

Assim, diante do apresentado até aqui, evidencia-se a urgência de abordar não apenas as questões ligadas à violência e ao preconceito, mas também de criar condições sociais que permitam uma vida digna e oportunidades iguais para as mulheres transexuais e as travestis.

Segundo Antunes e Mercadante (2011, p. 122) ocorre, em muitos casos, um:

(...) grande impacto na vida dos travestis que envelhecem sustentando-se da prostituição: com a chegada da velhice, os atributos físicos não se permitem manter em primeiro plano, deixando, pois, de ser considerados belos. A seguir, ela destaca a posição das travestis mais velhas diante das demais mais novas, a quem devem servir de espelhos e modelos. É imprescindível que estas últimas conheçam a trajetória das mais velhas e as reconheçam em seu papel; dessa forma, as mais novas podem se dar conta de que, se gozam de alguma liberdade e certo espaço na atualidade, isto se dá graças às mais velhas que “abriram” o caminho à custa de muitas lutas.

Muitas delas, com todas as depreciações físicas e psicológicas dadas pelo tempo, “destransicionam”, ou seja, voltam para o “armário”, renunciando sua identidade:

(...) a travesti mais velha geralmente tende a se ocultar. A velhice não é valorizada, inclusive entre as travestis. É como se a travesti perdesse sua função ao envelhecer. Então, acaba desaparecendo de vista. Há relatos de algumas que envelhecem e voltam a se vestir como homens. Passam por uma espécie de “des-transformação”. Outras acabam assumindo tarefas diversas, como as de: costureiras, domésticas, cozinheiras, cabeleireiras, maquiadoras, bombadeiras, cafetinas, locatárias, agenciadoras, artistas etc. (Antunes; Mercadante, 2011, p.122).

Diante de um contexto transfóbico e violento que permeia a realidade das travestis e mulheres trans, alcançar a velhice é uma tarefa extremamente difícil. O processo de envelhecimento e a experiência da velhice nem sempre são vivenciados de maneira tranquila, especialmente para aquelas que, ao longo de toda a vida, foram vítimas das diversas formas da violência já mencionadas. Conforme observado por Pedro Paulo Sammarco Antunes e Elisabeth Mercadante (2011, p. 11), as travestis em processo de envelhecimento enfrentam uma dupla estigmatização: pela própria condição de envelhecimento e por estarem vivendo como travestis, o que compõe um cenário desafiador e complexo.

Subalternizados e vulnerabilizados por uma estrutura social excludente, os corpos das mulheres transexuais e travestis frequentemente se veem limitados à prostituição, muitas vezes configurando-se como uma das poucas alternativas de sustento disponíveis. Expostas à expulsão de seus lares e negligenciadas pelo Estado, devido à falta de políticas públicas específicas para essa população, as raras mulheres transexuais e travestis que conseguem envelhecer enfrentam, muitas vezes, um cenário de esquecimento por parte de suas famílias, rejeição pela sociedade e invisibilidade por parte do Estado. Essas mulheres não têm garantias

de uma velhice com direitos, respeito e dignidade, como apontam Antunes e Mercadante (2011, p. 122).

A análise e interpretação dos significados atribuídos à imagem de si, ao corpo e à percepção do envelhecer, foco central desta dissertação, manifestam-se como um processo simultaneamente individual e coletivo. Em outras palavras, essa reflexão não apenas influencia o contexto social, mas também transcende suas limitações, uma vez que as narrativas sobre o *self* não se restringem ao autoconhecimento do narrador. Conforme argumentado por Viviane Melo de Mendonça-Magro (2003), em tais narrativas está contida a identidade sociocultural construída pela sua comunidade de fala e de origem, no decorrer da história. Portanto, a produção de sentidos sobre o envelhecimento não apenas reflete as experiências pessoais, mas também tece uma complexa tapeçaria de influências culturais e sociais que moldam as narrativas individuais. Este enfoque interliga o microcosmo das experiências pessoais com o macrocosmo das dinâmicas socioculturais, enriquecendo a compreensão das complexas interações entre o indivíduo e a sociedade no processo de construção da identidade ao longo do tempo.

Dessa forma, parte-se, neste trabalho, da premissa fundamental de que os indivíduos não são apenas receptores passivos das experiências vividas, mas ativos na produção de sentidos ao longo de suas trajetórias de vida. Em outras palavras, é na interação e confronto de sentidos que a subjetividade se constrói, permitindo que os sujeitos expressem de maneira única e pessoal os complexos processos da realidade concreta vivida. Sob essa perspectiva, o presente trabalho visa compreender a produção de significados em torno do envelhecimento nas histórias de vida de travestis e mulheres transexuais, reconhecendo a importância da interação entre experiência pessoal e contexto social na construção da subjetividade ao longo do tempo e identificando e compreendendo, nas narrativas de nossas entrevistadas, as estratégias de superação das condições de violência, de exclusão social e institucional a qual estão submetidas. Para tanto, a presente pesquisa faz uso da História Oral de vida como uma abordagem teórico-metodológica.

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO: BREVES APONTAMENTOS

A presente pesquisa se insere na perspectiva qualitativa com a utilização da história oral de vida como abordagem metodológica. A História Oral pretende elaborar registros, documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos (Meihy, 2005), isto é:

Trata-se de um tipo de narração com começo, meio e fim (...). A experiência, em sentido amplo, deve ser o motivo das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade, e sim a versão sobre a moral existencial. Nas narrativas de histórias de vida, as perguntas devem ser amplas, funcionar como estímulos, sempre colocadas em grandes blocos de forma a dar liberdade de escolha dos fatos e impressões (Meihy; Ribeiro, 2011, p.82-83).

A História Oral permitirá, portanto, acessar e analisar as narrativas das experiências de vida de mulheres travestis e transexuais versando sobre aspectos continuados de suas experiências. Desse modo, é compreendida como a arte da escuta de acontecimentos por meio da memória. Portelli (2010, p. 3) discorre que:

(...) com frequência se diz que com a História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia (...) [e] os narradores orais que entrevistamos (...) não são objetos da investigação, mas sujeitos de um projeto compartilhado, de um diálogo entre entrevistado e entrevistador.

A História Oral, por outro lado, torna-se uma importante forma de ruptura da história oficial, evidenciando as experiências e memórias de pessoas excluídas, marginalizadas, subalternizadas ou grupos sub-representados, como é o caso de mulheres transexuais e travestis. Assim, a História Oral contribui para a abertura de espaços para novas vozes, subalternizadas, mas nunca silenciadas, por meio da reinvenção de formas mais “democráticas, dialógicas e colaborativas de se construir narrativas e de se ouvir atentamente as vozes que exigem serem ouvidas e que desejam se dizer” (Rovai, 2021, p. 18), expondo as desigualdades sociais, históricas e as discriminações.

Deste modo, a História Oral é metodologia que parece mais adequada ao objetivo de analisar os sentidos do envelhecimento nas narrativas de história de vida de mulheres

transexuais e travestis. A escolha das entrevistadas e, portanto, das colaboradoras deste trabalho, teve como principal requisito a identidade de gênero como mulheres transexuais e travestis. Foram entrevistadas quatro mulheres, três mulheres negras e uma mulher branca, com idades entre 35 e 65 anos, moradoras da cidade de Sorocaba. A delimitação etária da pesquisa, entre 35 e 65 anos, se justifica porque essa é a idade a partir da qual as mulheres trans e, especialmente, as travestis identificam como um marco em suas vidas, a partir do qual já se consideram e, mais do que isso, são consideradas em processo de envelhecimento.

Essas mulheres já eram conhecidas da pesquisadora e foram convidadas para participar de uma pesquisa sobre suas histórias de vida enquanto mulheres transexuais ou travestis. Foi apresentado e solicitado o termo de consentimento livre e esclarecido, bem como a explicação sobre o procedimento das entrevistas, desde a assinatura do termo até a devolutiva da transcrição para que pudessem verificar e validar o material produzido com uma autorização final de uso. Os termos, devidamente assinados, foram entregues no dia da entrevista, que foi realizada pessoalmente e gravada em local reservado e confortável para essas mulheres. A devolutiva das entrevistas foi considerada parte fundamental da relação entrevistadora-entrevistada, e constituiu-se como uma das etapas da pesquisa. Como afirma Portelli:

(...) não podemos trair a confiança que a pessoa nos deu, o que não significa que precisamos reproduzir palavra por palavra aquilo que ela disse. Mas, precisamos fazer de maneira que o novo, que na publicação qualquer que ela seja, a autorrepresentação da pessoa seja respeitada (Portelli, 2011, p.4).

As etapas necessárias para o tratamento das entrevistas foram: transcrição e textualização. O processo de transcrição, primeira etapa, foi concebido como um processo lento, longo e exaustivo. Esta fase foi de grande relevância e se constituiu como um momento importante para o amadurecimento da elaboração das categorias temáticas que foram extremamente relevantes para construir a análise das entrevistas realizadas. Compreende-se, ainda, que a transcrição,

(...) palavra por palavra não necessariamente corresponde à realidade da narrativa. Porque não abriga lágrimas, pausas significativas, gestos, o contexto do ambiente, é impossível pensar que a mera transcrição traduza tudo que passou na situação do encontro (...) visto com olhos no receptor, a transcrição destina-se, na moderna história oral, a dar visibilidade ao caso ou à história narrada. Portanto o modo narrativo interessa sobremaneira (...) as palavras só têm valor pelas ideias, conceitos, emoções que contenham. O que deve vir a público é um texto trabalhado em que a interferência do autor seja clara, dirigida para a melhora do texto (Meihy; Ribeiro, 2011, p. 108).

A segunda etapa constituiu-se no processo de textualização, ou seja, perguntas, eventuais comentários, vícios de linguagem foram retirados e fundidos à narrativa. O texto segue em primeira pessoa, reorganizado a partir de parâmetros cronológicos e temáticos com o objetivo de facilitar a leitura das narrativas. Deste modo, a aprovação final das entrevistas foi de crucial relevância e definida como fase de validação, ou seja, junto com as entrevistadas foi conferido o texto produzido, encaminhado para o devido endereço eletrônico com a possibilidade de correções e ajustes.

Algumas considerações sobre o processo se fazem necessários. Quando entrei em contato com as entrevistas por meio de aplicativos de mensagens instantâneas, percebi certa indisposição em conceder entrevista devido ao cansaço de já terem participado, algumas vezes, de pesquisas feitas por pessoas cisgênero e, em geral, pessoas brancas. Uma das entrevistas relatou sua decepção em algumas entrevistas que concedeu, alegando que a pessoa que a entrevistou, após conseguir a entrevista, “nunca mais lhe falou um oi”. E continuou dizendo que, *“achava desleal o modo como sua história servia para formar profissionais oportunistas sem o verdadeiro engajamento à causa Trans, e não queria mais se colocar nesse lugar de uso”*. E concluiu dizendo que por ser para mim, uma mulher trans, negra e militante verdadeira, faria pela última vez (sic).

A experiência de seguir um roteiro de perguntas, estando do outro lado da mesa, enquanto pesquisadora transgênero, me trouxe outras reflexões sobre o envelhecer dessa população [minha população]. Parei para ouvir atentamente suas histórias, os seus percursos de vida até chegarem aqui, compreendendo toda complexidade de “ser”, e sua plena composição de “ser”, enquanto “Ser humano”. Mulheres que, mesmo presente na minha rotina enquanto trans militante, se revelaram estranhas, surpreendentes e, ao mesmo tempo, vitoriosas a partir do comando: Gravando!

Deste modo, as pessoas que entrevistei são extremamente importantes para responder as perguntas dessa pesquisa. Suas histórias de vida, de sobrevivência e de resistência corroboram para a fundamentação necessária para que, de modo (des)romantizado, possamos, enquanto sociedade, olharmos atentamente para a realidade dessa Mulheres que não “viraram estatísticas”, e que, de certa forma, mostram cotidianamente ao “Cistema” Heteronormativo que estar viva e envelhecer é um direito nosso!

Com o intuito de assegurar a intimidade e segurança das entrevistadas/colaboradoras desta pesquisa, em ordem decrescente e com nomes fictícios (escolhidos por mim) passo a apresentá-las.

A primeira entrevistada se chama Fernanda, mulher trans, loura, graduanda em Licenciatura em Artes Visuais. Segundo ela, com pouco mais de 35 anos, se define como alguém que adora moda, gosta de coisas culturais e sempre procura uma forma de se reinventar. Diz que adora ser profissional do sexo, mesmo que atualmente esta não seja sua principal fonte de renda.

A segunda entrevistada se chama Deisy, 63 anos, mulher travesti, negra, trabalha como autônoma, se define como uma pessoa batalhadora, sonhadora e sem limites. Lembro muito dela na minha infância. Ela sempre foi uma personagem marcante para mim. Morava em uma casinha verde, próxima da minha escola. Algumas vezes, cruzávamos nossos olhares pelas ruas, e ela sempre me sorria (não sei se rindo de mim, ou para mim). Talvez, ela já me identificasse como uma pessoa trans.

A terceira entrevistada se chama Ana, mulher trans negra, 44 anos, trabalha como empregada doméstica, formada em auxiliar de necropsia. Uma personagem peculiar nas noites campineiras e sorocabanas, sempre presente em eventos de Militância LGBTQ+.

E, por último, a quarta entrevistada se chama Carla. Mulher trans, negra, idade (segundo ela) 40+. Nascida no interior da Bahia, veio morar em Sorocaba na adolescência, casada com homem cis (o primeiro casamento trans de Sorocaba), hoje graduada em pedagogia e “ex-profissional do sexo”.



**FERNANDA**

## 5 FERNANDA: UMA CRIANÇA “VIADA”

Eu tenho uma memória do olhar cisgênero sobre mim desde muito criança. Eu já era uma criança “viada”, para usar esse termo que me parece um pouco atual.

Aos quatro/cinco anos eu era uma criança muito afeminada, ou, melhor dizendo, uma criança que não estava no armário. Então, para mim, me entender como uma pessoa trans foi um pulo.

Por ser uma criança afeminada, quando eu passava na rua, ou na frente da escola, as outras crianças me xingavam de bicha. Tinha um coral para me xingar de “BICHA”. E eu, para me defender do coral, fazia caretas, rebolava, dançava e provocava ainda mais para não “deitar” que estava sendo humilhada.

A minha vivência, na escola, enquanto uma “criança viada” foi difícil, mesmo eu não sendo uma criança retraída. Na escola, já me xingavam de “viado” e “bicha”.

Desde muito cedo eu já sabia que não era como os outros meninos, até os professores percebiam que eu não era uma “criança comum”. Com isso, fui me percebendo como uma pessoa diferente do mundo heteronormativo. Se comparada à vivência de outras pessoas afeminadas na escola, ou outras pessoas trans (que depois vieram a ser pessoas trans), não foi tão difícil assim.

Quanto a percepções de abuso, enquanto uma “criança viada”, teve uma situação com meu primo, acho que quando eu tinha cinco para seis anos, ou quatro para cinco... por aí. Foi antes de entrar para a escola (eu entrei na escola com seis) então deve ter sido de quatro para cinco anos. Eu percebia, mas ele só fazia brincadeiras, não tinha ereção, e ficava me “encoxando”, encostando em mim. Foi um “abuso não consumado”, vamos dizer. Acho que foi o único abuso de fato. Ele era adolescente, acho que ainda não era maior de idade. Eu não pensava, e não sabia o que era aquilo que eu estava fazendo. Para mim era apenas uma brincadeira. Ele pegava, me colocava no colo, me fazia rir, fazia cosquinhas, brincava. Uma brincadeira de um adolescente brincando com uma criança... Mas que levam muitos anos para você entender que aquilo é um abuso. Muitos anos depois que foi se falar nesse assunto, só aí que você vai perceber que também sofreu abuso na infância.

Eu era uma pessoa briguenta, não levava desaforo para a casa. No período, da 6<sup>a</sup>/7<sup>a</sup> para a 8<sup>a</sup> série, eu simplesmente ia para a escola e chocava. Em tudo eu fui a primeira lá na minha cidade, em Capão Bonito. A primeira a sair no Carnaval de biquíni. Foi um choque! A primeira a ir para a escola travestida; a primeira a namorar uma cara publicamente e andar com ele pela cidade. Foi um escândalo e quase que ele foi deserdado pela família. Eu não

tinha referência de nada assim, e as coisas foram acontecendo. O fato de eu chocar fazia com que as pessoas tivessem medo, até porque não tinha nenhuma pessoa trans na minha cidade. Simplesmente, eu não pensava nas consequências. Até porque ser travesti naquela época chocava muito na cidade pequena no interior (Capão Bonito- SP). As pessoas tinham medo!

Minha primeira fase trans foi quando deixei meu cabelo crescer. Nessa fase, dos doze aos quatorze anos, iniciei o período de me entender, e assim fui incorporando aos poucos as peças femininas.

Lembro que na adolescência eu me travesti e sai de casa um dia, e meu cabelo já estava um pouco grande (estava comprido), e pela primeira vez não fui xingada. Eu não fui xingada quando eu fui completamente travesti. Estava com visual bem feminino e o cabelo solto, aí foi quando eu percebi que, quando você está totalmente “feminina”, caracterizada, sofreria menos *bullying* do que ser uma pessoa, uma criança afeminada, um gay afeminado. Foi aí que entendi que eu era trans. Quando eu voltei para a casa, falei para os meus pais que iria, a partir daquele dia, andar sempre daquela forma e decidi transformar todo meu guarda-roupa em peças femininas.

Nesta época eu já costurava, minha primeira grande produção de costura foi transformar minhas roupas masculinas em femininas. As calças e as camisetas ficaram justinhas, ou viraram tops. As blusas de moletom viraram vestidos. Claro que não era um visual lapidado, porque você está se descobrindo e por não ter condições financeiras você faz o que é possível; mas fui vestindo roupas da minha irmã, que na época estavam na moda, como, por exemplo, as calças de cintura baixa, além das blusinhas que eu já tinha. Tudo que eu vestia ficava bom no meu corpo. Quando você é novinha tudo fica bom, né?!

Meu primeiro sapato de salto alto foi uma sandália preta de camurça que ganhei da minha vizinha como forma de pagamento por um trabalho que fiz.

À época não usávamos a expressão trans, era travesti. Ainda assim, para ser travesti era necessário um passo adiante. Descobrimos, com o tempo, que tem algumas coisas a mais para sermos realmente travestis. Mas a essência já estava ali. O ato de se “travestir” aos onze/doze anos já estava presente. Mas nunca me inspirei, nunca fiquei pensando em outras trans, até porque meu processo foi muito orgânico. Meu processo de transição foi acontecendo e fui me travestindo e não fui pensando em cirurgias em nada, até porque, naquela época, tudo isso estava muito distante de mim e muito inacessível. Essas são as minhas memórias, da minha primeira etapa de transição.

A influência da beleza padrão da Roberta Close não era um sonho para mim, era só uma “chacota”, porque as pessoas chamavam de Roberta Close num tom de deboche. Tinha o

Tarciso, um cabeleireiro gay, bem afeminado, “bem bichona”, e que já era bem mais velho que eu. Os adolescentes me chamavam de Tarciso para debochar. Não sabia o que era prostituição; não sabia onde fazer mudanças físicas; não tinha nada sobre isso em nenhum lugar.

Meu primeiro contato sobre o assunto trans foi na coluna da Cláudia Wonder, na Revista G Magazine (eu tive uma coleção de G Magazine). Eu comecei a comprar a revista com as minhas economias e escondido da minha mãe. Eu gostava da coluna da Cláudia Wonder porque era o único conteúdo sobre pessoas trans que eu tinha acesso naquela época e, quando via os classificados dessas revistas, sempre tinham anúncios falando: descarto afeminados. Eu não era um gay afeminado, porque eu conhecia outros gays afeminados que não eram como eu e que não se travestiam.

Em relação às questões familiares eu tive uma discussão com a minha mãe (eu já tinha meio que me assumido para ela) porque eu briguei com uma vizinha que me provocava com o cabelo dela (o meu cabelo ainda estava crescendo e ela já tinha cabelão), e ela passava e jogava o cabelo para mim, e eu a xingava de “biscate”. Uma vez a minha mãe viu, e falou que eu não poderia fazer isso, que eu tinha que gostar das meninas, mas eu disse que não gostava. Foi a primeira assumida que assumi. Ela me falou que já estava percebendo que eu vinha pintando os olhos com lápis preto, e que os pintava para ir para a escola. Eu sempre dava o “truque” que os caras roqueiros faziam também (o Supla aparecia numa novela na televisão com os olhos pintados de preto). Nessa época, eu já pintava os cabelos de loiro. Eu falei para ela que não gostava de mulher, que nunca iria gostar, e que eu era... Que eu me sentia mulher. E fui para o meu quarto. Aí, ela chorou um pouco na cozinha, e depois de meia hora foi no meu quarto e me abraçou, dizendo que me aceitava do jeito que eu era, e não importava o que eu fosse. Depois disso, nunca mais teve nenhum problema como esse com minha mãe.

Em relação ao meu pai, ela [minha mãe] brigou com ele por isso. Tentou falar que a culpa por eu ser trans (que nem sabiam o que era ser trans) era dele. Para eles eu era travesti. Ela não queria que eu fosse travesti, preferia que eu fosse gay. Meu pai falou para ela que não se importava, e que eu fosse o que quisesse ser, e assim foi; não tive grandes problemas com meus pais. Só tive problemas com a minha irmã mais velha, mas eram por outras questões que envolviam mais ela do que eu. Não eram problemas por questões relacionadas à minha sexualidade (identidade de gênero), mas por problemas psicológicos dela, mas isso não foi restrito só a mim; toda a família, irmãos, não era uma questão comigo, ou da minha orientação. Com isso ela nunca teve problemas.

Minha mãe sempre quis que eu trabalhasse. O problema da minha família nunca foi a questão de eu ser trans, ser gay, qualquer coisa do tipo, a questão para minha família era o trabalho; e eles nunca entenderam o fato das pessoas trans ou afeminadas terem muitas dificuldades para arrumar emprego, e minha mãe sempre me pressionando (como muitas mães pressionam), e lá (no interior, um lugar rural) é um lugar que todo mundo tem que trabalhar. Meus irmãos também foram cobrados e a minha mãe queria que eu trabalhasse. Que trabalhasse na roça, ou arrumasse emprego na cidade. Como eu iria conseguir emprego na cidade, sendo afeminada e toda “conhecida” desde a época da escola, tipo “uma mancha na cidade”? Naquela época era impossível conseguir emprego.

Assim que terminei a escola (o colegial) comecei a fazer ponto, porque não conseguia trabalho mesmo, e como já tinha um “*sugar daddy*” (um cara que me dava dinheiro), comecei a fazer programas. Fundei a primeira avenida de prostituição de lá. Devo ter ficado lá uns quatro anos, fazendo avenida (ponto). Dois anos depois, eu consegui meu primeiro trabalho de empregada doméstica, na casa de uma professora de Educação Física, que era lésbica (sapatão, bem masculina). Ela me levou para trabalhar na casa dela, eu fazia faxina e cuidava dos pais dela que já eram bem idosos. Aí me dei bem, e fiquei lá trabalhando acho que um ano na casa dela, até que eu fui prestar um concurso público com ela, numa cidade vizinha. Passei no concurso público e fui morar nessa cidade vizinha. Foi meu primeiro emprego registrado.

Ter o apoio da família é importante, porque quando eu pensava em me afundar, quando estava indo para caminhos que talvez não fossem tão legais, eu pensava nos meus pais que tinham me apoiado, e que eu não poderia decepcioná-los mais ainda. Eu acho que a família faz toda a diferença, por mais que a gente seja confusa na adolescência (naquela época que não tinha muita informação sobre o assunto), que esteja num mundo sem referências, porque a gente não tinha onde buscar, não tinha com quem conversar como se tem hoje em dia, sobretudo na internet. Psicólogo, jamais! Era uma coisa muito distante, impensada. E ser uma pessoa travesti, naquela época, era uma coisa muito malvista (não existia o termo trans). Travesti era alguma coisa de rua... Marginalizada. Então, como para a minha mãe sempre foi importante a questão de trabalhar, eu conseguir um emprego, naquela época, era muito importante! Porque minha mãe nunca aceitou que eu me prostituísse.

Em casa eu ajudava nas despesas com o dinheiro que ganhava sendo empregada doméstica. Dava tudo para a minha mãe (não era muito naquela época, porque em cidade do interior não se paga muito bem uma pessoa doméstica). O emprego de doméstica já foi legal, porque acho que acalma os pais da gente, quando me viam ir e voltar do trabalho todos os dias ficavam mais tranquilizados. Às vezes eles iam me buscar no trabalho, tinham os idosos lá,

que gostavam de mim, que eram os pais da minha patroa, e que pensavam que eu era mulher cis (me tratavam como uma mulher cis).

O dinheiro da prostituição que eu fazia à noite ficava para mim, gastava comigo. Minha mãe não aceitava esse dinheiro para nada, pelo fato dela ser religiosa. Não tinha problemas por ser trans, mas não aceitava a prostituição.

Logo que passei no concurso da prefeitura, para eles [meus pais] foi um orgulho. Eles iam me ver, me viam trabalhando. O fato de você ser funcionária pública já te dá um respeito.

É importante ter o apoio da família. Quando você tem esse apoio pensa em querer que eles se orgulhem muito de você. Para mim, a importância da família foi essa.

A questão da prostituição para mim foi uma escolha. Poderia ter esperado mais um pouquinho e não ter me prostituído, mas na época acho que eu precisava passar por isso, a vida foi me levando a isso, eu queria coisas. Você ser trans custa dinheiro, e você quer coisas que uma vida de trabalhar na roça, ou que seus pais não podem te dar; e que você não vai pedir para sua mãe te comprar um sutiã, uma calcinha, te comprar produtos para usar no cabelo, coisas assim, se eles são pessoas humildes. Ser mulher é um gasto que você tem de bancar.

Às vezes, até você conseguir um trabalho formal (que na época era muito difícil), tive de recorrer à prostituição, ao *sugar daddy*, para terminar os estudos, para comprar meu material de escola, meu uniforme. Depois, quando eu terminei a escola, colegial, fui fazer avenida para eu comprar minhas coisas: roupas, calçados, coisas assim, de mulher. Depois, quando começou a surgir a coisa da transição, minhas amigas começaram a viajar para se prostituir em cidades maiores, em Sorocaba no caso, e começaram a fazer transição com silicone industrial.

Já se falava em cirurgia plástica (que estava começando a entrar em alta nesta época), e eu sempre quis ter seios. Foi a única coisa que eu sempre quis ter. Nunca almejei outras coisas que não fosse ter seios. Me incomodava usar um top, ou tomara que caia (que eu sempre gostei quando era jovem), e não ficava legal o tomara que caia sem peito, sem você ter seios grandes. Aí eu queria, e vim para Sorocaba. Abandonei meu trabalho na prefeitura, pedi afastamento e vim para Sorocaba na intenção de me prostituir, já sabendo o que seria, o que eu iria encontrar. Eu esperei dar meu tempo na prefeitura, que eu poderia me afastar por dois anos, após quatro anos e meio de trabalho, sem dar uma justificativa, podendo dizer que era um afastamento de motivo pessoal, sem perder o cargo.

Eu já tinha vindo nas minhas férias, tinha ganhado bastante dinheiro em duas vezes que vim para Sorocaba, minhas amigas já estavam por aqui. Eu gostei do dinheiro que eu

ganhei, o que foi muito dinheiro se comparando com meu salário; e gostei de estar no meio das outras trans; eu gostei de entrar nos carros, gostei das luzes, gostei do movimento, gostei de poder vestir uma roupa sexy, de puta, e me maquiar de forma carregada, de colocar adereços, eu sempre gostei de adereços. A rua para mim tinha tudo isso. Gostei de fazer uma produção que só comportava naquele espaço, tipo uma libertação total. Você ser livre de uma forma total.

No início é uma liberdade que em nenhum lugar você vai ter. Claro, essa sensação de liberdade vai até quando você percebe que ali tem regras, as coisas que você pode e que não pode fazer. Que tem um X valor que você tem que ganhar todo dia; que precisa fazer X quantidade de programa e que com isso vai apreendendo os perigos que estão ali, como os vários tipos de violência, as cobranças. Quanto à cobrança, eu já vim sabendo da cafetinagem e vim em função da cafetinagem. Então, eu não tive problemas nesse momento em estar na casa de cafetina. Para mim foi de boa. Eu lidava de boa. Nunca fiquei devendo. Nunca tive problemas. Foi de boa nessa primeira fase de prostituição na casa de cafetina. Foi bom até porque tinha uma certa tranquilidade em relação às outras trans para poder trabalhar em paz. Não tinha nenhum perigo com as outras trans, era só o medo de entrar nos carros com os clientes.

Eu acho que, até um certo tempo, uns anos antes da época dos anúncios dos sites na internet, a cafetinagem era válida, porque era uma fase de transição para você ter certeza. No entanto, vi muitas pessoas que pareciam ser trans, e foram ali um tempo, se montavam, faziam avenida, se prostituíam, mas depois não eram realmente trans, não completavam a transição, não faziam cirurgia, não tomavam hormônios, simplesmente se desmontaram e continuaram sendo gays. Ali realmente é um teste. Se você é realmente trans, passa por tudo, e vai continuar sendo trans. Isso não vai mudar sua essência, você só vai ficar mais esperta para sobreviver na vida. Acho que é isso.

Claro que tem um lado ruim da cafetinagem para quem é trans com mais idade. Porque quando você é novinha, ganha muito dinheiro, ganhava-se muito fácil. Para você pagar um valor para a cafetina para ter uma casa, uma cama para dormir, uma comida para comer (que você não ia querer cozinhar e que alguém cozinhasse para você), além de ir para a rua e não ter problema com ninguém, não custa nada. Agora, quando você é mais velha, mora na sua casa, e que você já está estabilizada naquela cidade, não é uma coisa legal. Para uma trans que está transicionada, você ser cafetinada já passa a ser uma tortura psicológica. Não é legal quando você se torna uma trans independente, e aí você não precisa mais de cafetina, ela se torna uma pedra no seu caminho, e não mais uma pessoa útil para você. Porque ela vai querer

continuar cobrando de você, ou você passa a ser rival das que estão pagando para ela; e você está ali incomodando, tirando o dinheiro que, de certa forma, ou indiretamente, vai para ela uma parte. Você disputará clientes estando ali na avenida. Pode ter um atrito com quem ainda paga e tudo isso é um conflito entre você e a cafetina. E ainda tem uma disputa por espaço, por ponto, porque quem paga quer ficar onde quer. Quem está estabilizada, acha que é dona daquele espaço, porque estava ali primeiro, já tem um ponto fixo. São “várias mentiras” por causa de disputa de ponto, por um lugar ao sol.

Eu sempre reivindiquei meu espaço, mesmo quando pagante. Sempre reivindiquei meu espaço para trabalhar sozinha, meu espaço só. Porque, a partir do momento em que você percebe que ali é um trabalho, começa a ganhar uma autonomia de ficar só. Todo mundo ia embora e eu ficava ali; porque tinha uma meta, uma cota de dinheiro; porque tinha objetivos, e não estava ali só para ferver. Nem tudo é mais tão bonito quanto era no começo. Realmente você só pensa no dinheiro depois de um certo tempo. Não importa mais se o cliente é bonito ou feio, cheiroso ou não, se está fedido. O que importa é você ter dinheiro escondido em todas as partes do seu corpo, e você contar aquele dinheiro no final da noite (que é a melhor parte disso), e depois que você não quer pagar mais, já quer um respeito, que já está ali há muito tempo, que você já fez alguma transição física (que aquele lugar te exige), ou você fez um silicone, ou fez uma cirurgia plástica, e você já está morando sozinha, e se torna uma pessoa trans independente, e não quer mais ser cafetinada. Não mais pelo dinheiro, mas pelo respeito. Não é mais o dinheiro que importa nesta questão, é questão de que você não tem mais volta quando transiciona completamente. Quando colocamos um silicone no corpo e fazemos uma cirurgia plástica, nunca mais você volta a ter um corpo masculino normal, então você não tem mais volta. Então, você sente que não tem de pagar mais um pedágio para você existir ali naquele ponto, contribuindo para a manutenção e a existência daquele espaço, e defendendo aquele espaço por um tempo já. Você já faz parte dali e não vai sair por um bom tempo.

Eu tive, não vícios, não vou dizer que sejam vícios, eu nunca tive propensão a ter vícios, mas experimentei. Fumei muita maconha, porque a maconha me divertia na rua, e mesmo depois que eu parei de fazer rua, continuei fumando por um bom tempo. Fumei cigarro na noite, porque ele dava um poder, um ar de mistério, me distraía. Era uma forma de interagir com outras trans fazendo trocas de cigarro, enfim. O cigarro é uma forma de você falar com alguém na noite, pedindo “uma brasa”, pedindo um cigarro, pedindo para alguém. É uma forma de interação. O cigarro é uma forma de você se conectar com as pessoas. O cigarro sempre foi uma espécie de brincadeira para mim, uma diversão, não uma necessidade

fisiológica assim, era mais para ter algo na mão, alguma coisa na mão por um charme, enfim...

Drogas químicas nunca me interessei, nem nunca experimentei. Mas convivi com muitas pessoas que usavam cocaína, crack, mas nunca foi a minha, nunca gostei. Experimentei cocaína, não gostei, nunca mais quis usar. Crack nunca experimentei. Foi só maconha e cigarro mesmo, e bebida alcoólica, vinho. Sempre bebi vinho. Gosto de vinho, e só. Outro tipo de bebida, nunca gostei, mas foram poucos, assim, nada que possa chamar de vício, não eram coisas que eu tinha a necessidade de fazer. A bebida era para a interação social, fazer alguma coisa, senão você é considerada chata e carreta. Senão não seria bem recebida, não vai fazer conexões, que são importantes.

Acho que não tem uma estratégia que funcione para todo mundo, mas são algumas coisas.

Acho que você tem meio que uma consciência da vida que você leva, das dificuldades do que é ser trans, a pressão psicológica. Queira ou não, sofremos uma pressão psicológica. Não sei se dá para comparar com uma pessoa cis, porque a pessoa cis também tem pressão psicológica, mas a gente tem o tempo todo: pressão psicológica estética (no próprio meio trans), dos homens, dos clientes; pressão psicológica de você com você mesma, uma pressão psicológica do medo de que pode sofrer uma violência a qualquer momento. Qualquer lugar que você esteja, e que não está esperando, porque você tem de estar sempre atenta, com um olho no peixe, outro no gato, porque do nada alguém pode vir te agredir; isso pode acontecer e você tem que estar preparada, não pode estar desligada. Acho que por isso você tem que fortalecer muito seu psicológico. No mais, acho que, assim, você tem que se alimentar e dormir bem, não ter vícios, ou vícios que te afundem demais. Você pode curtir a vida, porque quando você é jovem, sendo cis ou trans, vai curtir a vida, vai experimentar as coisas que vão ter que chegar em algum momento a você. Vai ter de saber que aquilo não é mais legal se você quiser prolongar sua vida por mais tempo. Você não vai poder se afundar.

Eu gostei muito de maconha, porque era muito legal, mas quando vi que aquilo estava me fazendo mal, tive de parar. O cigarro a mesma coisa. A bebida alcoólica a mesma coisa. Mesmo não sendo um vício. Então, acho que é isso, se alimentar bem, dormir bem, acho que isso aumenta sua expectativa de vida. E se dando conta da hora que você vai ter que puxar seu carro; a hora que você, na prostituição, não vai ter tanto brilho mais; que você não vai ganhar como você ganhava; que vai chegando uma nova geração, que você está ficando cansada de ficar em pé; que os clientes vão diminuindo, e que aquilo vai te dando um cansaço ainda maior, porque o que era divertido passa a ser uma tortura psicológica. Você ter de ganhar, e

que você precisa sobreviver daquele dinheiro, ter X valores e a pressão das outras que você tem que ganhar, ou na gíria trans “bater porta”, porque senão você ali é considerada “penosa”, isso vai mexendo com seu psicológico. Então, a partir disso, você começa a perceber que tem de recomeçar, se dar conta de que você está envelhecendo, e que você precisa se reinventar de novo.

Algumas pessoas destransicionam nesse momento porque não sabem o que fazer da vida senão trabalhar seu psicológico, e se deu conta de que não fez alguma coisa que possa te dar alguma renda. Quando você chega aos 30/40, você tem que começar a se preparar, se possível até antes, claro, mas os 30 é a idade X que você precisa fazer um curso de alguma coisa; pensar numa, ou outra profissão, que mesmo que você não ganhe tanto, mas que vai te dar uma renda mínima de sobrevivência. O momento é esse.

Agora, se você esperar ficar muito tarde demais, vai ficar mais difícil.

Eu acho que é isso assim, é uma forma de driblar a expectativa de vida, e sobrevivendo por mais tempo. E saber aceitar que você está envelhecendo, que é muito difícil para uma pessoa trans, porque aos trinta anos você é considerada velha. Aos quarenta anos, você já está muito velha. Aos cinquenta você já é uma velha. E se você chegar aos sessenta é uma glória!!!! Porque são raríssimas as que chegam.

Atualmente, acho que é valorizado você passar da expectativa de vida (a partir do momento que foi criado esse termo “expectativa de vida”). Acho que começou a quebrar o estigma do preconceito de envelhecer, porque é assim que as pessoas começaram a falar: -Ah, você passou da expectativa de vida, mas está envelhecendo bem! Ah, você não parece a idade que tem. Você ainda está bem. Está com um corpo legal, com uma pele legal, você ainda tem cabelo na cabeça, enfim. Se você tem esses artifícios ainda, você é vendável, ainda tem uma sensualidade. Acho que é isso, nos últimos anos tem sido mais valorizado. Tanto no meio hétero, quanto no meio trans, essa questão de chegar na meia-idade bem.

O silicone é outra questão, não sei se todo mundo passa por isso, né?! Mas eu passo. Te limita, você fica com medo disso te dar algum problema. Vai dar problemas uma hora. Isso pode dar uma infecção do nada (de uma batida), enfim... pode ter um problema de circulação (que é natural da idade), vai fazer com que esse problema se antecipe e acelere. Então acho que é isso que eu tenho mais medo.

Acho que aos trinta e aos quarenta são partes mais difíceis do espelho. Porque você começa a aceitar que não tem mais volta. Dos trinta aos quarenta você começa a mentir para você mesmo. Mente sua idade para menos. Começa a usar artifícios que pareça mais jovem. Você vai relutando mais do que pode. Mas quando chega aos quarenta não tem mais volta.

Você percebe que está na meia-idade e que você já envelheceu, e que vai ter que lidar com isso. Que você vai ter de ser uma trans envelhecida. Eu brinco que você vai ter de ser melhor na ida de que na volta.

Bonita, será que você foi bonita? Talvez, se você nunca foi bonita, não tenha tanta cobrança para que você esteja bonita aos quarenta. Mas, para quem foi muito bela na juventude, chegar aos quarenta com a aparência envelhecida, é muito sofrido. Conheço trans que sofrem muito com isso. Um pesadelo! Para mim não. Para mim, acho que não é assim. Acho que basta você manter uma aparência boa. Eu falo que eu quero ser uma senhora elegante, se manter elegante, bem-vestida, cuidada (do jeito que dá). Acho que o que você pode fazer (e que você se sinta bem no meio das pessoas), dentro da sua idade, e não se sintam envergonhadas da idade que você tem. Acho que é isso. O segredo de você envelhecer bem.

Acho que o mercado de trabalho está se abrindo, bem aos poucos, nos últimos anos, nos últimos 4/5 anos. Mas está começando a se abrir, a saber as questões trans.

A maior dificuldade é a questão dos pronomes, mesmo com a transição, mesmo com a retificação, ainda existem pessoas que erram e acho que é de propósito. Te chamam pelo pronome incorreto. Eu acho que essa é a parte mais difícil.

Tem aquele primeiro impacto quando você está num ambiente novo, de você ser aceita, provar capacidade, trabalhar e ter seriedade. Acho que é normal, pessoas cis passam por isso. E você, como trans, tem de provar mil vezes mais. Tem que ter uma seriedade maior, mais competência, e que você faça a diferença ali, e que realmente a empresa perceba, que seu empregador perceba, que você apresente bons resultados, que você se dá bem com seus colegas de trabalho. Acho que isso conta muito no mercado formal de trabalho.

A maior dificuldade é ter a qualificação profissional exigida. Isso é a primeira questão. Depois o fato de você ser trans.

Antes da retificação era quase que impensável, a não ser no funcionalismo público, onde não conheci nenhuma trans. Depois da retificação, acho que facilitou essa inserção, acho que depois da documentação, da qualificação, vem a convivência com os demais funcionários. Acho que é o principal desafio. Eles aprenderem a conviver com você, apreenderem a te respeitar, e a te tratar da forma correta.

Por aqui acho que tem seu lado bom e o lado ruim. O lado bom é Sorocaba ser uma das mais ricas cidades do país, isso facilita. Mas tem o lado ruim, que é uma cidade muito religiosa, conservadora, berço do conservadorismo do país. Uma cidade que é berço de extrema-direita, de conservadorismo extremo. Esse lado é uma dificuldade grande que vai

reverberar no trabalho, que vai reverberar para você fazer um curso, um estudo, vai reverberar quando você frequenta um mercado, uma loja, num âmbito geral da cidade. O fato de ser uma cidade conservadora, com uma administração conservadora, acho que tudo isso é um desafio.



**DEISY**

## 6 DEISY: EU SEMPRE ME MANTIVE NO LUGAR CERTINHO

Eu me via como uma menina desde criança, devia ter cinco para seis anos. Eu gostava de usar os sapatos da minha irmã e brincava com bonecas. Vinham me oferecer carrinho e eu não queria. Eu gostava muito de ver as escolas de samba na cidade em que eu morava, que era Bauru; então eu sabia que era diferente.

A minha infância foi um pouco diferente de todos, eu acho, porque eu não tive problemas com família. Foi uma infância meio difícil porque sou filha de pais separados, e como o juiz naquela época decidia com quem ficavam os filhos de pais separados, me levaram para morar com meu pai que era ferroviário.

Eu ficava sempre na minha. Eu sabia que eu era diferente, mas não expressava meu lado feminino, só brincava, porque criança brinca. E, para mim, criança não tem essas coisas de sexo. Nunca sofri abusos. Nunca aconteceu isso comigo. Nunca sofri. Nunca!

Na minha época não tinha esse problema das pessoas me verem como diferente, porque ao mesmo tempo em que eu brincava com boneca, brincava com carrinhos e estava sempre com os meninos e nunca tive esse problema. Me entendia como menina... Sempre do lado feminino... Nada no masculino. Meu pai comprava roupas para mim, eu chorava para não usar aquele tipo de roupa, mas tinha que usar para não ter briga, essas coisas.

Nunca aconteceu comigo essas coisas de prestar atenção se as pessoas estavam olhando ou não olhando. Eu vivi. Eu brincava, brincava muito! Mas eu brincava demais. Brincava de tudo o que você imagina...Eu não me comportava de modo muito diferente das outras crianças para não agredir meu irmão, família, mãe, essas coisas.

Na escola, para mim, foi normal porque nunca ninguém falou nada. Nem os professores, nem os alunos. Eu brincava como era para brincar.

Em Bauru eu não estudava, só a partir de quando meu pai foi transferido para Piracicaba-SP. Como ele era ferroviário sempre tinha esse negócio de transferência.

Eu sempre me mantive no lugar certinho, para que não chamasse atenção, e eu também não estava nem ligando se eu não chamava atenção. Então eu brincava. Eu não via maldade, em mim, nem nas pessoas. Eu era tratada igual a todos os filhos.

Mas só na adolescência que eu comecei a ver umas coisas diferentes... Porque eu já queria ser, mas não queria chamar a atenção das pessoas. Queria que as pessoas me respeitassem, então eu não deixava meu lado feminino vir na frente para evitar perguntinhas, evitar sarros.

Agora, quando eu me assumi, é uma longa história porque, mais uma vez, meu pai foi transferido, dessa vez para Mairinque, isso em 1972. Continuei meu lado feminino, mas meu lado masculino falava mais alto. Eu o colocava na frente. Porque daí eu já era adolescente. Tinha meus doze anos quando eu vim para cá.

Já sabia onde eu estava pisando, mas meu sonho era sempre deixar a menina aflorar. Naquela época, eu não pensava em sociedade. Se a sociedade estava me recriminando ou não, pensava nos meus amigos e em mim propriamente. Eu queria só estar no meio deles, brincando, dançando, eu ia muito para bailinhos. Então eu sabia que tinha alguma coisa diferente, nunca deixei perceberem, e nunca passei dos limites, nunca que desrespeitasse as pessoas. E assim foi. Foi daí que, mais uma vez, eu me mudei, porque eu tinha uma madrasta, e eu não me dava bem com ela, e meu pai pediu para que eu viesse para Sorocaba, morar com a minha mãe. E foi aí que eu deixei meu lado feminino passar na frente, e esqueci da sociedade, e fui viver minha vida mesmo. Eu me vestia normal, é... Mas eu gostava muito de pulseiras, gostava muito de anel, normal. Entendeu?

Veja bem, sou filha de pais separados. Morei com meu pai de 1965 a 1980/81... Não me lembro. Eu não vejo minha família me apoiando em nada, eu vivi normal com eles. Porque você depende da família, você vive para a família, e a família vive para você. Então se você é aceito na família, foda-se a sociedade. O importante é o lugar que você volta; ser bem acolhida e bem recebida no seio da família, isso é importante.

Nunca tive problema, nem com meu pai, nem com minha mãe. Pelo contrário, minha mãe adorava meus amigos gays daqui de Sorocaba. Eu nunca sofri preconceito nenhum pelo fato de ser trans. Nunca! Eu estou com 63 anos e nunca sofri preconceito, porque eu sei entrar e sei sair. Porque a sociedade não é obrigada a me aceitar, a me ver, eu sou uma pessoa diferente de todas as trans, porque eu sei me colocar no meu lugar. Eu sei entrar e sei sair, você está entendendo?

Então eu me gosto agora, eu me amo, e eu sei que as pessoas que vem até mim também me adoram, gostam de mim.

O respeito de você entrar nos lugares é procurar entender a sociedade. Basta você entrar e não chocar a sociedade com seu jeito, trejeitos, sua maneira de se vestir. Entendeu? Porque choca! Infelizmente choca, porque é diferente. É tachado; tiram sarro; aquela risadinha estranha, aquela coisa, sabe... Vai mexer com a pessoa, e a pessoa vai ficar nervosa, para confrontar. Eu tento conquistar as pessoas, eu tento conversar com as pessoas, eu tento administrar esse lado meu. Não pode ultrapassar, tem de ser limitado na medida do possível, não deixar extravasar tudo. Procurar se comportar. Saber se comportar perante a sociedade.

Entendeu? Para mim é fácil isso. Eu não vejo complicação com a convivência na sociedade. O mundo gay é difícil. Até difícil da pessoa se aceitar, porque tem pessoas que nem se aceitam... Tive amigos e amiga que se mataram. Era muita pressão. Eles não queriam passar por aquilo. Não sabiam como lidar com a sociedade. A sociedade cobra demais... Então acho que tem que saber se comportar, entendeu. Então acho que eles passam um pouco do limite em relação a isso.

E a gente não é obrigada a ver a pessoa pelada de uma hora para a outra, ou maquiada de uma hora para a outra. Tem que ir aos pouquinhos. Tem que ir conquistando as pessoas, para mostrar que você é diferente. E a partir do momento que você vai devagarzinho, demonstrando que você é diferente, eu acho que eles aceitam melhor. Trabalhar com a sociedade tem de ser aos poucos, não é totalmente, TÁH!... Eu sou isso, eu sou aquilo... Tem que ser aos poucos, transformando sua vida, chegando, ver onde você está pisando para poder exigir o respeito que você precisa... Que você tem de viver através do respeito, se não for isso, as pessoas vão tachar, e é sempre desse jeito, não tem jeito.

A partir do momento que eu me vi de uma outra maneira, porque na época que eu era assim... “bichinha”, muitas meninas vinham querer namorar, eu não queria, eu nunca tive relação sexual com nenhuma mulher e nem quero ter, e elas vinham. Até que num ano que a gente estava morando aqui em Sorocaba, eu entrei trabalhar numa fábrica de doces, cujo nome é De-Malta, e lá eu fiquei por quatro anos, como encarregada. Meu nome ainda não era Deisy, era Nil, as pessoas me tratavam bem, nunca sofri preconceitos com os meninos, pelo contrário, eles me aceitavam bem, até que um dia uma das meninas queria me namorar, ir ao bailinho, dançar, essas coisas, e na hora de ir embora, ela quis me beijar, e eu virei meu rosto porque eu falei que não era aquilo que eu queria, que não dava certo. E a primeira que eu fiz, naquela época era diferente, e tinha um terminal, eu descii a Rua XV de Novembro, e vim nervosa, pensando, pensando, e na hora que entrei na marginal, eu recebi um convite e foi a primeira vez que eu realmente me vi de outra maneira com esse convite. E aí nasceu a Deisy. Foi a minha primeira vez, desde quando eu me entendo por uma trans, foi aí que vi que era aquilo que eu queria. Ele me respeitou, me entendeu, e foi muito bonito.

Tive quatro relacionamentos de morar junto, de ser marido e mulher, foram maravilhosos. Eu faria tudo de novo.

Hoje eu optei por não ter mais, porque acho que o mundo gay é um mundo podre, porque eles não veem o lado emocional da pessoa, e sim por interesse. Ou interesse pelo dinheiro, ou interesse pelo corpo. Então não existe aquela coisa, até que a morte os separe. Até então eu queria uma pessoa que só a morte separasse para eu viver, mas não existe isso. É

até um determinado tempo. Meu limite foi quatro anos cada um, e foi o que valeu a pena. Atualmente, eu quero é ficar só.

Eu não posso reclamar das minhas amizades. Dá para contar nos dedos meus amigos. Eu tenho mais amizades com pessoas héteras do que do mundo gay. Então, atualmente, com 63 anos, já vivi tudo o que tinha que viver, já aproveitei tudo o que tinha que aproveitar, agora é hora de eu dar um tempo. E deixar que as pessoas que me querem bem se aproximem mais. Não tenho nenhum problema com meus amigos, e com as pessoas gays tenho poucos amigos. Sou uma pessoa seletiva e gosto de selecionar só as pessoas que são verdadeiras perto de mim.

Sobre a prostituição, eu não tenho nada contra, mas não vejo como um trabalho, eu vejo como um escape para poder conseguir uma renda melhor. Antigamente era marginalizado a trans que fazia programas. Eu fiz, não me arrependo, faria tudo de novo se fosse possível, porque na época era para ajudar minha mãe, que minha mãe tinha problema de coração, então ia para a rua para fazer mesmo. Mas tem muitas que não fazem isso, fazem mais por brincadeira, por...Veja bem, estou com 63 anos e nunca usei drogas, não precisava disso para fazer. Então, por causa de umas, todas pagam...Pelo fato de uma usar drogas, ou...

Se tivesse emprego que você pudesse deixar de fazer programa para poder trabalhar, seria ótimo. Atualmente não sei como que está, mas na minha época era difícil. Eu tinha meu emprego, mas eu ganhava pouco, então para ajudar minha mãe, eu dava uns escapinhos para poder ter uma renda melhor e pagar um médico particular.

Eu não lembro quanto tempo eu fiquei na prostituição, Thara, porque foi tudo muito rápido, a vida. Também não foi bastante, também não foi pouco. Entendeu?

Quando eu comecei, vi que não valia a pena, larguei mão e pronto. Porque aí foi o falecimento da minha mãe, aí não tinha o porquê ficar lá, né. Era uma vida muito difícil porque na época a polícia não deixava, você tinha que sair correndo. Era a cavalaria, era... se eu tivesse que fazer novamente, hoje, para ajudar minha mãe eu faria, mas entre fazer e não fazer, eu preferiria não fazer, porque era difícil.

Eu nunca sofri violência nenhuma na rua, quando eu trabalhava na calçada, pelo contrário, era a polícia, eram as pessoas que passavam e jogavam as coisas na gente, mas é isso. Mas minhas amigas, sim. Agora, enquanto brigas, assim comigo nunca aconteceu, só numa boate que, de repente, eu com um cliente, uma pessoa que era gay jogou cerveja na minha cara e foi o dia que eu briguei, mas nunca sofri.

Na minha época não tinha isso de cafetinagem. Eu acho uma coisa suja, porque isso é exploração. E muitas se deixam ser exploradas, e eu sou contra isso daí, mas quem sou eu para falar alguma coisa hoje em dia. Para se ganhar dinheiro vale tudo.

Eu vou dizer uma coisa para você, no meio delas [no meio trans], acho que nunca existiu o respeito, ali é uma questão de uma pisar na outra para poder mostrar quem é melhor que a outra.

Eu sou manicure, fui cabeleireira, fui maquiadora e hoje eu prefiro mais ser manicure. Até pensei nisso [em arrumar outro trabalho], sabe? Mas eu acho gozado o envelhecimento, porque você perde o equilíbrio de tudo, né?!

Não que eu sinta preconceito pelo fato de ser já idosa. Mas você não tem aquele pique de pegar um trabalho, mas é estranho, a gente vai envelhecendo, vai aparecendo problemas com diabetes, problemas no coração, problemas... Sabe, a pressão arterial, então já muda bastante, você fica sem saber seu futuro como seria. Envelhecer, as pessoas falam que é maravilhoso, mas eu não vejo isso. Você perde totalmente o equilíbrio. O que antes você fazia com mais tranquilidade, hoje faz com mais dificuldade. O que eu mais penso é em me aposentar, porque pelo fato de ganhar uma aposentadoria e sendo uma pessoa sozinha me basta. Não estou aqui em busca de nada faraônico, não quero nada faraônico, não que eu não tenha perspectiva de vida, e de ser uma pessoa ambiciosa, hoje não, eu prefiro ter um ganho para mim só, e pronto. Não preciso de muita coisa para ser feliz, não. E as minhas amigas, minhas amigades, que eu amo demais.

Eu acho que elas [as mulheres trans contemporâneas] deveriam dar valor a isso já que o mercado de trabalho está se abrindo. Elas deveriam levar mais a sério, respeitar mais, respeitando o trabalho, acho que dá futuro a partir do momento que elas respeitarem o lugar, para que as pessoas as aceitem. Porque acho que as coisas estão mudando para melhor, porque no meu tempo não era assim não. No meu tempo era completamente diferente. Hoje elas estão tendo oportunidades, parece que está tendo mais união delas para que isso acontecesse.

Eu valorizo muito minhas amigades, minhas clientes, é mais o respeito mesmo. Acho que é fundamental você respeitar e ser respeitada. Se você respeitar, você é respeitada. Não adianta você fazer coisa errada e querer respeito, se você não está se respeitando. É o respeito por tudo. Hoje eu estou aqui, sou feliz, porque as amigades que eu tenho valem a pena. É o respeito. Respeito é tudo na vida. Se não tiver respeito, não tem jeito.

Antigamente tomava muito hormônio. Eu tomei quatro tipos de hormônio, me automedicando. No meu tempo era tudo assim, na marginalidade, eu tomava e pronto. Tinha uma amiga minha que havia chegado da Itália, ela me passou um outro [hormônio], um mais

forte e eu tomei, mas adquiri diabetes, porque mexeu com meu pâncreas. O silicone industrial era muito visto, e uma amiga minha colocou em mim. Não me arrependo. Foi minha única intervenção cirúrgica.

Antigamente eu não gostava [do meu reflexo no espelho]. Hoje eu me amo. Achava que estava faltando alguma coisa no meu corpo, então quis dar uma mudadinha para ficar do jeitinho que eu queria, nem mais nem menos, no ponto. Hoje me adoro, eu me amo, eu gosto de mim assim.

A saúde é diferente, como eu falei, hoje eu tenho pressão alta, eu não tinha diabetes, hoje tenho; dor na perna, então fica aquela coisa estranha. Quando a idade vem chegando, as coisas vão mudando para você, e eu estou aceitando isso na maior naturalidade. Não é fácil, e não é difícil, é só saber administrar bem isso aí, na sua cabeça. Acho que tudo isso é o lado psicológico que bate na gente. Olha, eu vou dizer uma coisa para você, eu não gosto de envelhecer não, não diria que é uma dádiva. Mas tem de ser bem aceito, porque mexe com seu lado psicológico. Se você tem um lado psicológico e trabalha bem na sua cabeça, vai aceitar bem, e vai levar isso numa boa.

Não tive dificuldades em Sorocaba, por isso eu falo, eu sou diferente. Quando eu quero, eu quero, quando não quero, não quero. Então, não tive dificuldades. Normalmente, em todos os lugares que entrei nunca sofri nenhum desacato das pessoas. Sou muito bem-vinda em todos os lugares que vou, e quando não vou, as pessoas reclamam, então, acho que está sendo bom para mim. Estou contente, não tem reclamação nenhuma não.

Eu não tenho convivência com mulher trans, as dificuldades delas são diferentes para mim, eu nem sei explicar direito isso daí. Não existem dificuldades, acho que as pessoas precisam ir devagar naquilo que quer, ir devagar, trabalhando. É como ir comendo uma sopa pela volta e não pelo meio, para ir administrando isso na sua cabeça e você vai ser bem aceita. Entendeu?

Sorocaba me recebeu de braços abertos em todos os sentidos, então não tenho reclamação em relação a isso não. E eu sou feliz aqui nessa cidade, então, por mais que seja conservadora, consegui entrar e estou dentro e pronto, entendeu.

Meu recado para a nova geração:

Procura se gostar um pouco mais, procura se respeitar, e respeitar [os outros], porque se você não se der o respeito, não pode procurar respeito de ninguém, é isso assim. Aprender a se respeitar, a se gostar, porque a vida não é fácil. Tudo se baseia no respeito. A partir do momento em que aprender a respeitar e ser respeitada, a vida será mais fácil para você, e vai

devagarzinho. Nada do dia para a noite, vai devagarzinho para entender a sociedade. É através do respeito que você consegue ir até o fim, até o fundo.



**ANA**

## 7 ANA: O NOVO SEMPRE VEM

Sou uma pessoa que vem lutando com a vida, dia a dia, como sempre. Fui uma criança que sempre apanhava dos pais. Era muito arteira, acho que devido ao fato de me sentir um pouco encurralada. Desde os seis anos de idade. Nós sentimos, né?! A gente sente que é diferente... Acho que eles percebiam que eu era [trans], o que sempre fui, então, eles me reprimiam bastante. Nem tanto pela bagunça que eu fazia, era repressão mesmo. Todo mundo já me reprimia, a escola, os professores, os alunos. Fui até a sexta série. Depois parei. Nada me motivava, né. Então para mim...

Eu via que era diferente, todo mundo falava que eu era diferente. Uns falavam que eu era educadinha, outros, me apontavam e me chamavam de “viadinho”. Já era tudo isso, né... Eu sabia que não era nem homem, nem mulher... Eu era diferente. Eu me identificava mais com a aparência feminina, com as coisas femininas do que masculinas. Jogava futebol, mas minha referência era tudo feminino.

Meus pais vieram do interior, né?! Eles tinham uma educação diferente da gente. Eram mais rígidos e tentavam aplicar essa educação para a gente, a educação que o meu pai teve. Então eles eram meio ‘ogros’, bicho do mato, então... para eles não existiam essas coisas... Homem tinha que ser homem, e mulher tinha que ser mulher, não existia meio termo com eles. Tenho uma irmã, atualmente a gente se dá bem, temos muitas coisas para resolvermos juntas, então a gente se dá bem, mas foi difícil. Minha irmã tinha o mesmo pensamento dos meus pais, então não tinha convivência com ela. A família é a estrutura, a base de tudo para poder seguir em frente e enfrentar o mundo. Porque se você não tem o próprio apoio da família, como você ainda vai... Se a sua família te chuta, imagine a sociedade?

Tive uma tentativa de abuso de um vizinho que frequentava minha casa, eu já tinha uns 11 anos, e aí ele tentou me pegar a força, mas eu corri, consegui correr.

Saí [de casa] com treze anos, depois voltei; sai de novo. Fui para a rua... mexer com drogas, fazer programas... Não sei explicar como aconteceu. Atualmente não sei explicar o que é afeto. O que sempre vivi foi o não afeto.

Já tive três relacionamentos amorosos. Sou iludida, às vezes passa... As pessoas se aproximam de você, acham e tentam passar uma imagem que não é, uma coisa que ele não é, que a pessoa não é. A gente cai num relacionamento, depois volta tudo de novo, então relacionamento para mim hoje em dia... ficou para trás. Merecer não merece, mas assim, sempre uma complicação, as mesmas coisas, parece que só mudam os personagens.

Quando “eu caí” na rua, a gente tinha que ter silicone industrial. Tinha de ter silicone industrial no corpo. A gente não era considerada travesti. O silicone era para você fazer parte daquele núcleo. Um ritual de passagem. Éramos obrigadas a fazer e arrumar dinheiro. Se não fizesse, não podia trabalhar na rua. Apanhava, era multada, e não era respeitada. Não que eu precisasse, porque eu já fazia parte desse núcleo, então coloquei só por opção própria mesmo, para fazer o que tinha que fazer no corpo. Vivi na prostituição por muito tempo, e fui procurando todos os meios para sair. Eu até fazia prostituição, e eu até gostava... Não vou falar para você que não gostava... Acho que a noite me fascinava... eu ainda bebia ... Eu via que não iria ser para sempre, e que iria precisar procurar algum rumo na minha vida. Então, para mim era tudo fascinante. Eu vivi intensamente aquilo. Depois vi que não tinha mais graça. O negócio já era sério, mas eu estava tendo a (des)ilusão de tudo, sabe, aquele mundo mágico que não era; aquela vida toda, e a idade vem chegando, a gente vai se cansando, chegam as pessoas mais jovens, e a gente vai ficando para trás.

Sobre a cafetinagem não sei te dizer, amiga, tenho meus pensamentos que não concordo com isso. É ganhar dinheiro nas costas dos outros, querendo ou não, é uma escravidão, só mudou o nome. É triste, né, amiga. Nada é o que representa ser. Nada daquilo! É um mundo totalmente diferente. É cafetinagem mesmo, exploração.

Teve uma situação em que fui queimada com cigarro por atrasar um dinheiro que a gente tinha comprado umas coisas da cafetina, éramos obrigadas a comprar, e tinha atrasado o pagamento, aí ela passou a receber o dinheiro da semana, eu não tinha, e ela começou queimar meu braço com cigarro, e ainda me multou pelo dobro. E se não pagasse, apanhava, queimava de novo, e ia multando...

Vivi também outras violências, já apanhei de cliente, brigas com as outras trans.... Fui viciada em farinha, maconha, cigarros, bebidas. A farinha superei; o cigarro superei; a maconha e o cigarro, de vez em quando; e bebidas, sempre bebo.

Quando eu comecei a ir para a rua e vi que já estava ficando escasso para mim, que não ganhava mais dinheiro, foi ficando cada dia pior, e vi que tinha chegado a hora de procurar novos rumos. Ficava analisando o que eu queria da minha vida.

Para sair da prostituição, é aquela coisa, estudo é a base de tudo. Tem de estudar e ir atrás dos seus objetivos. Porque atualmente as coisas estão bem mais fáceis. Não está mais fácil, está mais acessível para as pessoas trans do que na minha época.

Dizem:

– Aí, eu não consigo!

Respondo:

– Consegue sim! Lute, vai atrás, que consegue sim. Ou, se não faz uma coisa, faz outra. Atualmente, uma pessoa trans que disser que não tem oportunidades, é mentira. É difícil, não é fácil, mas está mais acessível, tudo.

O meu primeiro passo... Eu sabia limpar bem uma casa, e fui atrás disso. Eu já fazia uma ou outra faxina, então fui atrás para ver se conseguiria trabalho de empregada doméstica. Consegui um trabalho como empregada doméstica. Trabalhei por dez meses sem registro, sem direito a nada, e depois fui trabalhar em outra casa. Até um certo ponto a convivência foi boa, entendeu? A minha patroa trabalhava fora, e a partir do momento que ela começou a ficar dentro de casa, aí começou a vir os respingos. Dela vir falar algo e eu retrucar, sabe? Estava vendo que a situação da casa ser muito grande, e ela falar, nossa, não está vendo isso? Está há um mês aqui... Mas não estava ali há um mês. Aí eu debatia...

Dificuldades todo mundo tem. Então, atualmente eu faço tudo. Ainda tem essa coisa de emprego, que é mais difícil para a gente que é trans, ainda mais a gente que é trans e negra. Ainda mais se você não tiver um visual assim, “aparentável”. Já foi mais, atualmente não. Continua sendo, mas não é visível. Atualmente a sociedade tem que olhar, mas por mais que pense, não pode falar. E não é só branco não, os próprios negros fazem piadinhas com a gente. Como se diz, o oprimido sendo opressor. E para a gente que é negra, pior ainda, para os negros eles acham que é uma ofensa... Mas, se correr atrás, nós conseguimos. Tem de correr atrás, né?!

Sobre o espelho, teve fases que fiquei bem (com meu corpo), outras fiquei mal e agora estou bem de novo. Eu dei uma engordada, mas não o motivo de ser gorda, mas pelo fato de ser uma trans, né?! A gente está sendo cobrada todos os dias e todas as horas... Você está exposta ali 24 horas. O foco é seu. Ou para te xingar, ou para te elogiar... E você mesma vê o que está bem, ou o que você não está bem.

Tenho vontade de fazer plásticas no rosto e nos seios (trocar por maiores). Depois que fiz minha cirurgia bariátrica (eu pesava 142 kg, estou com 81kg), perdi muitos quilos em dois anos, então preciso...

Em relação [ao espelho] depende do dia a dia da gente, né?! Um humor bom, seu alto astral, como se diz... Se achando, mas tem dia que estamos “jururu”. Então cada dia diz uma coisa. Não sei te dizer o que o espelho diz. Depende do dia.

Envelhecer, acho que é uma passagem. Um ciclo que você está cumprindo. Aquela coisa, tem de envelhecer com sabedoria, né? Não só envelhecer. Já tive muito medo, atualmente não. Tinha medo de ficar só, essas coisas... Tenho medo de ter que ficar acamada,

disso eu tenho medo. A gente que é trans vive sempre... Ao mesmo tempo em que a gente está acompanhada, nós sempre somos só.

Para a nova geração, meu recado é para elas continuarem a luta que nós continuamos das outras pessoas trans. A gente luta, entendeu. Nós militamos bastante. E as novas gerações estão chegando para não deixar essa luta morrer. Através delas, quando a gente partir daqui que elas possam desfrutar, e correr atrás, no momento que a gente está.

Acho que não mudaria nada. Acho que tinha de passar por tudo isso, para ter que chegar aonde cheguei.



**CARLA**

## **8 CARLA: ENCONTRAR AMOR VERDADEIRO NA PROSTUIÇÃO, É POSSÍVEL?**

Sobre o olhar das pessoas quando criança, eles me olhavam e falavam: essa criança vai ser, ou seja, essa criança vai ser, mas não falavam “ser o quê”? Eu não entendia o que eles queriam dizer. As minhas preferências já eram para roupas femininas, sem saber exatamente o porquê. Acho que com 10 anos, menos do que isso, não saberia dizer, não sabia identificar...já conseguia entender que falavam que eu era menino e que eu não podia ficar daquele jeito, não podia entortar a mão. Não podia ter a “quebra de mão”, tanto é que, depois, quando eu passei a conhecer o “mundo gay”, aí eu achava que tinha que quebrar a mão. Não sei se isso ficou na minha memória porque, como eu tinha a mão delicada, e os meninos à época falavam, quando eu colocava as mãos na cintura, eles as tiravam. Não sei se eles também entendiam, mas não tínhamos a instrução, quem nos orientasse sobre o que estava acontecendo.

Minha mãe também não entendia. É que desde criança eu brincava de ser menina, mas eu era menino. A reação dela era a de que eu era menino. Você nasceu menino, dizia. Deus não te fez menina. Quando eu falei para ela: eu sou Carla, quero viver como Carla, e assim que vai ser a partir de agora. Tanto é que, quando me assumi como mulher trans, ela nunca se importou porque achava que era brincadeira. Só depois disso a “ficha dela caiu”.

Eu me descobri quando eu vi as revistas da Roberta Close, uma referência que eu tenho gravada até hoje, e não entendia o porquê. Quando saiu aquela revista de quando ela fez a cirurgia, acho que saiu no ano de 1986, mais ou menos isso, eu achei essa revista e fiquei admirando, porque a notícia da época era: “A mulher mais bonita do Brasil é homem”. Então eu ficava me imaginando daquele jeito também, e não sabia como seria, nem o que eu teria de fazer, mas eu queria ser também “A mulher que teria sido homem”. É isso. Mas eu não conseguia entender porque eu já tinha sentimentos pelos meninos. Eu tinha atração física, mas tinha medo do contato sexual. Talvez medo de me machucar e tal, porque eu era criança.

Ainda enquanto criança, teve alguns episódios que hoje seriam relatados como assédio. Não sei se seria pedofilia a palavra correta, porque algumas pessoas mais velhas vinham para se relacionar comigo. Muitas vezes não chegavam às vias de fato, mas chegava a ter toques. Eu gostava, então naquela situação, hoje lembrando, quando me vêm essas cenas, eu entendo que seria sim pedofilia. Mas não sei se devo culpar aquelas pessoas, aqueles homens, até porque eu gostava da situação, do contato físico. Isso aconteceu durante toda a minha infância, acho que até meus onze ou doze anos, porque daí com treze anos eu já era adolescente. A partir disso, já era com o meu consentimento. Eu já me envolvi com uma

pessoa que era quatro anos mais velho que eu. Ele tinha dezessete, e eu treze, enfim. Por mais que eu fosse menor de idade, a pessoa também era.

Teve um tio que foi de São Paulo passear na Bahia, e quando ele voltou veio contando, para minha tia daqui, que o filho da Jarda, minha mãe, era um “brinquinho”. Ele estava querendo dizer que eu seria gay por causa do meu comportamento, pelos meus trejeitos, e ele já me via diferente, que não era menino, menino, era menino menina [risos].

Aos quatorze anos e meio, migrei da minha cidade natal para Sorocaba-SP. Vim morar na casa de uma tia e, depois de um período, fui morar com os meus pais, que na época já tinham vindo da Bahia também. Mas não deu certo porque eu não me adaptei na cidade onde eu fui morar, em Suzano, aí voltei para Sorocaba, e continuei morando com meus tios. Eles se separaram e eu fiquei morando com a mãe da minha tia e, nesse meio tempo, eu comecei um processo de transição, comecei a me vestir com roupas femininas com mais frequência; a querer fazer uso de roupas femininas durante o dia. Eu tinha de sair de lá, e ir até a casa de uma amiga com uma “sacolinha” de roupas para poder me vestir na casa dela, para a gente poder ir para a balada e tal.

Acabei voltando para Suzano de novo, e acabou não dando certo de novo, porque meu irmão mais velho, filho do meu pai, não me aceitava de forma alguma. Ele falava que preferia ter um irmão bandido, preso, do que ter um irmão... Ele usava o termo “viado”.

Acabei indo morar com outro amigo. Minha mãe conhecia o pessoal próximo de casa, e um primo de uma amiga dela queria dividir aluguel com alguém, e fui dividir aluguel com ele. Depois de algum tempo lá, acho que um ano, um ano e meio mais ou menos, voltei para Sorocaba, para a casa dos pais da minha tia.

Eles me questionaram sobre minha identidade, eu já estava “meio transicionada”, e eles questionaram quanto tempo que eu ficaria. Eu falei para eles que eu queria ficar até conseguir um emprego. Eles falaram que não, que não teria lugar para dormir. Para fazer as refeições sim. Tomar café da manhã, almoçar, jantar, mas para dormir não tinha lugar. Quer dizer que, o lugar que eu morei por um bom tempo, durante anos, já não tinha mais um lugar para dormir. E aí eu tive que contar com apoio nessa minha amiga para estar dormindo na casa dela, mas já começava a ser um incômodo, porque a amiga também era trans, ainda é, está viva. Assim, passei a me hospedar na casa de outra amiga, uma mulher cisgênero. Mas não deu certo também, comecei a ter desconforto, porque comecei a sair à noite para me prostituir, porque era uma forma de sobreviver.

Eu já não tinha mais dinheiro, até então eu usava o dinheiro do seguro-desemprego e, quando acabou, fiquei um tempo na casa dessa minha amiga, mas comecei a achar meio

maçador. Por mais que eles me tratassem bem, eu procurei outra amiga e fomos alugar uma casa com uma mulher cis, que também era profissional do sexo, e começamos a dividir aluguel. E assim começou, e eu me joguei na prostituição como forma de sobrevivência.

A Carla surgiu na adolescência, acho que com uns dezessete/dezoito anos, quando fomos, um grupo de amigas mulheres cis, numa festa junina, aqui em Sorocaba, e aí todas elas queriam trocar de nomes. Uma era Giovana, a outra era Bárbara. Aí eu vi que estava escrito “Carla” numa loja, uma loja de roupas na Vila Santana ou na Santa Rosália, e aí eu olhei para a loja e falei assim: Então eu quero esse nome, Carla. E ficou. Mas ficou porque a Carla já existia dentro de mim. E pegou de tal forma que eu nunca troquei de nome. Tem muitas meninas que durante a fase de transição tem muitos nomes, e o meu não. Foi Carla e ficou Carla. Essa era minha identidade.

No começo, quando vim morar em Sorocaba, acho que mais ou menos em 1991/1994, através de uma amiga [trans] que foi outra referência para mim, e que começou a me falar sobre hormônios... Foi através dela que comecei a ir às farmácias para tomar injeção [de hormônio] e usar roupas femininas. Eu passava na frente da casa dela e ouvia o povo comentando: era homem! Eu a via ali, e falava: nossa, que mulher linda que ficou! Pensava... Eu quero também. Também quero ser mulher! Depois veio aquele sufocamento mais ainda, porque eu precisava contar para a minha família que era aquilo que eu queria, e que já havia tomado minha decisão. E a partir daí começou meu sofrimento, aquela luta comigo mesma. Demorou, mas acabou acontecendo tudo muito rápido também, mas assim, sem arrependimentos.

Eu, desde criança, sempre tive um bom convívio com os meus irmãos. Somos sete filhos de pai e mãe, e mais quatro irmãos, duas mulheres, não todos estão vivos, de um dos primeiros casamentos do meu pai. Foi um desses que, praticamente, me colocou para fora da casa de onde minha mãe morava com meu pai e meus outros irmãos. Ele não aceitava de forma alguma. Mas com meus outros irmãos, por parte de pai e mãe, temos uma convivência muito boa. Só um deles que a gente meio que se “tretava” um pouco – acho que pelo “gênio” um do outro, e aí quando brigávamos, ele falava para mim: Bixa-louca! Nós éramos crianças, às vezes nem eu, nem nós entendíamos, e fomos assim até a adolescência. Neste período de adolescente nós moramos juntos novamente, porque a família se juntou. Acho que ele não aceitava o meu jeito, então nós brigávamos. Nessa época, ele era ríspido comigo, bem grosso e “tals”. Mas passou. Hoje ele me põe no colo. Inclusive, tenho uma irmã que mora na Bahia, que é filha do meu pai – do primeiro casamento dele –, e que, quando viajo para lá, me hospedo na casa dela. Ela tem um carinho muito grande por mim – enorme assim–, e os filhos

dela também. E aí quando eu contei para a minha mãe, eles, os meus irmãos, me apoiaram bastante. Eles já sabiam. A cabeça deles era mais à frente que a minha, apesar da pouca diferença de idade (dois/três anos). O irmão mais velho que eu, me entendeu super bem.

É muito importante a base de família. É fundamental. Então, eu tive isso. Só vim morar em Sorocaba por conta de situação financeira. Tínhamos dificuldades na Bahia, família muito pobre, então na minha cabeça eu iria trabalhar, iria ganhar dinheiro. Até quatorze/quinze/dezesseis anos, eu nem imaginava que iria parar na prostituição. A falta de oportunidade, e por eu já estar em transição, as empresas não aceitavam, e me levou a isso. Na prostituição eu nunca cheguei a falar com a minha família. Se eles sabem, sabem pouco e por rumores, porque eu sempre mantive em segredo. Também por medo da reprovação deles, e medo por que... A gente fala: Ah, mas é uma profissão... Nós entendemos que é, mas para a cabeça deles não seria.

Como que eu vou falar para minha mãe que eu me prostituo? Que eu ganho dinheiro dessa forma? Então eles achavam que eu trabalhava no salão de cabeleireiro, porque eu sempre estava de *mega hair* [técnica usada para alongamento dos cabelos], então eles achavam que era essa minha profissão... Trabalhar em salão de cabeleiros.

Afeto é aquela demonstração de amor que as pessoas têm por você; que te procuram para fazer uma visita; não desprezar, não te excluir.

Afeto é quando você fica doente, assim como eu fiquei, quando você está só, dentro de um quarto no leito de hospital e que você olha pela janela e os seus sobrinhos estão lá embaixo querendo te ver, te dando tchau, porque foram ver a tia Carla E aí, o seu irmão, que ainda não conseguiu subir, está lá embaixo olhando as crianças, porque a esposa subiu para fazer a visita. Então isso é muito mais que um afeto.

O Não afeto a gente vê aí, quando uma mãe, um pai, uma irmã descobrem que tem uma pessoa trans na casa, ou pessoa gay, e começa a menosprezar, a não te dar atenção, não chamar para uma conversa para ver o que está acontecendo. Simplesmente só te despreza.

Sobre os relacionamentos, alguns foram frustrantes. Eu tive alguns namorados que me entreguei de corpo e alma, me joguei com tudo, porque acreditava no amor que eu senti. De repente, a pessoa não sentia o mesmo. De repente não fosse recíproco. Mas eu estava amando naquele momento. Eu estava me descobrindo como a mulher apaixonada naquele momento, então, existiram as decepções. Mas guardei como uma experiência, sem mágoas de nenhum desses relacionamentos. Até que eu encontrei o amor. O amor, ele é calmo, ele não tem aquelas turbulências... Ele te dá um aconchego, ele te dá o que você precisa, sem aquelas loucuras de paixões. É isso.

Na verdade, acho que não teria de ter diferenças de amor trans ou amor cis. Amor é Amor! Você ama, ama o que a pessoa é, a essência daquela pessoa. Então, independente de ser mulher trans, eu encontrei o amor num homem cis. Mas eu poderia ter encontrado o amor diferente, mas estava na minha vida de encontrar um amor num homem cis. Acredito em destino.

Então, o que eu falei... De repente, eu tenho amado sozinha; ter me apaixonado sozinha; então eu fui correspondida, eu senti isso. Mas aí, a outra pessoa, ela, como falam, não estava aberta para esse amor único, e sim aberta para vários amores, várias aventuras; porque no amor, você até pode amar mais de uma vez, mas ele é calmo, é singelo, é tranquilo e não tem essa loucura de você estar procurando... procurando.

Nós nos conhecemos no mesmo conjunto de casas que morávamos. Eu estava me mudando para esse local, enquanto ele já estava morando há um mês mais ou menos. Era uma espécie de república. Ele morava com outros amigos de trabalho, e aí a gente começou a conversar como amigos. Nesse dia, nossa primeira conversa foi pelo fato de estar meio tumultuado onde ele morava, e tinha um pessoal que estava com outros problemas e “tals”; e ele veio conversar comigo, começamos a conversar, e foi muito rápido. Foi uma semana de conversa, uma de namoro, e uma semana depois nós já estávamos morando juntos. Então assim, foi em torno de quinze dias entre conversa, namoro, e morando juntos. E estamos juntos há anos. Dia 11 de janeiro de 2023 (nós contamos da data que nos conhecemos), vamos comemorar bodas de prata do dia que nos olhamos pela primeira vez, 11 de janeiro de 1999, são 24 anos.

Nós temos a união civil, somos casados civilmente. Isso aconteceu no ano de 2011, em novembro. Oficializamos logo que a Lei do Casamento Homoafetivo veio para Sorocaba, ainda que resistente. Então nós tivemos que entrar aí num casamento homoafetivo. Dois anos depois, nós convertemos nossa união como casamento civil.

Então hoje o nosso ciclo de amizade são mais pessoas cis, mas tem também pessoas trans, pessoas LGBTs. Eu acho que, quando você começa a conviver com as pessoas cis, a impressão que dá é que eles te dão mais aberturas para amizade do que as pessoas trans e LGBTs. Eu não sei se é por receio de algumas, não sei exatamente...

Eu acho que uns quatro anos [tempo que trabalhou na prostituição]. Então, como te falei, fui para a prostituição por sobrevivência. É claro que, no começo, você fica empolgada, porque são várias descobertas ali. Mas, quando você começa a ver as partes ruins, o sofrimento que é estar na noite, no submundo que você está vivendo, aí você começa a se

entristecer e que de alguma forma você já quer sair dali. Você vai ficando e não consegue achar saída.

Não tive contato com cafetinagem. Na nossa época, Sorocaba ainda não tinha isso, não. Tinha união entre as meninas. Nos defendíamos muito uma à outra, e muitas vezes uma podia estar brigada com uma outra, mas se viesse alguém para agredir, aí todas se uniam, e iam para cima. Em Sorocaba demorou bastante para chegar a cafetinagem, os pensionatos, então o que acontecia era de a gente dividir aluguel com as amigas. Cada uma ia lá, batalhava o seu, dividia as despesas e era assim. De certa forma, uma ajudando a outra.

Tive bastante contato com a violência. O pessoal saindo de escola e você está na esquina e eles vêm te agredir, e você tem que sair correndo; ou às vezes, tem que ir para cima (quando conseguia). Quando não tinha de correr. Uma vez, perdi o tamanco novo que comprei. Some, porque você tem que abandonar para poder ir embora. Com clientes também, você faz o programa e aí chega na hora de pagar, não te pagam. Apontam uma arma para você e você tem que descer do carro. Às vezes num lugar distante, e você tem que se virar e sair dali de qualquer jeito e, por sorte, sobreviver. Ou tem que acabar sendo agressiva também porque o cliente não te pagou, e você não queria deixar aquilo barato, e você quebra o carro da pessoa por tudo isso.

Me sentia indefesa. Por mais que você buscasse forças para poder enfrentar, muitas vezes você estava sozinha. Muitas vezes acontecia isso, você estava na esquina sozinha e não tinha ninguém para te ajudar. E mesmo que tivesse, quando você não teve essa criação de violência, de presenciar essas coisas, isso reflete: Pronto, vou morrer aqui.

Não tive vício, só experimentei cocaína. Porque a noite faz com que você tenha de experimentar de tudo. Daí você agrada o cliente, enfim. E consegue ficar de boa, sem ter de ficar com o vício para si.

Quando eu conheci meu marido eu ainda me prostituía, e ele sabia disso e não aceitava. Mas também era um período difícil, porque a gente estava começando a se relacionar na época, e ele perdeu o emprego por conta dos amigos que começaram a zoar ele na empresa, e ele teve confusão. Porque os amigos achavam que o homem poderia se relacionar com uma mulher trans entre quatro paredes. Tipo, vamos lá, é uma vez só, e já era. Por que ele iria se envolver? Uma pessoa trans estava errada. Só meio, tipo, que “zoar”. Aí eles questionavam, ao mesmo tempo em que falavam: E aí você vai se amigar com ela? Ficar com ela? Foi quando ele falou que era isso que ele queria para a vida dele, e que ele iria ficar comigo, e aí foi assim, eu acabei tendo que ficar mais um período por conta disso, por conta de ele ter perdido o emprego. Foi uma reviravolta. Nós superamos.

Quando eu passei pelo início da transição, tinha aquilo, que tinha que ter o silicone (industrial), e você via as meninas femininas com quadril, com bumbum, olhava e dizia: quero também. E como que é isso? É na hora? Cresce na hora? Naquele momento, naquela época, não sei por ser jovens demais, mas por querer tanto a “feminilidade”, que você aceita o silicone industrial. E foi o que ocorreu comigo. Não tive grandes problemas, e acabei indo à “bombadeira”. Falava-se bombadeira, não sei como falam hoje, e injetei o silicone. Fiz quadril, fiz bumbum, e um pouco nos seios. Hoje eu sei do risco que corri, não faria de novo, mas fiz. Foi um silicone que deu certo, que não me levou a óbito, porque a gente vê que muitas vão a óbito. Mas o meu, por sorte, está aí, vingou [risos]. Não tenho plástica. Tem algumas coisinhas que eu faria, que penso em fazer, lógico. As mamas. Tenho vontade de fazer correção das mamas, mas assim, acho que é só.

Eu tenho uma lembrança... [pausa - os olhos marejaram].

Eu era bem magrinha, então assim, tinha aquele corpo bem definido e quando eu coloquei um “copinho americano de silicone” nos seios e me olhei no espelho, eu chorava, porque eu via uma mulher ali, de seios. Acho que foi uma emoção maior do que ter feito quadril, e bumbum. Era um corpo estranho, mas assim, para mim, foi o acontecimento. Você se reconhecer. Um copo de silicone industrial é, acho que 180ml, um copinho de cada lado; então, não é muita coisa, mas meu corpo já estava diferente, já tinha ganhado formas diferentes.

Durante anos eu fiz o procedimento não adequado [auto-hormonização]. Muitas vezes, eu mesma. Eu aprendi a fazer a muscular [aplicação de injeção] no braço. Nas nádegas eu já não podia por conta do silicone, então eu mesma já injetava o Perlutan e a Gestadinona [anticoncepcionais femininos]. Esses eram os nomes dos hormônios.

Eu tinha problemas com comprimidos que faziam mal ao estômago, e aí eu não os tomava. Só em 2016 comecei a transição dentro do protocolo, com endocrinologista, tomando hormônio transexualizador [descreve os hormônios e seus nomes que, aqui, não serão citados] e o famoso hormônio, que Roberta Close usou; e são todos dosados.

O [nome do hormônio] eu tomo um comprimidinho, o [nome do hormônio] tomo um comprimidinho de x miligramas, não existe essas loucuras que nós fazíamos antigamente, colocar uma cartela [anticoncepcionais femininos] dentro do suco, com um copo de leite, bater no liquidificador e tomar. Porque você ia ter os melhores seios, mais lindos do mundo, o que era mito na verdade. Eram as receitas que as meninas passavam umas para as outras. Olha, toma isso, toma isso que você vai ficar bonita. Mas bonita já nasce...

Bom, você tocar nesse assunto do espelho, eu percebi o envelhecimento, eu acho que foi depois dos trinta/trinta e cinco anos, porque eu tenho 40+. Na verdade, eu sempre tive muito medo. Eu achava que envelhecer iria tirar toda a minha feminização; que eu ia perder cabelo, que eu ia ficar com aparência de menino... masculina. Então, assim, eu temia muito...

E aí, quando eu fiz quarenta, eu vi que ainda está longe disso, ou seja, isso não vai acontecer, porque nós tomamos os devidos cuidados. Saúde é regrada numa alimentação, não abusar de bebida alcoólica, noitadas... Acho que tudo isso é qualidade de vida. Então hoje eu já me sinto preparada, porque depois dos 40+, vem os 50+. Então, acho que hoje já estou preparada para os 50+. Hoje eu sei, sinto, que vou ser uma senhora bonita, uma senhora...[risos]. Não sei se bonita, mas uma senhora bem cuidada, bonita a gente já está, né?! [risos]. Como se fala, é muita autoestima. Mas, acho que é isso, que eu vou ficar uma senhora bem cuidada.

Envelhecer já pesa para as pessoas cis, aí você imagina para as pessoas trans? Por mais que a família te aceite, por mais que você tem um apoio, por mais que você tenha um afeto, quem vai ficar com você? Quem vai cuidar de você na velhice, caso o meu esposo venha a partir antes que eu? Talvez eu esteja egoísta, porque ele também precisa de alguém; então assim, é isso, né?! Às vezes você acha que você vai envelhecer e não vai ter ninguém ali, para estar do seu lado, para cuidar de você... É mais isso que pesa, né?!

A maior dificuldade é ser, né?! [Risos]. É você ter de matar um leão por dia; você tem que buscar forças todos os dias, porque não é fácil. Não é fácil você abrir o portão de casa e sair; pegar um ônibus; ou pegar uma pista de caminhada que te leve ao seu local de trabalho, que seja... E por mais segurança que tenha, sempre vai ter alguém que vai te olhar diferente. Então assim, é bem complicado, não é fácil.

Algumas situações específicas acontecem todos os dias quando você chega em determinado lugar, estabelecimento, qualquer lugar e na maioria das vezes, quando você chega, é uma coisa; mas quando você começa a conversar, aí já muda, e a pessoa já se trava para você... e já muda o rumo da conversa, a situação fica diferente....

Principalmente cidades menores, mais do interior, o acolhimento é bem melhor. E eu não sei se é pela humildade, ou pela simplicidade deles, mas eles vão te enxergam como eles veem o seu corpo; eles veem a pessoa. Outro dia, inclusive, eu estava comentando no final, com a minha professora de estágio... Nós ficamos mais íntimas, e ela começou a fazer muitas perguntas, aí eu estava falando para ela que teve uma época em que eu não tinha certeza se o meu sogro e minha sogra sabiam que eu era uma mulher trans, porque eles me tratavam sempre como mulher. Como a mulher do filho deles.

Chegava uma hora em que eu me perguntava: Será? Eles sabem? Moram no sítio, mas eles têm informação, eles não são pessoas, como falam, ignorantes; eles têm instrução! Está na TV, está na internet, está estampado, né?! Mas lá, e não só eles, mas é no geral, em todos os lugares que eu fui à cidade onde o meu marido nasceu, nunca teve esse impacto da pessoa começar a conversar com você, e continua até o final, e pede para você voltar porque quer continuar “proseando” com você. Então, assim, eles te veem como um ser humano. Eles não te tarjam, não te rotulam, a mulher do Artur é travesti, trans, sei lá... Não! A gente nunca sofreu esse tipo de preconceito, diferenciação... A gente nunca sofreu essa diferença. Cabeça a mil, a gente se emociona. Eu hein! Várias horas...

Chega uma hora que para uma pessoa só trabalhando não dá, então eu precisava trabalhar, e eu comecei fazendo faxina como empregada doméstica, de babá, que eram os empregos aceitáveis. Só que chegou uma hora que comecei a me perguntar: Até quando?! Eu preciso ir para o mercado formal de trabalho. Preciso ter registro em carteira! Foi quando tive minha primeira decepção no mercado de trabalho. Quando, através de uma agência de emprego, participei de todo o processo seletivo, entreguei documentação, fiz exame médico e, vinte dias depois, eu voltei para pegar minha carteira. Isso porque eu liguei na empresa. Quando eu cheguei lá, a selecionadora olhou para a minha cara e falou: a empresa não te aceitou por você ser travesti... Aquilo, fiquei sem chão. Mas ganhei forças para não desistir, e continuei! A minha estratégia foi cortar o cabelo bem curtinho, e comecei a andar como um gay, de cabelo preso, “camisetão”, tênis... Eu comecei a minha busca novamente pelo emprego. Em uma determinada empresa, era um senhor, e ele viu que tinha alguma coisa diferente. Mas, ele me contratou. Falou para o pessoal que eu era uma pessoa afeminada, e isso aí foi uma estratégia, por medo de não conseguir aquele emprego. Tempos depois, comecei a voltar a ser a Carla fisicamente, usar minhas roupas femininas, o meu cabelo, a maquiagem... Então, depois disso, desse relato da empresa que tive que cortar o cabelo, as coisas foram mudando, mudando entre aspas, né?! Porque as coisas ainda estão longe disso. Fala-se da inclusão, da aceitação no mercado de trabalho, e tudo isso aí, é tudo uma maquiagem, porque por mais que você chega, entrega seu currículo, passa na entrevista, mas eles dão um jeitinho de te descartar ali.

Mas, desse período para cá, eu consegui trabalhar em alguns lugares: trabalhei em portaria de condomínio, onde fui muito bem aceita assim, sem precisar usar estratégias da fisionomia masculina – fui muito bem aceita nesse condomínio; de lá, trabalhei em outra empresa, também não tive do que reclamar. Entrei, todos sabiam que eu era uma mulher trans. Fui muito bem respeitada durante quase quatro anos de trabalho. Só que daí acontece que vai

pesando, a idade vai chegando, e você quer ter um trabalho mais garantido, quer ter uma profissão, e aí você precisa estudar. E como eu fiquei muito tempo fora da escola pela questão do nome social, eu acabei tendo de ficar fora da escola. Quando voltei, voltei a terminar o ensino médio pelo EJA, e aí se passaram alguns anos... Hoje eu busquei outro caminho. Hoje eu curso pedagogia, e faço estágio na área da educação infantil. Assim, tenho me encontrado.

## 9 ATRAVESSAMENTOS: O ENVELHECER DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

As entrevistadas, ao iniciarem suas narrativas, focalizaram a discussão sobre o envelhecimento a partir de suas recordações e memórias da infância. Em suas histórias de vida, destacaram aspectos fundamentais para compreender o processo de envelhecimento. Nas quatro narrativas, surgem características comuns, evidenciando que, desde tenra idade, por volta dos 5 a 7 anos, nossas entrevistadas já se percebiam diferentes das outras crianças sem a possibilidade da vivência da infância a partir do momento em que seus corpos são identificados como fora dos padrões e afeminados. A partir deste olhar cisgênero começam a ter seus corpos sexualizados, silenciados, e negligenciados pela família e pelo Estado, que “fingem” não perceber. Assim, apesar das vivências diversas, as narrativas revelam uma similaridade na percepção da identidade de gênero.

Desde cedo, tanto no ambiente familiar quanto escolar, essas mulheres compartilham experiências de enfrentamento do preconceito e da transfobia. Fernanda, mulher travesti, branca, acima de 35 anos, expressa:

(...) eu já era uma criança “viada” (...) aos quatro/cinco anos eu era uma criança muito afeminada (...) para mim, me entender como uma pessoa trans foi um pulo. Por ser uma criança afeminada (...) as outras crianças me xingavam de bicha. Tinha um coral para me xingar de “BICHA” (...). Na escola, me xingavam de “viado” e bicha. Desde muito cedo eu já sabia que não era como os outros meninos.

Já Deisy, uma mulher trans, negra, de 63 anos, que viveu a infância no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970 relata que:

(...) desde criança, devia ter cinco para seis anos, gostava de usar os sapatos da irmã e brincava com bonecas. Vinham me oferecer carrinho e eu não queria. Eu gostava muito de ver as escolas de samba na cidade em que eu morava, Bauru; então, desde pequena, eu sabia que era uma criança diferente.

Sobre sua família, Deisy diz não ter tido problemas, uma vez que sempre soube “qual é o seu lugar”.

Eu ficava sempre na minha. Eu sabia que eu era diferente, mas não expressava meu lado feminino, só brincava, porque criança brinca. E, para mim, criança não tem essas coisas de sexo (...). Na minha época não tinha esse problema das pessoas me verem como diferente, porque ao mesmo tempo em que eu brincava com boneca, brincava com carrinhos e estava sempre com os meninos, mas me entendia como menina... Sempre do lado

feminino... Nada no masculino. Meu pai comprava roupas para mim, eu chorava para não usar aquele tipo de roupa, mas tinha que usar para não ter briga, essas coisas.

Na narrativa de Deisy, nota-se que a ausência de conflito decorre mais de seu comportamento e de sua busca por evitar constrangimentos aos outros do que de uma aceitação intrínseca por parte deles. Em outra passagem, ela menciona:

Nunca prestei atenção se as pessoas estavam olhando ou não olhando. Eu vivi. Eu brincava, brincava muito! Brincava de tudo o que você imagina...Eu não me comportava de modo muito diferente das outras crianças para não agredir meu irmão, família, mãe, essas coisas. Na escola (...) eu sempre me mantive no lugar certinho, para que não chamasse atenção (...) então eu não deixava meu lado feminino vir na frente para evitar perguntinhas, evitar sarros.

Ana, mulher trans, negra, de 44 anos, diz ter sido:

(...) uma criança que sempre apanhava dos pais. Era muito arteira, acho que devido ao fato de me sentir um pouco encurralada. Desde os seis anos de idade. Nós sentimos, né?! A gente sente que é diferente... Acho que eles percebiam que eu era [trans], o que sempre fui, então, eles me reprimiam bastante (...). Todo mundo já me reprimia, a escola, os professores, os alunos. Fui até a sexta série. Depois parei (...). Eu sabia que eu era diferente. Eu me identificava mais com a aparência feminina, com as coisas femininas do que masculinas.

Para Carla, mulher trans, negra, de 40+:

(...) quando eu era criança as pessoas olhavam e falavam: essa criança vai ser, ou seja, essa criança vai ser, mas não falavam “ser o quê”? Eu não entendia o que eles queriam dizer. As minhas preferências já eram para roupas femininas, sem saber exatamente o porquê. Acho que com 10 anos, menos do que isso, não saberia dizer...já conseguia entender que falavam que eu era menino e que eu não podia ficar daquele jeito, não podia entortar a mão(...) desde criança eu brincava de ser menina, mas eu era menino. A reação dela [da mãe] era a de que eu era menino. Você nasceu menino, dizia. Deus não te fez menina.

O relato de Carla, ao abordar sua infância e a “descoberta” de sua identidade como pessoa trans, revela-se esclarecedor, pois ressalta a importância da visibilidade, destacando o quanto é crucial para as pessoas LGBTQ+ encontrar seus pares em diversos contextos. Isso propicia a oportunidade de enxergar a própria vida como uma vida possível, realizável, viável em vez de encará-la como uma impossibilidade de existência.

Eu me descobri trans quando eu vi as revistas da Roberta Close, uma referência que eu tenho gravada até hoje, e não entendia o porquê. Quando saiu aquela revista de quando ela fez a cirurgia (...) eu achei essa revista e

(...) a notícia da época era: “A mulher mais bonita do Brasil é homem”. Então eu ficava me imaginando daquele jeito também, e não sabia como seria, nem o que eu teria de fazer, mas eu queria ser também “A mulher que teria sido homem”. É isso.

No entanto, se por um lado a presença de Roberta Close na mídia trazia certa visibilidade, havia também outro aspecto ligado ao corpo e a uma beleza, um ideal de mulher quase inatingível. A modelo se tornou um ícone de beleza dos anos de 1980. Com 16 anos de idade, já habitava o imaginário da maioria das pessoas cis e trans no Brasil da época. Sua figura era recorrentemente nominada em piadas com o propósito de ridicularizar as pessoas trans e travestis. Em um episódio que, nos termos atuais, foi transfóbico, a capa do jornal “Notícias Populares”, como menciona Carla, estampava: “A mulher mais bonita do Brasil é homem”, em uma clara violação do que hoje se denomina sua identidade de gênero<sup>7</sup>. No entanto, naquele momento, Roberta Close quebrou paradigmas. Dona de um corpo esguio e escultural, sua ousadia e jeito de “menina moleca”, trouxe a transexualidade para a pauta da TV brasileira (mesmo que sob o prisma da genitália), submetendo-se às mais invasivas e ridículas perguntas sobre sua transgeneridade, em uma época em que a militância trans ainda era rara. Sua presença na TV também acabou por criar o bordão: “Dá um Close nela”.

Na década de 1980, Roberta Close representava um certo glamour nas boates noturnas, no carnaval e nos programas de entretenimento. Sua presença era um acontecimento e apresentava uma beleza inatingível. No entanto, no imaginário trans e travesti, ela acabava por representar um sonho de mulher a ser perseguido. Roberta Close, por onde passa, é a notícia. Atualmente, em muitas páginas de internet, ela aparece com o título: “Olhem como ela está hoje!”, em claro e flagrante desrespeito ao seu processo de envelhecimento

Contudo, Close, em entrevista a Gugu Liberato<sup>8</sup> diz que “sim, está velha e que a velhice faz parte da vida”. Assim, para o imaginário travesti e transexual, ela atingiu o padrão de uma senhora “fina” no auge dos seus atuais 59 anos. Ser considerada uma “senhora fina e bem cuidada”, nos relatos das entrevistadas, nos dão a ideia de que a elegância, a pele bem tratada e ter os cabelos “na cabeça”, somados ao perfume da experiência e maturidade (que só a vivência e a sobrevivência dessas pessoas trazem), demonstram um “certo conforto” de que o tempo passou e a velhice está logo ali, e está tudo bem.

<sup>7</sup> Os termos “transfobia” e “identidade de gênero” partem do vocabulário de pesquisas mais atuais na área de estudos de gênero. Apesar de, na época, não se conhecerem tais palavras, os preconceitos não nomeados já estavam representados no cotidiano.

<sup>8</sup>Roberta Close diz que sofreu bullying por causa da aparência: ‘não me sinto um monstro’, **Extra**, 21 maio 2015. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/roberta-close-diz-que-sofreu-bullying-por-causa-da-aparencia-nao-me-sinto-um-monstro-16220793.html>

As narrativas sobre a "saída do armário" ou a "revelação da identidade", assim como as histórias da infância, revelam muitas semelhanças entre as quatro entrevistadas, uma vez que ambas se desenrolam durante a adolescência, apresentando características bastante similares. Além disso, os relatos compartilham certo grau de conflito, especialmente no âmbito familiar, o que resulta em repercussões no contexto escolar. Segundo Fernanda,

Minha primeira fase trans foi quando deixei meu cabelo crescer. Tinha 12 anos, iniciei o período de me entender e fui incorporando aos poucos as peças femininas [...] na adolescência eu me travesti e, uma vez, saí de casa com meu cabelo um pouco grande e, pela primeira vez, não fui xingada.

Fernanda continua narrando o processo de constituição desse novo sujeito e sua afirmação diante dos pais e familiares.

Falei para os meus pais que iria, a partir daquele dia, andar sempre daquela forma [de menina] e decidi transformar todo meu guarda-roupa em peças femininas [...] eu costurava, minha primeira grande produção de costura foi transformar minhas roupas masculinas em femininas. As calças e as camisetas ficaram justinhas, ou viraram tops. As blusas de moletom viraram vestidos [...] fui vestindo roupas da minha irmã, como as calças de cintura baixa, além das blusinhas que eu já tinha. Tudo que eu vestia ficava bom no meu corpo. Quando você é novinha tudo fica bom, né?!

Um momento de particular relevância na história de Fernanda é a dinâmica estabelecida com a família, especialmente quando consideramos adolescentes que expressam verbalmente o início de seu processo de transição. Nesse contexto, torna-se evidente a complexidade e a importância crucial desse período de transformação e autodescoberta, marcado por desafios interpessoais e intrapessoais. A interação com a família não apenas molda a experiência individual dos sujeitos, mas também desempenha um papel fundamental na compreensão das dinâmicas familiares em meio a processos de revelação, para a família, da identidade de gênero. A narrativa de Fernanda oferece uma perspectiva valiosa sobre as nuances emocionais e sociais envolvidas nesse momento crítico, destacando as complexidades que podem surgir quando um adolescente compartilha sua identidade de gênero com os membros da família. Essa fase, permeada por conflitos e ajustes, destaca-se como um elemento crucial na trajetória de Fernanda, moldando não apenas sua própria jornada, mas também influenciando a percepção e as reações da família diante da sua identidade de gênero.

Tive uma discussão com a minha mãe [...] ela me falou que já estava percebendo que eu vinha pintando os olhos com lápis preto [...]. Eu falei para ela que não gostava de mulher, que nunca iria gostar... Que eu me sentia mulher. E fui para o meu quarto. Aí, ela chorou um pouco na cozinha, e depois de meia hora foi no meu quarto e me abraçou, dizendo que me

aceitava do jeito que eu era, e não importava o que eu fosse. Depois disso, nunca mais teve nenhum problema com minha mãe [...]. Meu pai falou que não se importava, e que eu fosse o que quisesse ser, e assim foi; não tive grandes problemas com meus pais [...]. Ela [a mãe] não queria que eu fosse travesti, preferia que eu fosse gay.

Carla apresenta uma narrativa caracterizada por idas e vindas entre a residência de seus pais e tios, bem como frequentes retornos à sua cidade natal, Sorocaba. O ponto de virada ocorreu quando iniciou seu processo de transição, adotando regularmente vestimentas femininas, o que resultou na necessidade de deixar a casa dos tios. Esse período marcante de transição não apenas definiu uma nova etapa em sua jornada de autodescoberta, mas também desencadeou uma série de desafios interpessoais, especialmente ao retornar à residência dos pais.

Ao se confrontar com a necessidade de compartilhar sua identidade de gênero, Carla se deparou com conflitos significativos, destacando-se as tensões particularmente intensas com seu irmão mais velho, por parte de pai. Seu irmão expressou uma recusa intransigente em aceitar a transição de Carla, o que contribuiu para um ambiente familiar desafiador. Essa fase da narrativa de Carla demonstra a complexidade das relações familiares diante da exposição da identidade de gênero.

Ele falava que preferia ter um irmão bandido, preso, do que ter um irmão... Ele usava o termo “viado”. Acabei indo morar com outro amigo. Minha mãe conhecia o pessoal próximo de casa, e um primo de uma amiga dela queria dividir aluguel com alguém, e fui dividir aluguel com ele. Depois de algum tempo lá, acho que um ano, um ano e meio mais ou menos, voltei para Sorocaba, para a casa dos pais da minha tia. Eles me questionaram sobre minha identidade, eu já estava “meio transicionada”, e eles questionaram quanto tempo que eu ficaria. Eu falei para eles que eu queria ficar até conseguir um emprego. Eles falaram que não, que não teria lugar para dormir. Para fazer as refeições, sim. Tomar café da manhã, almoçar, jantar, mas para dormir não tinha lugar. Quer dizer que, o lugar que eu morei por um bom tempo, durante anos, já não tinha mais um lugar para dormir. E aí eu tive que contar com apoio dessa minha amiga.

Ao contrário das demais entrevistadas, Deisy, nossa participante mais velha, não expressou de forma verbal as experiências de violência que enfrentou ao desafiar a sociedade e afirmar sua identidade, pelo contrário, Deisy, uma mulher entrevistada com 63 anos vivenciou outro período. No entanto, ela vivenciou essa violência de uma maneira peculiar, assumindo para si a responsabilidade de se adequar aos diferentes espaços e ambientes ao seu redor sendo vítima da transfobia sem conseguir nomear esse fato. Nas palavras de Deisy,

Nunca tive problema, nem com meu pai, nem com minha mãe. Pelo contrário, minha mãe adorava meus amigos gays daqui de Sorocaba. Eu

nunca sofri preconceito nenhum pelo fato de ser trans. Nunca! Eu estou com 63 anos e nunca sofri preconceito porque eu sei entrar e sei sair. Porque a sociedade não é obrigada a me aceitar, a me ver, eu sou uma pessoa diferente de todas as trans, porque eu sei me colocar no meu lugar. Eu sei entrar e sei sair, você está entendendo? Basta você entrar e não chocar a sociedade com seu jeito, trejeitos, sua maneira de se vestir. Por que isso choca! Infelizmente choca [...], tiram sarro, tem aquela risadinha estranha, aquela coisa, sabe? [...] Eu tento conquistar as pessoas, eu tento conversar com as pessoas, eu tento administrar esse lado meu. Não pode ultrapassar, tem de ser limitado na medida do possível, não deixar extravasar tudo. Procurar se comportar. Saber se comportar perante a sociedade. Entendeu? [...] O mundo gay é difícil. Até difícil da pessoa se aceitar, porque tem pessoas que nem se aceitam. Tive amigos e amiga que se mataram. Eles não queriam passar por aquilo. Não sabiam como lidar com a sociedade. A sociedade cobra demais... Então acho que você tem que saber se comportar, entendeu. Então acho que eles passam um pouco do limite em relação a isso. As pessoas não são obrigadas a ver a pessoa pelada de uma hora para a outra, ou maquiada de uma hora para a outra. Tem que ir aos pouquinhos.

À medida que indivíduos forjam suas identidades, os desafios inerentes aos domínios familiares, escolares e ligados ao trabalho, à dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho aliados à necessidade de estabelecer uma trajetória como pessoa trans, frequentemente encaminham as pessoas oriundas de contextos econômicos subalternos, baixa escolaridade, muitas vezes racializadas, em direção à prostituição. Esse fenômeno não apenas constitui um marco crucial na vida dessas mulheres, mas também exerce uma influência significativa na formação de suas autoimagens como sujeitos e, portanto, impacta a própria imagem ao longo do processo de envelhecimento.

Na análise das narrativas das entrevistadas, a prostituição emerge como uma alternativa diante da inacessibilidade às oportunidades de emprego ou à disponibilidade apenas de ocupações com remunerações excessivamente reduzidas, especialmente para aquelas em processo de transição. Todas as entrevistadas adotaram uma postura crítica em relação a esse processo, mas o perceberam como uma saída em um determinado momento muito difícil de suas vidas. No entanto, depararam-se imediatamente com desafios relacionados ao espaço/território, à exploração por cafetinagem, à gestão do tempo e às questões ligadas ao corpo. Fernanda disse:

Acho que poderia ter esperado mais um pouco e não ter me prostituído, mas na época [...] a vida foi me levando a isso, eu queria coisas [...]. Assim que acabei o colegial comecei a fazer ponto porque não conseguia trabalho [...] era impossível, naquela época, conseguir um emprego [...]. Você ser trans custa dinheiro, e você quer coisas que uma vida de trabalhar na roça, ou que seus pais não podem te dar; e que você não vai pedir para sua mãe te comprar um sutiã, uma calcinha, te comprar produtos para usar no cabelo, coisas assim, se eles são pessoas humildes. Ser mulher é um gasto que você tem de bancar.

Carla, ao abordar a temática da prostituição, menciona sua vida na Bahia e, mesmo diante dos desafios enfrentados, destaca que nunca tinha considerado a prostituição como uma opção para sua vida.

Tínhamos dificuldades na Bahia, família muito pobre, então na minha cabeça eu iria trabalhar, iria ganhar dinheiro. Até 14/15 anos, eu nem imaginava que iria parar na prostituição. A falta de oportunidade, e por eu já estar em transição, as empresas não aceitavam, me levou a isso. Na prostituição eu nunca cheguei a falar com a minha família [...] por medo da reprovação deles, e medo porque... A gente fala: Ah, mas é uma profissão... Nós entendemos que é, mas para a cabeça deles não seria. Como que eu vou falar para minha mãe que eu me prostituo? [...] com o tempo você começa a ver as partes ruins, o sofrimento que é estar na noite, no submundo que você está vivendo, aí você começa a se entristecer e que, de alguma forma, você já quer sair daquele lugar sem conseguir achar saída. Na rua, nos defendíamos muito uma à outra [...]. Tive bastante contato com a violência [...]. Me sentia indefesa. Por mais que você buscasse forças para poder enfrentar, muitas vezes você estava sozinha. Muitas vezes acontecia isso, você estava na esquina sozinha e não tinha ninguém para te ajudar. E mesmo que tivesse, quando você não teve essa criação de violência, de presenciar essas coisas, isso reflete: Pronto, vou morrer aqui.

Em sua narrativa, Carla estabelece conexões significativas entre a temática da prostituição, a vivência do corpo e o processo de transição de gênero. Essa inter-relação complexa evidencia a multiplicidade de elementos que permeiam a experiência das mulheres trans e travestis. Por sua vez, Fernanda destaca aspectos específicos relacionados a esses temas, proporcionando uma compreensão das interações entre suas histórias individuais e os desafios enfrentados ao longo do caminho. Essas reflexões revelam a importância de explorar nuances e contextos variados para maior compreensão das experiências dessas mulheres.

quando começou a transição, as amigas começaram a viajar para se prostituir em cidades maiores e começaram a fazer transição com silicone industrial. Já se falava em cirurgia plástica (que estava começando a entrar em alta nessa época). Sempre quis ter seios, sempre quis ter seios. Foi à única coisa que eu sempre quis ter. Nunca almejei outras coisas que não fosse ter seios [...]. Eu queria, e vim para Sorocaba [...] na intenção de me prostituir, já sabendo o que seria, o que eu iria encontrar. Eu esperei dar meu tempo na prefeitura [trabalho na cidade natal], que eu poderia me afastar por dois anos, após quatro anos e meio de trabalho, sem dar uma justificativa, podendo dizer que era um afastamento de motivo pessoal, sem perder o cargo. Eu já tinha vindo nas minhas férias, tinha ganhado bastante dinheiro em duas vezes que vim pra Sorocaba, minhas amigas já estavam por aqui. Eu gostei do dinheiro que eu ganhei, o que foi muito dinheiro se comparado com o meu salário.

Apesar de estar empregada naquele momento, Fernanda enfrentava desafios significativos, uma vez que o trabalho não atendia plenamente às suas necessidades como

travesti. Além disso, é crucial compreender que, naquele contexto, a vivência nas ruas assumia uma relevância particular na construção de sua identidade, transcendendo as questões econômicas. A rua, nesse cenário, desempenhava múltiplos papéis, oferecendo outros significados importantes para a formação dessas identidades em um contexto social marcado por desafios e adversidades.

Gostei de estar no meio das outras trans; eu gostei de entrar nos carros, gostei das luzes, gostei do movimento, gostei de poder vestir uma roupa sexy, de puta, e me maquiagem de forma carregada, de colocar adereços, eu sempre gostei de adereços. A rua para mim tinha tudo isso. Gostei de fazer uma produção que só comportava naquele espaço, tipo uma libertação total. Você ser livre de uma forma total. No início é uma liberdade que em nenhum lugar você vai ter.

Ana também mencionou o que gostava na prostituição:

Vivi na prostituição por muito tempo, e fui procurando todos os meios para sair [...] eu até gostava... Não vou falar para você que não gostava... acho que a noite me fascinava, e bebia ainda... Eu via que não iria ser para sempre, e que iria precisar procurar algum rumo na minha vida. Então, para mim era tudo fascinante. Eu vivi intensamente aquilo.

A rua e a prática da prostituição, além de serem meios de garantir as condições materiais de existência, emergem como *locus* significativos de sociabilidade para essas pessoas. Esses espaços se tornam propícios para a partilha de experiências e vivências, desempenhando um papel ativo na construção de identidades e subjetividades. No entanto, ao longo do tempo, questões adicionais relacionadas à prostituição começam a surgir, e a ideia ou a sensação inicial de liberdade começa a se transformar, como Fernanda compartilhou em sua narrativa.

Essa sensação de liberdade vai até quando você percebe que ali tem regras, as coisas que você pode e que não pode fazer. Que tem um X valor que você tem que ganhar todo dia; que precisa fazer X quantidade de programa e que com isso vai apreendendo os perigos que estão ali, como os vários tipos de violência, as cobranças. Eu acho que até um certo tempo, uns anos antes da época dos anúncios dos sites na internet, a cafetinagem era válida porque era uma fase de transição para você ter certeza. No entanto, vi muitas pessoas que pareciam ser trans, e foram ali um tempo, se montavam, faziam avenida, se prostituíam, mas depois não eram realmente trans, não completavam a transição, não faziam cirurgia, não tomavam hormônios, simplesmente se desmontaram e continuaram sendo gays. Ali realmente é um teste. Se você é realmente trans, passa por tudo, e vai continuar sendo trans. Isso não vai mudar sua essência, você só vai ficar mais esperta para sobreviver na vida.

Um momento crucial na trajetória dessas mulheres é a saída da prostituição. Embora não seja um processo simples, com o passar do tempo essa saída se impõe por diversas razões,

sendo uma delas o próprio processo de envelhecimento. Ana, ao lembrar esse período, compartilha sua experiência do seguinte modo:

Quando comecei a ir para a rua e perceber que já estava ficando escasso para mim, que não ganhava mais dinheiro, foi ficando cada dia pior, e vi que tinha chegado a hora de procurar novos rumos [...]. Para sair da prostituição, é aquela coisa, estudo é a base de tudo. Tem de estudar e ir atrás dos seus objetivos. Porque atualmente as coisas estão bem mais fáceis. Não está mais fácil, está mais acessível para as pessoas trans do que na minha época.

Carla que, como todas as outras, foi para a prostituição por sobrevivência, diz que:

claro que no começo você fica empolgada, porque são várias descobertas ali. Mas quando você começa a ver as partes ruins, o sofrimento que é estar na noite, no submundo que você está vivendo, aí você começa a se entristecer e de alguma forma você já quer sair daquele lugar. E vai ficando... você não consegue achar saída.

Ana narra ainda esse momento de constatar que é chegada a hora de sair da prostituição associando-o ao passar do tempo.

Depois vi que não tinha mais graça. O negócio já era sério, mas eu estava tendo a (des)ilusão de tudo, sabe, aquele mundo mágico que não era; aquela vida toda, e a idade vem chegando, a gente vai se cansando, chegam as pessoas mais jovens, e a gente vai ficando para trás.

Enfrentar o processo de envelhecimento como mulher transexual ou travesti implica desafios significativos, uma verdadeira resistência contra se tornar uma estatística. Ao optarmos por alterar o curso de nossas vidas ou, como dizem algumas de nossas entrevistadas, recalculando a rota, somos confrontadas não apenas com a escolha de um novo trajeto, mas também com a necessidade de explorar caminhos que muitas vezes são árduos. Embora o acesso ao mercado formal de trabalho já seja desafiador para pessoas cisgêneras, para uma mulher trans, cuja trajetória é marcada por inúmeras adversidades, dentre elas a prostituição, é praticamente como ganhar na loteria com uma única aposta.

Corpo, prostituição, silicone e tantos outros elementos aqui abordados guardam íntima relação com o mercado de trabalho, ou melhor, com a falta de oportunidades no mercado de trabalho para mulheres trans e travestis. Tal dificuldade com o mercado de trabalho é ressaltada por Carla, assim como é relatado pelas outras entrevistadas. Carla relata que começou a fazer faxina como empregada doméstica e trabalhou de babá, porque esses eram os empregos possíveis. Até que decidiu tentar uma vaga no mercado formal de trabalho.

No contexto das políticas públicas voltadas para a inserção desta população no mercado de trabalho formal, nos deparamos repetidamente com obstáculos significativos que impedem avanços substanciais. Apesar das assertivas de que as coisas melhoraram, a presença de mulheres trans em empregos formais permanece aquém do necessário. Ao refletir sobre minhas próprias experiências, enquanto uma mulher trans, travesti, por longos anos trabalhando como profissional do sexo, durante muitas entrevistas nas quais compartilhei abertamente minhas dificuldades, critiquei a ideia meritocrática que subestima os desafios reais para termos uma carreira formal. Considerando meu envelhecimento, resignei-me à ideia de que a aposentadoria seria uma realidade quase inalcançável. Carla, em seu relato sobre seu acesso ao mercado de trabalho formal destaca a dor e a humilhação de ter que se despir da própria pele por uma oportunidade:

Preciso ter registro em carteira! Foi quando tive minha primeira decepção no mercado de trabalho. Através de uma agência de emprego participei de um processo seletivo, entreguei documentação, fiz exame médico, e vinte dias depois eu voltei para pegar minha carteira. Isso porque eu liguei na empresa. Quando eu cheguei lá, a selecionadora olhou para a minha cara e falou: a empresa não te aceitou por você ser travesti... Aquilo, fiquei sem chão. Mas ganhei forças para não desistir, e continuei! A minha estratégia foi cortar o cabelo bem curtinho, e comecei a andar como um gay, de cabelo preso, “camisetão”, tênis (...) Eu comecei em uma determinada empresa [o patrão] falou para o pessoal que eu era uma pessoa afeminada e isso aí foi uma estratégia (...). Tempos depois, comecei a voltar a ser a Carla fisicamente, usar minhas roupas femininas, o meu cabelo, a maquiagem (...) desse período para cá, eu consegui trabalhar em alguns lugares: trabalhei em portaria de condomínio, trabalhei em outra empresa, não tive do que reclamar. Entrei, todos sabiam que eu era uma mulher trans. Fui muito bem respeitada durante quase quatro anos de trabalho. Só que daí acontece que vai pesando, a idade vai chegando, e você quer ter um trabalho mais garantido, quer ter uma profissão, e aí você precisa estudar. E como eu fiquei muito tempo fora da escola pela questão do nome social, eu acabei tendo de ficar fora da escola. Quando voltei, voltei a terminar o ensino médio pelo EJA, e aí se passaram alguns anos... Hoje eu busquei outro caminho. Hoje eu curso pedagogia, e faço estágio na área da educação infantil. Assim, tenho me encontrado.

Mesmo com todos esses sacrifícios em busca da empregabilidade, nada é garantido. Pensando nos acessos e nas permanências, a vivência nesses espaços de trabalho formal pode ser mais violenta que a própria rua. Muitos colegas de trabalho, quando se deparam com uma mulher trans e travesti no mesmo espaço, dividindo o mesmo banheiro, a mesma garrafa de café na copa, o mesmo livro de ponto, também lançam suas estratégias para nos enfraquecer e nos desmoralizar, a começar pelo ato “inocente” do erro dos pronomes e artigos, pela forma sorridentemente exagerada de demonstrar acolhimento, que “não tem preconceito nenhum, e

acha a coisa mais linda”. Ou, então, nas disfarçadas perguntas invasivas de curiosidade sobre a nossa genitália, ou sobre nosso modo de viver relacionamentos e a pergunta principal: Como conseguiu chegar até aqui? Nossa transição das ruas para a carteira assinada demanda muita resistência, calma, muitas estratégias e, além de tudo, muita consciência de quem você foi, é, e o que deseja para seu futuro.

Dar-se conta de que você não ganha mais dinheiro nas ruas como antes, e que seu corpo não é mais atraente aos clientes que circulam neste meio, em muitos casos acaba sendo motivo de depressão profunda. Esse processo nos é revelado por Fernanda, para quem há um dado momento em que a pessoa precisa se dar

conta da hora que vai ter que puxar seu carro; a hora que você não vai ter tanto brilho mais; que você não vai ganhar como você ganhava; que vai chegando uma nova geração, que você está ficando cansada de ficar em pé; que os clientes vão diminuindo, e que aquilo vai te dando um cansaço ainda maior, porque o que era divertido passa a ser uma tortura psicológica [...]. Então, a partir disso, você começa a perceber que tem de recomeçar, se dar conta de que você está envelhecendo e que você precisa se reinventar de novo.

Com relação à cafetinagem, realidade enfrentada por muitas profissionais do sexo, essa é vista quase como uma necessidade, sobretudo para aquelas que ainda não passaram pelo processo de transição, e mais difícil para aquelas que já transicionaram. No entanto, é crucial destacar que, ao abordar essa temática, são evidenciados não apenas os desafios inerentes à exploração, mas também as problemáticas associadas à violência que se manifesta em muitos casos e são ignoradas pelo poder público e pelas forças de segurança. Ana contou:

Sobre a cafetinagem [...] tenho meus pensamentos, não concordo com isso. É ganhar dinheiro nas costas dos outros, querendo ou não, é uma escravidão, só mudou o nome. É triste [...]. Nada é o que representa ser. Nada daquilo! É um mundo totalmente diferente. É cafetinagem mesmo, exploração. Teve uma situação em que fui queimada com cigarro por atrasar um dinheiro que a gente tinha comprado umas coisas da cafetina (e era obrigada a comprar), e tinha atrasado (o pagamento), aí ela passou a receber o dinheiro da semana, eu não tinha, e ela começou queimar meu braço com cigarro, e ainda me multou pelo dobro. E se não pagasse, apanhava, queimava de novo e ia multando.

Fernanda faz uma ressalva e relaciona a cafetinagem, a idade e o corpo que não mais performa como quando se é mais nova:

Tem um lado ruim da cafetinagem para quem é trans com mais idade. Porque quando você é novinha [...] ganha-se muito fácil. Para você pagar um valor para a cafetina para ter uma casa, uma cama para dormir, uma comida para comer [...]. Agora quando você é mais velha, mora na sua casa,

e que você já está estabilizada naquela cidade, não é uma coisa legal. Para uma trans que está transicionada, você ser cafetinada já passa a ser uma tortura psicológica. Não é legal quando você se torna uma trans independente, e aí você não precisa mais de cafetina, ela se torna uma pedra no seu caminho [...]. Nem tudo é mais tão bonito quanto era no começo. Realmente você só pensa no dinheiro depois de um certo tempo. Não importa mais se o cliente é bonito ou feio, cheiroso ou não, se está fedido [...] e depois de um tempo você quer um respeito [...] não é mais o dinheiro que importa nesta questão, é questão de que você não tem mais volta quando transiciona completamente. Quando colocamos um silicone no corpo e fazemos uma cirurgia plástica, nunca mais você volta a ter um corpo masculino normal, então você não tem mais volta. Então, você sente que não tem de pagar mais um pedágio para você existir ali naquele ponto, contribuindo para a manutenção e a existência daquele espaço, e defendendo aquele espaço por um tempo já. Você já faz parte dali, e não vai sair por um bom tempo.

Ao mencionar a prostituição e a cafetinagem, Fernanda introduz vários elementos que se relacionam. Em um primeiro momento, a cafetinagem é quase uma necessidade, pois normalmente são muito jovens, recém-saídas ou expulsas de casa, ainda não transicionadas ou com qualquer modificação corporal. Com o passar do tempo, com as mudanças corporais já realizadas, a disputa por espaço e o cansaço das ruas, o que se busca, além do dinheiro, é também o respeito e, para Fernanda, respeito não é compatível com estar submetida à cafetinagem. Menciona, ainda, a impossibilidade de voltar a ter um corpo masculino “normal”, ainda que muitas mulheres travestis e transexuais durante o processo de envelhecimento passem por essa experiência.

Ao adentrar na questão do tempo, Fernanda ressalta o cuidado com o corpo no processo de envelhecimento e cita a questão do uso de drogas lícitas e/ou ilícitas e pensa que isso também interfere, bem como a constante pressão psicológica pela qual passam as pessoas trans. Diz Fernanda:

Acho que você tem meio que uma consciência da vida que você leva, das dificuldades do que é ser trans, a pressão psicológica. Queira ou não, sofremos uma pressão psicológica. Não sei se dá para comparar com uma pessoa cis, porque a pessoa cis também tem pressão psicológica, mas a gente tem o tempo todo: pressão psicológica estética (no próprio meio trans), dos homens, dos clientes; pressão psicológica de você com você mesma, uma pressão psicológica do medo de que pode sofrer uma violência a qualquer momento [...]. No mais, acho que, assim, você tem que se alimentar e dormir bem, não ter vícios que te afundem demais. Você pode curtir a vida porque quando você é jovem, sendo cis ou trans, vai curtir a vida, mas vai chegar em algum momento que você vai ter de saber que aquilo não é mais legal se você quiser prolongar sua vida por mais tempo. [...] se alimentar bem, dormir bem, ajuda a aumentar sua expectativa de vida.

O processo do envelhecimento, ainda que delicado para todas as pessoas, especialmente para mulheres, é ainda mais delicado para as mulheres trans que ‘teimam’ em não virar estatística e implica várias especificidades, mas, segundo Fernanda:

É saber aceitar que você está envelhecendo, que é muito difícil para uma pessoa trans, porque aos 30 anos você é considerada velha. Aos 40 anos, você já está muito velha. Aos 50, você já é uma velha. E se você chegar aos 60, é uma glória!!!! Porque são raríssimas as que chegam.

Essa particularidade do envelhecimento trans foi tratada por Siqueira (2004) ao entrevistar mulheres travestis do Rio de Janeiro-RJ que narravam a dificuldade em chegar na velhice que, como nos disse Fernanda, “é uma glória”. A dificuldade em se chegar à velhice relaciona-se ao histórico de suas vidas: a expulsão de casa, as dificuldades socioeconômicas, a saúde, a prostituição e a violência transfóbica. Portanto, há uma necessidade urgente de políticas públicas voltadas especificamente a essa população no que tange à garantia de direitos. Esse momento do envelhecimento é tão delicado para muitas travestis e transexuais que, como conta Fernanda,

Algumas pessoas destransicionam nesse momento porque não sabem o que fazer da vida, é preciso trabalhar seu psicológico, a pessoa se dá conta de que não fez alguma coisa que possa te dar alguma renda. Quando você chega aos 30/40, você tem que começar a se preparar, se possível até antes, claro, mas os 30 é a idade X que você precisa fazer um curso de alguma coisa; pensar numa ou outra profissão, mesmo que você não ganhe tanto, mas que vai ter de dar uma renda mínima de sobrevivência. O momento é esse. Agora, se você esperar ficar muito tarde demais, vai ficar mais difícil.

A esse respeito, Antunes (2010) ressalta a importância de se criar políticas públicas para mulheres travestis e transexuais para que possam viver sua travestilidade sem a necessidade de destransicionar em algum momento de suas vidas. É necessário haver acompanhamento adequado, não apenas de suas necessidades materiais, mas de suas necessidades de saúde.

Com o passar do tempo e, portanto, com o envelhecimento, outra preocupação com o corpo apontada pelas entrevistadas é o uso do silicone. Sobretudo em se tratando de silicone industrial, pois, como discutem Lovison, Santos e Klein (2019), a exclusão socioeconômica limita o acesso a quase tudo, levando muitas mulheres travestis a se utilizarem de formas perigosas de tratamento ou intervenção na busca da feminilidade física.

Fernanda nos faz pensar e refletir sobre os riscos da aplicação do silicone industrial e sua relação com o envelhecimento.

O silicone é uma outra questão, não sei se todo mundo passa por isso, né?! Mas eu passo. Te limita, você fica com medo disso te dar algum problema. Vai dar problemas uma hora. Isso pode dar uma infecção do nada (de uma batida), enfim... pode ter um problema de circulação (que é natural da idade), vai fazer com que esse problema se antecipe e acelere. Então acho que é isso que eu tenho mais medo. Acho que aos 30 e aos 40 são as partes mais difíceis do espelho. Porque você começa a aceitar que não tem mais volta. Dos 30 aos 40 você começa a mentir para você mesmo. Mente sua idade para menos. Começa a usar artifícios que pareça mais jovem. Você vai relutando mais do que pode. Mas, quando chega aos 40, não tem mais volta. Você percebe que está na meia-idade e que você já envelheceu, e que vai ter que lidar com isso. Que você vai ter de ser uma trans envelhecida. [...] Bonita, será que você foi bonita? [...] para quem foi muito bela na juventude, chegar aos quarenta com a aparência envelhecida é muito sofrido. Um pesadelo! Para mim não [...] acho que basta você manter uma aparência boa. Eu falo que eu quero ser uma senhora elegante, me manter elegante, bem-vestida, cuidada (do jeito que dá). Acho que o que você pode fazer, dentro da sua idade, é não se sentir envergonhada da idade que você tem. Acho que é isso. O segredo de você envelhecer bem.

Na cidade de Campinas, interior de São Paulo, existia, no início da década de 1990, relato por vivência, a “lei dos 3 litros”, ditada pelas cafetinas e cafetões da época, onde toda pessoa trans que estivesse em situação de prostituição (inicial ou não), para ter permissão para trabalhar, precisava ter no mínimo essa quantidade de silicone no corpo.

Para Ana, assim como com para as outras entrevistadas, as mudanças no corpo foram feitas com silicone industrial. Ana lembra:

Quando “eu caí” na rua, a gente tinha que ter silicone industrial. Tinha de ter silicone industrial no corpo. A gente não era considerada travesti se não tivesse o silicone, era para você fazer parte daquele núcleo. Um ritual de passagem. Éramos obrigadas a fazer e arrumar dinheiro. Se não fizesse, não podia trabalhar na rua. Apanhava, era multada, e não era respeitada. Não que eu precisasse, porque eu já fazia parte desse núcleo, então coloquei só por opção própria mesmo, para fazer o que tinha que fazer no corpo.

Vale destacar, no entanto, que o silicone industrial tem desempenhado um papel significativo na modificação corporal por mais de seis décadas. Mesmo que seu uso, muitas vezes clandestino, persista entre mulheres cis e trans como uma alternativa mais acessível em busca da perfeição, é importante destacar que essa prática é desaconselhada. Utilizado de maneira doméstica e proibida para fins estéticos, o silicone industrial acarreta efeitos colaterais prejudiciais ao organismo humano.

Esse corpo, agora moldado para a sobrevivência, sobre a ação do tempo. A falta de um sistema de saúde com atendimento humanizado sempre foi um dos fatores que contribuíram para que muitas de nós, mulheres trans e travestis, se automedicassem e não procurassem atendimento médico. Estamos em 2023 e muitos profissionais da saúde ainda alegam não

saber nada sobre saúde de pessoas trans. Em sendo assim, faz-se necessário que haja uma revisão nos cursos de graduação na área da saúde para que esses profissionais estejam aptos a trabalhar com toda população brasileira.

Em relação às mudanças no corpo, Deisy relata que:

Antigamente tomava muito hormônio. Eu tomei quatro tipos de hormônio, me automedicando. No meu tempo era tudo assim, na marginalidade [...]. Uma amiga minha me colocou silicone industrial. Não me arrependo. Foi minha única intervenção cirúrgica. Eu não gostava do meu reflexo no espelho. Hoje eu me amo. Achava que estava faltando alguma coisa no meu corpo, então quis dar uma mudadinha para ficar do jeitinho que eu queria, nem mais nem menos, no ponto. Hoje me adoro, eu me amo, eu gosto de mim assim.

Corpo e envelhecimento, para essas mulheres, aparecem sempre associados e, para Ana:

O envelhecimento é uma passagem. Um ciclo que você está cumprindo. Aquela coisa, tem de envelhecer com sabedoria, né? Não só envelhecer. Já tive muito medo, atualmente não. Tinha medo de ficar só, essas coisas... tenho medo de ter que ficar acamada, disso eu tenho medo. A gente que é trans vive sempre... ao mesmo tempo em que a gente está acompanhada, nós sempre somos só.

Afeto, relacionamentos, corpo e processo de envelhecimento são questões que muitas vezes se relacionam e Carla nos diz que teve alguns relacionamentos frustrantes, até que encontrou o amor:

o amor é calmo, ele não tem aquelas turbulências... Ele te dá um aconchego, ele te dá o que você precisa, sem aquelas loucuras de paixões. É isso [...] acho que não teria de ter diferenças de amor trans ou amor cis. Amor é Amor! Você ama, ama o que a pessoa é; a essência daquela pessoa. Então, independente de ser mulher trans, eu encontrei o amor num homem cis. Mas eu poderia ter encontrado o amor diferente, mas estava na minha vida de encontrar um amor num homem cis. Acredito em destino [...] vamos comemorar bodas de prata do dia que nos olhamos pela primeira vez, 11 de janeiro de 1999, são 24 anos. Nós temos a união civil, somos casados civilmente.

O processo de transição e a mudança ocorrida no corpo são recordados por Carla com emoção, seus olhos ficam marejados quando nos conta quando começou o processo:

Quando eu passei pelo início da transição, tinha que ter o silicone (industrial), e você via as meninas femininas com quadril, com bumbum e dizia: quero também. E como que é isso? É na hora? Cresce na hora? Naquela época, não sei por ser jovens demais, mas por querer tanto a feminilidade você aceita o silicone industrial. [...] e acabei indo à “bombadeira” [...] Fiz quadril, fiz bumbum, e um pouco nos seios. Hoje eu

sei do risco que corri, não faria de novo, mas fiz [...]. Tem algumas coisinhas que eu faria, que penso em fazer, lógico. As mamas. Tenho vontade de fazer correção das mamas [...]. Eu tenho uma lembrança [pausa – os olhos marejaram]. Eu era bem magrinha, então assim, tinha aquele corpo bem definido e, quando eu coloquei um “copinho americano de silicone” nos seios, e me olhei no espelho, eu chorava, porque eu vi uma mulher ali, de seios.

Carla fez, durante muitos anos, a chamada auto-hormonização e, apenas em 2016, começou a transição dentro do protocolo estabelecido pelos órgãos de saúde:

comecei a transição dentro do protocolo [em 2016], com endocrinologista, tomando hormônio transexualizador [...] e são todos dosados [...] não existe essas loucuras que nós fazíamos antigamente, colocar uma cartela de anticoncepcionais dentro do suco, com um copo de leite, bater no liquidificador e tomar. Porque você ia ter os melhores seios, mais lindos do mundo, e que era mito, na verdade.

O processo de envelhecimento, para Carla, é marcado depois dos 35 anos. Diz ela:

eu percebi o envelhecimento, eu acho que foi depois dos trinta, trinta e cinco anos, porque eu tenho “quarenta mais”. Na verdade, eu sempre tive muito medo [de envelhecer]. Eu achava que envelhecer iria tirar toda a minha feminização; que eu ia perder cabelo, que eu ia ficar com aparência de menino... masculina. Então, assim, eu temia muito... E aí, quando eu fiz 40, eu vi que ainda está longe disso, ou seja, isso não vai acontecer, porque nós tomamos os devidos cuidados. Saúde é regrada numa alimentação, não abusar de bebida alcoólica, noitadas... Acho que tudo isso é qualidade de vida, então hoje eu já me sinto preparada, porque depois dos 40+, vem os 50+. Então acho que hoje já estou preparada para os 50+. Hoje eu sei, sinto, que vou ser uma senhora bonita, uma senhora... [risos]. Não sei se bonita, mas uma senhora bem cuidada, bonita a gente já está, né?! [risos]. Como se fala, é muita autoestima. Mas, acho que é isso, que eu vou ficar uma senhora bem cuidada.

Desse modo, Carla parece ter alcançado o padrão de uma senhora “fina” e “bem cuidada”, nos moldes de Roberta Close. Olhar-se no espelho e sentir-se bem acaba sendo um importante aliado para perceber a ação do tempo, além de um incentivo para continuar viva.

Carla nos recorda, ainda, a pesquisa de Nogueira (2013) com travestis em Fortaleza e Lisboa sobre o significado e os sentidos que travestis dão aos seus corpos concluindo que esses corpos, no processo de envelhecer, permanecem como contestação das normas de gênero e sexualidade. Para Carla, se o processo de envelhecimento é preocupante para as pessoas cis, mais ainda para as pessoas trans.

Envelhecer já pesa para as pessoas cis, aí você imagina para as pessoas trans? Por mais que a família te aceite, por mais que você tenha um apoio, por mais que você tenha um afeto, quem vai ficar com você? Quem vai cuidar de você na velhice, caso o meu esposo venha partir antes que eu? Talvez eu esteja egoísta, porque ele também precisa de alguém; então assim,

é isso, né?! Às vezes você acha que você vai envelhecer e não vai ter ninguém ali, para estar do seu lado, para cuidar de você... É mais isso que pesa, né?!

Ana diz que olhar-se no espelho tem a ver com fases, com momentos da vida.

Sobre o espelho, teve fases que fiquei bem (com meu corpo), outras fiquei mal, e agora estou bem de novo. Eu dei uma engordada, mas não o motivo de ser gorda, mas pelo fato de ser uma trans, né?! A gente está sendo cobrada todos os dias e todas as horas ... Você está exposta ali 24 horas. O foco é seu. Ou para te xingar, ou para te elogiar... E você mesma vê o que tá bem, ou o que você não tá bem”.

Quando o assunto é espelho, em certo momento, Ana, relata sua percepção sobre o racismo estrutural existente no Brasil (Almeida, 2019) como fator determinante que somado a sua identidade de gênero, torna ainda mais difícil seu acesso ao mercado formal de trabalho, quando nos diz:

Dificuldades todo mundo tem. Então, atualmente eu faço tudo. Ainda tem essa coisa de emprego, que é mais difícil para a gente que é trans, ainda mais a gente que é trans e negra. Já foi mais, atualmente não. Continua sendo, mas não é visível. Atualmente a sociedade tem de olhar, mas por mais que pense, não pode falar. E não é só branco não, os próprios negros fazem piadinhas com a gente. Como se diz, o oprimido sendo opressor. E para agente que é negra, pior ainda, para os negros eles acham que é uma ofensa...Mas, se correr atrás, nós conseguimos. Tem de correr atrás, né?!

Para quem sempre teve de usar a aparência como forma de sobrevivência, como é o caso das profissionais do sexo travestis e transexuais, a utilização de artifícios torna-se uma prática essencial para manter viva a imagem desejada por aqueles que as procuram, pagando um alto preço por esse serviço (onde o sigilo se torna um elemento de valor inestimável). Em busca de resultados rápidos, muitas mulheres trans e travestis optam por recorrer ao silicone industrial como uma ferramenta para esculpir seus corpos, intensificando assim seu apelo desejável. A sensação de pertencimento a um grupo, de ser respeitada por seus pares e de enfrentar os perigos associados à aplicação clandestina de silicone industrial não é algo recente. Desde a década de 1970, travestis e mulheres trans têm sido desafiadas a passar por esse ritual de passagem de maneira quase tribal, revelando a coragem necessária para superar os riscos mortais e afirmar sua verdadeira identidade. É por meio desse rito que muitas delas conquistam uma voz respeitada dentro do grupo, estabelecendo um processo contínuo de ganho de respeito entre suas iguais.

Deisy, no momento da entrevista, era manicure, mas já havia sido cabeleireira, maquiadora, entre tantas outras atividades, e dizia que “até estava pensando em arrumar outro trabalho, sabe? Mas eu acho gozado o envelhecimento, porque você perde o equilíbrio de

tudo, né?!”. E a partir do trabalho e das dificuldades no e com o trabalho abriu-se o espaço para que Deisy discorresse sobre o processo do envelhecimento.

Não que eu sinta preconceito pelo fato de ser já idosa. Mas você não tem mais aquele pique de pegar um trabalho, é estranho, a gente vai envelhecendo, vai aparecendo problemas com diabetes, problemas no coração, problemas, problemas... A pressão arterial já muda bastante, você fica sem saber seu futuro como seria. Tenho dores na perna, fica sempre uma coisa estranha. Quando a idade vem chegando, as coisas vão mudando... eu estou aceitando isso com naturalidade. Mas as pessoas falam que envelhecer é maravilhoso, mas eu não vejo isso. Você perde totalmente o equilíbrio. O que antes você fazia com mais tranquilidade, hoje faz com mais dificuldade. Não é fácil, e não é difícil, é só saber administrar bem isso aí na sua cabeça. Acho que tudo isso é o lado psicológico que bate na gente. Olha, eu vou dizer uma coisa para você, eu não gosto de envelhecer não, não diria que é uma dádiva. Mas tem de ser bem aceito, porque mexe com seu lado psicológico. O que eu mais penso é em me aposentar, porque pelo fato de ganhar uma aposentadoria e sendo uma pessoa sozinha me basta. Não estou aqui em busca de nada faraônico, não quero nada faraônico, não que eu não tenha perspectiva de vida, e de ser uma pessoa ambiciosa, hoje não, eu prefiro ter um ganho para mim só, e pronto. Não preciso de muita coisa para ser feliz, não. E as minhas amigas, minhas amizadas, que eu amo demais, bastam.

A entrevista com Deisy foi realizada em janeiro de 2023. Em março, ela completou 64 anos. Poucos meses depois de assim discorrer sobre o envelhecimento e expressar seu desejo por uma aposentadoria, para que pudesse ter dias mais tranquilos em sua velhice, em julho, Deisy nos deixou. Trazer suas memórias, nesta pesquisa, é também render-lhe homenagem, é reconhecer que a luta pela visibilidade, pela existência, pela sobrevivência de mulheres travestis e transexuais se faz também graças ao existir e re(existir) dessas mulheres que vieram antes de nós.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral analisar o sentido do envelhecimento de mulheres trans e travestis, residentes na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, por meio das narrativas de suas histórias de vida. Buscou-se, ainda, compreender como essas mulheres constituem uma imagem de si na sociedade diante do processo de envelhecimento, identificando e compreendendo, em suas narrativas, as estratégias de superação das condições de violência e de exclusão social e institucional a que foram e são submetidas.

Em desafio à estrutura social construída sobre o modelo binário de gênero, afirmamos, com convicção: Sim, crianças trans existem! Desde muito pequenas, as crianças transgênero, mesmo sem ter plena consciência de que estão contrariando a norma binária, são diariamente expostas a muitas violências e omissões institucionais e acabam sendo obrigadas a revidarem todas as agressões que sofrem, mesmo que de modo instintivo. Lamentavelmente, a partir do momento do primeiro revide, algo dentro delas é ativado: o modo sobrevivência. Este as acompanhará por toda sua existência, sendo ela curta ou não.

Deste modo, constatou-se, nas narrativas das quatro mulheres trans e travestis, uma trajetória de vida entrelaçada. Essas mulheres, desde a mais tenra idade, aproximadamente 5 e 7 anos, já identificam em si uma autopercepção como meninas, em um contexto que as categorizava de maneira diferente. As narrativas de preconceito e homofobia aparecem de forma variada, manifestando-se com maior ou menor intensidade nos âmbitos familiar e escolar.

A transição emerge como um ponto de inflexão significativo tanto no âmbito subjetivo, quanto material. Este é o momento em que muitas abandonam seus lares de origem, iniciando uma jornada nômade através de processos migratórios, e veem na prostituição uma fonte de sustento para manterem suas condições materiais de existência. Conforme destacado por Fernanda em sua narrativa, fica evidente que "ser travesti custa dinheiro", tornando a prostituição uma escolha frequentemente necessária para financiar o processo de transição.

Deste modo, para as mulheres entrevistadas, a prostituição despontou como uma necessidade imperativa, experimentada intensamente como um universo inicialmente "mágico", proporcionando a liberdade de serem autênticas. Contudo, esse encanto inicial cobra seu preço, revelando-se na crua realidade da cafetinagem, disputa territorial e violência. Ao mesmo tempo, a prostituição se revela como um espaço de sociabilidade crucial, desempenhando um papel significativo na formação da subjetividade desses indivíduos.

As narrativas de nossas mulheres destacam as formas cíclicas de violências, medos e silenciamentos. Ser, adequar-se, estudar, trabalhar, amar, ser amada e envelhecer. Ciclos que podem parecer naturais para uma pessoa transgênero em situações de maior conforto socioeconômico, mas para mulheres travestis e transexuais socioeconomicamente desfavorecidas e negras esses ciclos podem soar como sentenças fatais. Nesta esteira, ser lançada à prostituição, ficando refém de tudo o que orbita este universo, enfraquece possibilidades de se criar estratégias de envelhecer com dignidade.

De acordo com o Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras de 2022<sup>9</sup>, não é a prostituição que coloca as mulheres transexuais e travestis em situação de vulnerabilidade:

(...) mas a transfobia e as condições que lhe retiraram as oportunidades que antecedem a sua busca pela prostituição como única opção. Inclusive, urge discutirmos o fato de que nem toda profissional do sexo está em vulnerabilidade social e que muitas encontraram ali uma saída frente aos processos de empobrecimento impostos a corpos trans pela ausência de oportunidades (...) Acreditamos que é necessário assegurar condições favoráveis de trabalho para quem deseja permanecer e gerar oportunidades para outras tantas que desejam sair ou nem pretendem experimentar essa possibilidade e que ambas as possibilidades podem coexistir e não se anulam entre si. Para isso, podemos sugerir que sejam feitos compromissos e destinados esforços de toda a sociedade, incluindo o Estado, para além daquelas de enfrentamento da transfobia junto ao sistema de justiça e da segurança pública, que vão desde projetos para o resgate da escolarização perdida para quem precisa e deseja, cursos de formação, profissionalização, e, sobretudo, a geração de oportunidades como ações afirmativas com a destinação de vagas específicas para pessoas trans em concursos públicos, vagas de trabalho, cursos profissionalizantes e universitários, que não se limitem a inclusão, mas que sejam capazes de garantir a permanência no mercado formal de trabalho e possibilitar investimentos em qualificação para gerar sucesso dentro do ambiente laboral. Nesse sentido, o Estado não tem sido apenas omissor, mas, também, é agente direto de diversas violações e violências contra pessoas trans. Ao observar o impacto das crises que temos enfrentado nos últimos anos, fica nítido que em relação à comunidade trans, ao falarmos do marcador social da diferença “classe” torna-se, acima de tudo, urgente lançar luz sobre os problemas e desafios sociais que alcançam de forma desproporcional essa parcela da população.

O conscientizar-se de que seu lugar não é mais alheio se encorajara mudar o rumo da sua vida não é simples e nem acontecerá de modo imediato. Leva-se tempo e carece de capacitação, consciência de gênero, de classe e de raça.

A escola exclui e o faz de forma continuada. Ela produz, em seu interior, os excluídos. Como diria Bourdieu, ela produz os “excluídos do interior”.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf/>. Acesso: jun.2023.

Observa-se, no entanto, uma transformação significativa, embora ainda em processo de consolidação, nas oportunidades e perspectivas disponíveis para mulheres trans e travestis que buscam abandonar a prostituição. As entrevistadas enfrentaram o desafio de descobrir novas formas de sustento e de se afirmarem na esfera pública de uma cidade do interior de São Paulo. Duas delas alcançaram esse intento através da conclusão de cursos superiores, obtendo licenciaturas em artes visuais e pedagogia. Uma terceira optou por uma formação técnica, desempenhando a função de profissional doméstica.

Nas histórias de vida que tecemos no decorrer dessas páginas pudemos falar de amor, de respeito, de família que, mesmo sem compreender nada sobre identidade de gênero, reflete, volta, abraça e diz que te ama, e isso muda tudo.

Falamos do adequar-se para permanecer invisível, e que mesmo invisível, não foi motivo suficiente para ser desejada, aceita, priorizada.

Falamos do despir-se da sua pele para conseguir uma vaga de trabalho, e que mesmo em desertos, após muitas tempestades, pode, sim, florescer relacionamentos (entre homem cisgênero e mulher trans).

Falamos do medo de envelhecer, de não poder mais ostentar signos de feminilidade (cabelos, seios); de não mais se reconhecer. De não ter afeto, da pele calejada do reflexo envelhecido, enfraquecido pelo tempo, depois de muitas batalhas por melhores oportunidades.

Falamos em ter de assumir (sua identidade), como se crime fosse. E não é!

Falamos em ter de combater ideias, dogmas, e todo mal-estar de não ser bem-vinda enquanto cidadãs. Importante lembrar que nosso país ainda tem muita luta para desatolar desse momento triste e “lamacento” da nossa história recente, que tirou tantas pessoas do “armário” da violência, da exclusão, de preconceitos, apontando o dedo para todas as pessoas que ousassem pensar, agir fora dessa histeria coletiva, legitimada em nome de Deus, dentro de um Estado que, por regra constitucional, deveria ser laico. Necessário repudiar tantos retrocessos ancorados nesse fantasma social, e nem sermos celeiros de narrativas como “ir para o céu, ou ir para o inferno”, “estar nessa vida por que quer”. Nem mesmo tantos retrocessos sociais deveriam servir de justificativa para legitimar a escolha de um representante, chefe de Estado, alinhado em prol da destruição da dignidade e do respeito das pessoas mais vulneráveis. Isso sim deveria ser considerado crime hediondo e inafiançável.

Chegamos à conclusão de que as estratégias de sobrevivências, apresentadas até aqui, não têm a pretensão de esgotar essa temática complexa e necessária, mas trazer reflexões, provocações dentro de uma realidade marginalizada, enaltecendo as lutas dessas mulheres. Que os entendimentos de tudo o que nós mulheres transexuais e travestis

suportamos em troca do “existir” são tão complexos e que nunca se esgotam, sempre se transformam em superações de obstáculos móveis, por toda a nossa existência.

Sorocaba, considerada uma cidade ultraconservadora, já foi palco de muitas violências contra corpos LGB, principalmente Trans e Travestis: as não invisíveis politicamente.

Nós demoramos muito para entender nossos direitos enquanto cidadãs. Entender que poderíamos andar à luz do dia sem ter que correr quando avistássemos um carro de polícia. Apenas em 2004, enfrentamos as truculências policiais contra nós, em uma visita histórica de repúdio ao 7º Batalhão de Polícia. Este feito, um misto de coragem e desespero, foi o divisor de águas para que pudéssemos ter um pouco de paz para ficarmos em pé nas esquinas da cidade. Nesta época, só existia “nome de guerra” e, mesmo assim, ignorado. Era uma guerra mesmo!

Demorei muito para entender que eu não era só uma “**Travesti Raivosa**”, e sim uma pessoa trans cansada de brigar por respeito, cansada de ser atacada e xingada nas ruas e não ser ouvida. Então a única linguagem de revide que eu conhecia era a violência. Parafraseando a entrevistada Fernanda, eu chocava, e as pessoas tinham medo de mim. Mas, à base de muitas reflexões e com o passar do tempo (e já atravessei quase quatro décadas desde que “caí nas ruas”), fui transicionando da Travesti Raivosa, em profissional do Serviço Social, para a Mestranda, e agora para a Conselheira Tutelar.

Eu mudei, mas os preconceitos, os obstáculos móveis que tangem nosso acesso aos nossos direitos enquanto cidadãs, não. Continuam cada vez mais perigosos, visto que agora são velados.

É importante que toda a sociedade assuma o compromisso de garantir nossa presença em todos os espaços sociais. Pode parecer utópico, pode ser. Mas talvez, daqui há alguns anos, seja real. Enquanto existir apenas uma de nós em cada espaço, significa que muitas de nós ficaram para trás. Isso precisa mudar!

Enquanto a sociedade cisheteronormativa se manter como a regra, sempre haverá, em algum canto, uma Mulher transexual, travesti, tentando recalculando a rota da sua vida em busca da sobrevivência. E podem ter certeza de que continuaremos lutando para sair desse aprisionamento social, custe o que custar!

Os sentidos do envelhecimento tecidos nessas linhas falam também do respeitar-se, de olhar para a longa estrada que pés cansados sob os saltos altos trilharam. Das marcas, das cicatrizes, dos cabelos mais finos, da automedicação com a hormônio terapia, do uso clandestino do silicone industrial, da cruel força do tempo sobre nossos corpos e nossas plásticas, mas também da nossa teimosia em não morrer. Falam da coragem de descer do salto

pela sua causa, pelos seus sonhos. Recomeçar, depois de tantos “nãos”, requer coragem, muita coragem. Envelhecer para uma mulher trans é sempre assustador. Sua identidade será contestada e negligenciada pela sociedade heterocisnormativa, e até mesmo por algumas trans/travestis mais jovens que, de um modo pejorativo e cruel, deslegitimam suas lutas, suas marcas e seus corpos cansados da guerra, quando se dirigem a elas dizendo: “Ai, aquele velho!”, “Aquele senhor travestido”, entre outras falas impronunciáveis, revelando um ataque desumano e violento, no auge da sua juventude e ignorância sobre o ato de se manter viva, sendo uma mulher transexual/travesti numa sociedade transfóbica e hipócrita.

Termino esta dissertação com alegria e saudades. Deisy, figura que me causava medo, e habitava meu imaginário desde quando eu era uma criança, e logo que transicionei tornou-se minha irmã mais velha. Ríamos de tudo e trocávamos muito sobre a vida. Ela, que não queria muito pra si, apenas almejava a aposentadoria para uma velhice mais estável, depois de uma vida em tantas atividades distintas, tantas batalhas. Ela, que compartilhava seu cafezinho docinho e um amor gratuito para todos os seus amigos que se sentavam no seu sofá, partiu aos 64 anos, logo depois da entrevista. Confesso que precisei **recalcular minha rota** para olhar essa pesquisa, para reler suas falas e novamente ouvir seus áudios e suas risadas. Foi muito difícil!

Sua história e seu falecimento, sem conseguir se aposentar, destacam a urgência de promover mudanças estruturais para garantir um envelhecimento digno e respeitoso para todas as mulheres trans e travestis. Sendo que, enquanto eu, agora usufruindo do direito de estar trabalhando, após mais de 6 anos de luta para sair da prostituição e acessar o mercado de trabalho, não me canso de pensar como mudar essa triste realidade para que outras Deyses provem da tranquilidade de um futuro minimamente tranquilo.

Que um pouco de sua história possa permanecer viva nesta pesquisa.

Ademais, este estudo não apenas lança luz sobre as adversidades enfrentadas por essas mulheres, mas também ressalta a importância de políticas públicas e medidas que assegurem o pleno exercício de seus direitos ao longo de suas vidas.

Por fim, deixo aqui seu recado para as futuras gerações trans e travestis:

*“Meu recado para a nova geração: Procure se gostar um pouco mais, procure se respeitar, e respeitar [os outros], porque se você não se der ao respeito, não poderá procurar o respeito de ninguém, é isso, assim. Aprender a se respeitar, a se gostar, porque a vida não é fácil. Tudo se baseia no respeito. A partir do momento em que aprender a respeitar e ser respeitada, a vida será mais fácil para você...vai devagarzinho. Nada do dia para a noite, vai devagarzinho para entender a sociedade. É através do respeito que você consegue ir até o fim, até o fundo”.Deisy. 06/03/1959- 20/07/2023.*

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio. Racismo estrutural. São Paulo. Jandaíra, 2019.

AMARAL, M. dos S. *et al.* “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 301-311, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dMZrH9BgyrHNGg8HFbrrdvp/?lang=pt>. Acesso em: 7 dez. 2023.

ANTUNES, P. P. S. **Travestis envelhecem?** Dissertação (Mestrado em gerontologia), 2010. Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12364>. Acesso em: 11 dez. 2023.

ANTUNES, P. P. S.; MERCADANTE, E. Travestis, envelhecimento e velhice. **Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 10 especial, p. 109-132, 2011. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2011v14iEspecial10p109-132>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9902>. Acesso em: 7 dez. 2023.

BARROS, M. M. L. de. **Trajetória dos estudos de velhice no Brasil.** **Sociologia** (Lisboa), v. 52, p. 109-132, 2006.

BENEVIDES, B. Brasil lidera consumo de pornografia trans no mundo [e de assassinatos]. **Híbrida**, 2020.

BENEVIDES, B. G. (Org.). **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021.** Brasília: Distrito Drag, Antra, 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2023.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BENTO, B. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos.** Salvador, EdUFBA, 2017. Disponível em: <https://repositoriodev.ufba.br/bitstream/ri/26037/1/Transviadas-BereniceBento-2017-EDUFBA.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2023.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Edusp, 1999.

DEBERT, G. G. O significado da velhice na sociedade brasileira. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 13, n. spe, p. 147-158, 2000. Disponível em: [https://acta-ape.org/wp-content/uploads/articles\\_xml/1982-0194-ape-S0103-2100200000013000373/1982-0194-ape-S0103-2100200000013000373.pdf](https://acta-ape.org/wp-content/uploads/articles_xml/1982-0194-ape-S0103-2100200000013000373/1982-0194-ape-S0103-2100200000013000373.pdf). Acesso em: 7 dez. 2023.

JESUS, J. G. Trans-formações: poder e gênero nos novos tempos. **Anais do 18º Congresso Brasileiro de Psicodrama.** Brasília: Federação Brasileira de Psicodrama, 2012.

KER, J. Brasil líder Mundial de Assassinatos trans pelo 14º ano consecutivo. *Híbrida*, 2023. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/brasil/brasil-lider-assassinatos-trans/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

LOVISON, R.; SANTOS, M. M.; KLEIN, M. L. Travestis: corpos banhados pelo envelhecimento sob análises bibliográficas. **Uningá Review**, v. 34, n. 3, p. 49-69, 2019.

MEIHY, J. C. S. B; RIBEIRO, S.L.S. **Guia prático de História Oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MENDONÇA-MAGRO, V. M. Espelho em negativo: a idade do outro e a identidade etária. In: GUSMÃO, Neusa. (org.). **Infância e velhice**: pesquisa de ideias. Campinas: Átomo-Alínea, 2003. p. 33-46.

MENDONÇA, V. M. De. O plano municipal de educação e a “ideologia de gênero”: cenas e discursos da mídia e a discriminação de jovens LGBTT nas escolas. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 01-21, 2017.

MOTTA, A. B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, n. 13, p. 191-221, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327>. Acesso em: 7 dez. 2023.

MOUNTIAN, I. Aspectos sobre travestilidade e envelhecimento: história, corpo e imigração. **Quadernos de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 31-44, 2015. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v17-n3-mountian>. Acesso em: 7 dez. 2023.

PORTELLI, A. Entrevista com Alessandro Portelli. **Revista Historiar**, v. 3, n. 4, 2011. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/53>. Acesso em: 7 dez. 2023.

PORTELLI, A. História Oral e poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.

REY G. F. L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thompson, 2003.

ROVAI, M. G. O. **Escutas sensíveis, vozes potentes**: diálogos com mulheres que nos transformam. Teresina: Cancioneiro, 2021.

SANDER, V.; OLIVEIRA, L. H. de. “Tias” e “novinhas”: envelhecimento e relações intergeracionais nas experiências de travestis trabalhadoras sexuais em Belo Horizonte. **Sociedade e Cultura**, v. 19, n. 2, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v19i2.48671>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/48671>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SIMAKAWA, V. V. Considerações Transfeministas sobre Linguagem, Imaginação e Decolonialidade: A Identidade de Gênero como Categoria Analítica: A Identidade de Gênero como Categoria Analítica. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 452-471, 2020.

SIQUEIRA, M. S. **Sou senhora**: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87032>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SOICH, M. De la esencia al proceso. Análisis lingüístico de la construcción de representaciones discursivas sobre la identidad de género en historias de vida de personas trans. **Romanica Olomucensia**, n. 1, p. 21-42, 2018.

YORK, S. W.; OLIVEIRA, M. R. G.; BENEVIDES, B. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n75614>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/75614>. Acesso em: 7 dez. 2023.

**ANEXO A – (MODELO) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E BIOLÓGICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DA  
CONDIÇÃO HUMANA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

Eu, Thara Wells Corrêa, estudante do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (Sorocaba) o(a) convido a participar, de forma voluntária e anônima ao conceder-me uma entrevista, da pesquisa **“Os Sentidos do Envelhecimento: Mulheres Transexuais e Travestis na Cidade de Sorocaba- SP”**, orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kelen Christina Leite. O objetivo dessa pesquisa é analisar os sentidos do envelhecimento nas narrativas de história de vida de mulheres transexuais e travestis com mais de 35 anos na cidade de Sorocaba, considerando as relações entre raça, classe e identidade de gênero.

Você foi selecionada por ser uma mulher transgênero a responder uma entrevista pouco estruturada com alguns tópicos sobre aspectos que envolvem o tema da pesquisa. A entrevista será individual e realizada no local que preferir. As perguntas não serão invasivas à intimidade, entretanto, caso a participação gere estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações, os participantes terão garantidas pausas, liberdade de não responder alguma pergunta e podem interromper a entrevista a qualquer momento.

Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área das ciências humanas, com construção de novos conhecimentos e identificação de novas alternativas e possibilidades para estudos das mulheres transgênero.

Sua participação é **voluntária** e a qualquer momento a senhora pode desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação a pesquisadora, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o **sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo**. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de **anonimato** nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação. Ainda, solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas. As gravações realizadas durante a entrevista serão transcritas e utilizadas apenas para fins científicos.

Você receberá uma via deste termo, a ser assinado por você, pela pesquisadora e orientadora, onde constam os contatos das pesquisadoras. Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se por qualquer um dos contatos abaixo a qualquer momento.

---

Thara Wells Corrêa

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba) / Telefone: (15) 99625-9749 / E-mail: thara.wells@estudante.ufscar.br

---

Profa. Dra. Kelen Christina Leite (Orientadora)

Departamento de Ciências Humanas e Educação/Universidade Federal de São Carlos  
(UFSCar/Sorocaba) / Telefone: (15) 98126-5799 / E-mail: kelen@ufscar.br

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.**

Sorocaba/SP \_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Nome do(a) Participante Assinatura do(a) Participante

**E agora (cis) tema,  
como irá me excluir?**

Ouvi que o pretexto era a falta da  
educação, que você mesmo me excluiu,  
em todas as vezes que riu de mim,  
me levando para bem longe do calor, do  
abraço, do sorriso, do afago e do amor.

**E agora (cis) tema,  
como irá me humilhar?**

Nas noites e noites que chorei sozinha  
no breu, no frio, perda de esquina em  
esquina, contando poucas notas; você  
me viu e me confortou dizendo:  
**Seu Lugar é Aqui!**

**E agora (cis) tema,  
como irá me incluir?**

Quando bati à sua porta procurando  
por oportunidades, você disse não!

Alegou que faltava a inteligência,  
a graduação, os certificados,  
os idiomas... Mas se esqueceu que foi  
você mesmo que me violentou, me  
fazendo desacreditar.

**E agora (cis) tema,  
como irá se justificar?**

A falta de experiência comprovada,  
do conhecimento prático, a falta disso,  
a falta daquilo...

Hoje não me falta nada;

Hoje só me sobra coragem  
para te questionar:

**E agora (cis) tema,  
como você irá me impedir?**

Sei que achará uma maneira,  
mas me mantenho viva,  
só pra você me aplaudir.

**E AGORA CIS(TEMA)?**